

FREDERICO QUEIROZ BRUMANO PINTO

**AVALIAÇÃO DO ECOTURISMO EM TRÊS MUNICÍPIOS  
DO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO  
BRIGADEIRO (PESB)-MG**

Tese apresentada à  
Universidade Federal de Viçosa,  
como parte das exigências do  
Programa de Pós-Graduação em  
Ciência Florestal, para a  
obtenção do título de *Magister  
Scientiae*.

VIÇOSA  
MINAS GERAIS – BRASIL  
2005

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e  
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

P659a Pinto, Frederico Queiroz Brumano, 1971-  
2005 Avaliação do ecoturismo em três municípios do  
entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro  
(PESB) - MG / Frederico Queiroz Brumano Pinto.  
– Viçosa : UFV, 2005.  
xvi, 124f. : il. ; 29cm.

Inclui anexos.

Orientador: Wantuelfer Gonçalves.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 118-124.

1. Ecoturismo - Parque Estadual da Serra do  
Brigadeiro (MG). 2. Desenvolvimento sustentável -  
Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (MG).  
3. Paisagens. 4. Parque Estadual da Serra do Brigadeiro  
(MG). - Aspectos ambientais. I. Universidade Federal de  
Viçosa. II. Título.

CDD 22.ed. 634.990711

FREDERICO QUEIROZ BRUMANO PINTO

**AVALIAÇÃO DO ECOTURISMO EM TRÊS MUNICÍPIOS  
DO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO  
BRIGADEIRO (PESB)-MG**

Tese apresentada à  
Universidade Federal de Viçosa,  
como parte das exigências do  
Programa de Pós-Graduação em  
Ciência Florestal, para a  
obtenção do título de *Magister  
Scientiae*.

APROVADA: 26 de julho de 2005.

---

Prof. Elias Silva  
(Conselheiro)

---

Prof. Gumercindo Souza Lima  
(Conselheiro)

---

Prof. Laércio Antônio Gonçalves Jacovine

---

Pesq. Rodrigo Silva do Vale

---

Prof. Wantuelfer Gonçalves  
(Orientador)

Aos meus pais, Maria Dolôres (Dorinha) e Onofre Brumano,  
pelo incentivo e apoio em todas as horas.  
E, principalmente, por terem feito tudo que puderam para a  
formação dos seus filhos.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus; ao meu pai, pelas sugestões e apoio; à minha mãe, pelo carinho e incentivo; aos meus irmãos (Ramiro, Thais e Leopoldo) e meu cunhado Leonardo, por terem sempre estado ao meu lado.

Ao Professor Wantuelfer Gonçalves, pela orientação cuidadosa, pacientemente procurando o melhor caminho, bem como pelas sugestões, idéias e dedicação que foram fundamentais para a elaboração deste trabalho.

Aos professores Elias Silva e Gumercindo Souza Lima, pelo apoio e pelas ricas sugestões em todas as fases deste trabalho.

Aos meus grandes amigos, Helton Nonato, Flávio Vitarelli, Éder Mól, Fabiano Goulart e Fernando Mello, pelas idéias, sugestões e apoio.

Aos meus amigos Dora Neves, Guilherme Moraes, João Marcos Araújo, Maria Esther Abreu, Ronald Gomes, Fernando Gomes, Kiko Mollica, Celice Alexandre, Gualter Floresta, Cíntia Barros, Evandro Carlos, Virgínia Mello e Diogo Fiche.

Aos Professores Sérvulo Rezende, Laércio Jacovine e Hélio Garcia Leite. Ao pesquisador Rodrigo Silva do Vale. A todos os colegas de curso, em especial: Ana Paula Silva, Luís Eduardo Coura, Rafaela Rinaldi, Fernanda Freitas e Elcio Ferraz, pela amizade e boa convivência durante esses dois últimos anos.

Aos meus familiares: avó, tios, tias e primos, pela torcida.

Aos funcionários do Departamento de Engenharia Florestal, sempre solícitos.

À Universidade Federal de Viçosa (UFV) e ao Departamento de Engenharia Florestal (DEF), pela oportunidade de realização do Mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro.

Enfim, a todos que acreditaram e puderam contribuir de alguma forma para a realização deste trabalho.

## **BIOGRAFIA**

FREDERICO QUEIROZ BRUMANO PINTO, filho de Maria Dolôres Queiroz Brumano e Onofre Cristo Brumano Pinto, nasceu em Viçosa, Estado de Minas Gerais, em 25 de novembro de 1971.

Concluiu o segundo grau no Colégio Universitário (COLUNI), na cidade de Viçosa.

Em agosto de 1999, graduou-se em Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG.

Em julho de 2003, foi admitido no curso de mestrado em Ciência Florestal, na Universidade Federal de Viçosa, defendendo tese em julho de 2005.

## ÍNDICE

	Página
LISTA DE FIGURAS.....	vii
LISTA DE FOTOS.....	viii
LISTA DE QUADROS.....	xii
RESUMO.....	xiii
ABSTRACT.....	xv
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. OBJETIVOS.....	3
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	4
3.1. CONCEITOS.....	4
3.2. O TURISMO E A PAISAGEM.....	9
3.3. O TURISMO E O MEIO AMBIENTE.....	14
3.4. O TURISMO E O PATRIMÔNIO.....	23
3.5. POLÍTICAS E LEGISLAÇÃO.....	26
4. MATERIAIS E MÉTODOS.....	34
4.1. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	37
4.1.1. ARAPONGA.....	37
4.1.2. FERVEDOURO.....	42
4.1.3. MIRADOURO.....	47
4.1.4. O PESB.....	51

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	58
5.1. OS EMPREENDIMENTOS DO SETOR TURÍSTICO.....	58
5.1.1. ARAPONGA.....	58
5.1.2. FERVEDOURO.....	69
5.1.3. MIRADOURO.....	83
5.2. ENTREVISTAS.....	87
5.2.1. COMUNIDADE LOCAL DE ARAPONGA.....	87
5.2.2. COMUNIDADE LOCAL DE FERVEDOURO.....	91
5.2.3. COMUNIDADE LOCAL DE MIRADOURO.....	95
5.2.4. OS TURISTAS.....	99
5.2.5. O GERENTE DO PESB.....	105
5.3. ESTUDO COMPARATIVO.....	109
6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	115
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	119
ANEXOS	



## LISTA DE FIGURAS

Página

1	Localização, acessos e informações gerais sobre os locais estudados (Fonte: IEF/CEDEF, 2004).	36
2	Principais motivos que têm atraído pessoas para o município e região segundo a comunidade local de Araponga.	88
3	Grau de envolvimento dos moradores de Araponga quanto aos projetos de turismo, meio ambiente, empresários do setor, turistas e ONG's.	90
4	Principais motivos que têm atraído pessoas para o município e região segundo a comunidade local de Fervedouro.	92
5	Grau de envolvimento dos moradores de Fervedouro quanto aos projetos de turismo, meio ambiente, empresários do setor, turistas e ONG's.	93
6	Principais motivos citados pela comunidade local de Miradouro, como sendo aqueles que têm atraído pessoas para o município e região.	96
7	Grau de envolvimento dos moradores de Miradouro quanto aos projetos de turismo, meio ambiente, empresários do setor, turistas e ONG's.	98
8	Meios pelos quais os entrevistados tiveram conhecimento do município visitado.	100
9	As condições de acesso aos locais visitados, segundo os turistas entrevistados.	103
10	Principais motivos que tem atraído pessoas para os locais estudados, segundo os entrevistados.	110
11	Grau de envolvimento dos entrevistados nos três municípios.	111

## LISTA DE FOTOS

Página

1	Vista da área urbana do município de Araponga, onde se nota a influência da cultura do café na paisagem.	37
2	Paisagem tipicamente rural, mostrando o contraste da montanha com forma arredondada e o uso do solo nas áreas de relevo mais suave.	39
3	Vista da praça central de Araponga, mais usada pelos moradores.	40
4	Aterro controlado em Araponga.	41
5	Paisagem típica no meio rural, com pastagens, matas em topos de morros e a serra ao fundo.	43
6	Vista da área urbana de Fervedouro, localizada às margens da BR-116.	45
7	Única praça pública da cidade de Fervedouro, com a Igreja matriz ao fundo.	45
8	Vista de uma das ruas do distrito de Bom Jesus do Madeira, com destaque para a inusitada formação (ao fundo) de gigantescos blocos de rocha, dentre eles o Pico do Boné.	47
9	Vista da praça central de Miradouro, bem cuidada e arborizada, é bastante usada pela comunidade	49
10	Vista de parte do patrimônio arquitetônico de Miradouro.	49
11	Paisagem na estrada, rica em elementos naturais, próxima à área urbana de Miradouro.	50

12	Placa de sinalização em estrada próxima ao centro urbano de Araponga. .....	52
13	Vista da paisagem na estrada que passa pelo PESB, na Ermida Antônio Martins. .....	53
14	Casa sede da pousada e, ao fundo, a Serra das Cabeças. .....	59
15	Chalés construídos com materiais típicos do meio rural. .....	59
16	Vista da ‘prainha’, principal atrativo da pousada. .....	60
17	Fachada da pensão e restaurante Santa Maria, inaugurada há mais de cinquenta anos. .....	62
18	Pensão e restaurante Milagris, recentemente inaugurada. .....	63
19	Piscina natural próxima à área de camping, um dos atrativos mais procurados. .....	64
20	Placa de sinalização e informações, em uma das trilhas. .....	65
21	Instalações sanitárias. .....	66
22	Piscina natural Remanso, principal atrativo e que dá nome ao camping. .....	67
23	Área de camping, localizado no percurso do rio. Latões de lixo são dispostos em vários pontos. .....	68
24	Pousada Xodozinho, localizada às margens da BR-116. .....	69

25	Pousada Fervedouro, localizada às margens da BR-116.	70
26	Casa sede e restaurante ao lado.	71
27	A pousada próxima à mata, localizada logo a frente do restaurante e da casa sede.	72
28	Forno e fogão a lenha: equipamentos do meio rural.	73
29	Uma das piscinas naturais da pousada.	74
30	Paisagem típica da fazenda com a Pedra do Saco do Bode ao fundo.	75
31	Casa sede e espaço para eventos ao lado.	76
32	Uma suíte da pousada, adequada à paisagem rural.	77
33	Fachada da pousada e restaurante Brigadeiro.	79
34	Fachada da pensão e restaurante Dona Eva.	80
35	Fachada do Hotel Poços de Fervedouro, mostrando as marcas de seu estado de abandono.	82
36	Interior de uma das suítes do hotel, ainda em bom estado de conservação.	82
37	Piscina de água natural em Fervedouro, vendo-se ao fundo, a APA municipal.	83
38	Fachada do Hotel e Restaurante Miragem.	84
39	Interior de uma das suítes do Hotel Miragem.	85

40	Fachada do W Hotel e Restaurante.	86
41	Fachada do Posto Pinheiros, Restaurante e Hotel.	87
42	Uma das portarias do PESB, em Araçatuba.	107
43	Interior do centro de visitantes do PESB, mostrando parte de sua infra-estrutura.	107

## LISTA DE QUADROS

Página

1 Quadro comparativo dos três municípios estudados.

Itens de 1 a 8: Fonte IBGE (2001).

Itens 9 a 21: Fonte prefeituras municipais e pesquisa *in loco*.

Itens 22 a 24: Fonte FJP (2005).

.....113

## RESUMO

PINTO, Frederico Queiroz Brumano, M.S., Universidade Federal de Viçosa, Julho, 2005. **Avaliação do ecoturismo em três municípios do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB) – MG.** Orientador: Wantuelfer Gonçalves. Conselheiros: Elias Silva e Gumercindo Souza Lima.

Neste trabalho, foram pesquisados três dos oito municípios que compõem o Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB): Araponga, Fervedouro e Miradouro. O trabalho tem como objetivo avaliar a influência que o ecoturismo pode estar causando na paisagem, na economia, no meio ambiente e no meio sócio-cultural destas comunidades. Como instrumentos para a coleta dos dados foram desenvolvidos revisão literária acerca do tema, visitas aos locais estudados, onde foi possível realizar entrevistas semi-estruturadas com empreendedores do setor turístico, com uma parcela representativa dos atores sociais (comunidades locais) e também com os turistas. Foram utilizadas fotografias feitas com câmera digital para os registros e posterior análise dos aspectos paisagísticos e ambientais entre outros; e também mapas. Pelas entrevistas com os atores sociais, pode-se concluir que em Araponga, a comunidade se mostrou mais informada/envolvida em relação às questões ambientais, com os turistas e com

empresários do setor; em Fervedouro o grau de envolvimento da comunidade se mostrou maior com relação ao meio ambiente e aos projetos de turismo; já em Miradouro, os atores sociais se mostraram mais informados com relação ao meio ambiente. Com relação aos turistas, pode-se dizer que 90% dos entrevistados estavam realizando atividades que se enquadram no segmento ecoturismo. A maioria dos entrevistados respondeu que tiveram conhecimento dos atrativos através da indicação de amigos. Araçuaia e Fervedouro têm sido os destinos mais procurados, sendo que em Araçuaia já existe um movimento mais constante tanto nos campings quanto em pousada. Em Fervedouro o acesso tem sido um grande problema para os empreendedores. A influência do ecoturismo nos municípios estudados ainda é pequena em função de a atividade estar se desenvolvendo lentamente, mas já pode ser notada. A paisagem tipicamente rural e serrana foi sendo alterada ao longo do tempo principalmente pelo uso do solo, nas culturas agrícolas. Nota-se uma grande preocupação entre os empresários do setor em manejar bem seus resíduos, em adequar os projetos à paisagem do entorno e em conservar seu maior atrativo: a natureza.



## ABSTRACT

PINTO, Frederico Queiroz Brumano, M.S., Universidade Federal de Viçosa, July, 2005. **Valuation of ecologic tourism in three municipalities around the Serra do Brigadeiro State Park (SBSP) – MG.** Adviser: Wantuelfer Gonçalves. Committee Members: Elias Silva and Gumercindo Souza Lima.

In this work, three of the eight municipalities that form the Serra do Brigadeiro State Park (SBSP) were investigated: Araponga, Fervedouro and Miradouro. The objective of this work was to evaluate the effect of the ecologic tourism upon the landscape, on the economics, on the environment and on the social and cultural environment of these communities. As tools for data collection a literature review and visitation of the places studied were made and it was possible to carry out interviews partially structured with agents of the tourist sector, with a representative part of the social agents (local communities) and also with tourists. Computer camera photographs were done to register and later to analyse the landscape and environmental aspects among others as well as maps. From the interviews with the social agents it could be concluded that in Araponga the community showed to be more aware and involved in relation to the environmental issues, tourists and entrepreneurs of the sector. In Fervedouro the degree of involvement of the community showed to be better in relation to the environment and tourism projects. Yet in Miradouro, the social agents showed to be more aware of

the environment. Referring to the tourists it could be said that 90% of the interviewed were involved in activities classified in the ecologic tourist sector. The interviewed individuals answered that they came to know about the attractions through indication of friends. Araçuaia and Fervedouro have been the most searched destinations and in Araçuaia a more constant move already exists both in camping's and inns. In Fervedouro the greater problem for the entrepreneurs has been the access. It can be observed that a great concern among the entrepreneurs is to manage well the residuals, to properly adapt the projects to the surrounding landscape and preserve their greatest attractive: Nature. The influence of ecologic tourism in the municipalities studied is still small due the slow development of this activity but it can already be noted. The typical rural and mountainous landscape has undergone changes along time mainly by the use of the land for agriculturist crops.

## 1. INTRODUÇÃO

O Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), localizado na Zona da Mata de Minas Gerais, foi criado em 1996. Recentemente (em março de 2005) foi aberto oficialmente à visitação pública, possuindo infra-estrutura como portarias oficiais, centro de visitantes e instalações para pesquisa.

A região abriga importantes áreas remanescentes da Mata Atlântica e pontos de rara beleza. O aumento do número de pessoas visitando a região já uma realidade, pois à medida que a urbanização avança, a vida nas cidades se torna mais difícil pela presença constante e cada vez mais elevada da poluição sonora, visual, do ar e da água, exigindo do ser humano o contato com áreas verdes onde haja água e ar puros, silêncio e um reencontro com a natureza.

Neste sentido, com relação ao turismo interno, dados do MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, DO COMÉRCIO E DO TURISMO – EMBRATUR (2004) confirmam que o número de desembarques nacionais de passageiros vem crescendo continuamente nos últimos sete anos. Tal crescimento se acentuou nos últimos dois anos em função da alta do dólar. Ao final de 2001, o número de desembarques nacionais chegou a 32,6 milhões, com incremento de 14,3% em relação ao ano anterior.

Isso prova que é uma atividade em ascensão e, como qualquer outra, gera inúmeros impactos positivos e negativos. Por um lado, pode-se citar o aumento de empregos, infra-estrutura, melhoria de serviços; por outro, o uso dos recursos ambientais, que muitas vezes ultrapassa os limites aceitáveis de mudança.

Portanto, falar de turismo é discutir muitos assuntos interligados. O tema em si não pode ser visto isoladamente. O turismo está diretamente ligado aos aspectos econômicos, ambientais, sociais e culturais sendo, portanto, um assunto bastante vasto.

O setor foi se fragmentando e atualmente existem vários segmentos de turismo, conforme a demanda. Como exemplos: o turismo da terceira idade, o esportivo, o religioso, de saúde, o cultural, o ecoturismo, o turismo rural, o pedagógico, entre outros. As definições destes segmentos ainda causam divergências entre autores, não estando bem consolidados.

No entanto, o turismo não deve ser visto como uma panacéia para o desenvolvimento de uma região. As reais potencialidades e formas de atuação devem

ser bem estudadas em cada caso. Segundo CARVALHO (2003), o grande perigo atual é ver no turismo o ‘remédio’ para todos os males que afligem os municípios. A responsabilidade sobre a manutenção da qualidade ambiental dos destinos turísticos é de todos, inclusive do próprio turista.

O Brasil, dada a sua extensão territorial, tem em seu território diversos ecossistemas e cada um com suas peculiaridades e características, que já têm seu potencial turístico comprovado; no entanto, nosso país tem explorado principalmente o chamado turismo de praia e belezas naturais. A riqueza de nossa cultura ainda pode ser mais bem explorada. Afinal, são muitas as manifestações culturais de variadas regiões que não de terminar refletindo em nossos costumes através da culinária, das festas populares e artes em geral. Tudo isso reforçado substancialmente pelo nosso clima e diversidade étnica.

Portanto, nosso país tem todas as condições de explorar a atividade turística em suas mais diversas formas e/ou segmentos. Compete à sociedade (conscientizada) e aos governos (federal, estadual e municipal), juntamente com a iniciativa privada e parcerias que possam surgir, a condução dessa atividade com responsabilidade para alcançar o sucesso.

Felizmente, em termos de Brasil, esta conscientização tem se manifestado em vários segmentos da sociedade, principalmente na esfera governamental. São exemplos as diversas Unidades de Conservação, dentre as quais se situa o PESB, que já possui em seu entorno municípios que desenvolvem alguma atividade turística. Tais municípios têm como principais atividades econômicas, a agricultura e a pecuária. No entanto, o desenvolvimento de atividades turísticas - de forma organizada e bem planejada - certamente deverá contribuir positivamente na economia dos municípios, em sua paisagem e nos aspectos culturais.

## **2. OBJETIVOS**

Este trabalho tem como objetivo geral:

- Avaliar a influência do ecoturismo e seu atual desenvolvimento em três dos municípios que compõem o PESB: Araponga, Fervedouro e Miradouro.

Os objetivos específicos são:

- Avaliar a relação do turismo com a paisagem e de que forma ele pode contribuir na paisagem urbana e rural dos municípios;
- Investigar a possibilidade de a atividade turística resgatar valores culturais e do patrimônio dos municípios analisados;
- Verificar como a atividade turística pode incrementar a economia destes municípios;
- Avaliar os possíveis impactos ambientais causados pela atividade turística;
- Subsidiar a difusão de conceitos junto aos atores sociais representativos, para que sejam amenizados os impactos negativos causados pelas atividades turísticas.

### 3. REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1. CONCEITOS

Para BARROCO (2002), a expressão *turista* é relativamente recente. Começou a ser utilizada no início do século XIX para designar aqueles que “viajavam por prazer”. Mas, atualmente, a expressão turista tem um sentido mais amplo.

Na segunda metade do século XVIII, passou a ser normal para os jovens ingleses, das camadas sociais mais elevadas, complementarem a sua educação com uma viagem ao Continente, que era designada, na Inglaterra, pela expressão “fazer a *Grand Tour*” ou, mais tarde, apenas a “*Tour*”. As pessoas que faziam esta viagem - a *Tour* - eram designadas de “*Touristes*”. A palavra foi, posteriormente, introduzida na França por um escritor, passando a designar toda pessoa que fazia uma viagem em busca do próprio prazer.

Na acepção moderna, a expressão **turista** refere-se às pessoas que se deslocam para fora da sua residência habitual. Mas sempre há pessoas que se deslocam para fora da sua residência, mesmo não sendo considerados turistas. É o caso dos que vivem nos arredores dos centros urbanos para os quais se deslocam diariamente por diversas razões: administrativa, científica, religiosa, diplomática, desportiva e outras. Então, para que uma pessoa possa ser considerada como **turista** é necessário que se desloque para um local diferente da sua residência habitual e aí permaneça por um tempo convencionalmente superior a 24 horas. Apenas isto. Não são consideradas turistas, as pessoas com ou sem contrato de trabalho, que se deslocam para um país qualquer visando exercer atividades autônomas ou com vínculo empregatício; as pessoas que ali fixem o seu domicílio; os viajantes em trânsito, mesmo se a viagem durar mais de 24 horas (BARROCO, 2002).

Existe distinção entre visitante e turista, que habitualmente se confundem, mas que têm uma diferença essencial. Os **visitantes** são todos os que chegam às fronteiras e, por isso, é habitual falar em “chegadas”, mas só são **turistas** os que permanecem mais de 24 horas. A diferença entre eles não é meramente estatística: os **excursionistas**, que adicionados aos **turistas** constituem o grupo de **visitantes**, não se utilizam dos alojamentos e limitam as suas visitas à proximidade das fronteiras (BARROCO, 2002).

A primeira definição de **turismo**, segundo HUNZIKER & KRAPF (1942), citados por BARROCO (2002), “é o conjunto das relações e fenômenos originados pelo

deslocamento e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocamentos e permanências não sejam utilizados para o exercício de uma atividade lucrativa principal, permanente ou temporária”. Os aspectos recreativos, educativos e culturais levam a considerar o turismo não apenas como um fenômeno econômico, mas, antes de tudo, como um fenômeno social não evidenciado nesta definição.

Assim sendo, em 1991, a ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO (OMT), citada por BARROCO (2002), apresentou uma nova definição entendendo que: “o turismo compreende as atividades desenvolvidas por pessoas ao longo de viagens e estadas em locais situados fora do seu *enquadramento habitual* por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, para fins recreativos, de negócios e outros”.

Mais completa e correta nos parece a definição de MATHIESON & WALL (1982), também citados por BARROCO (2002), em que “o turismo é o movimento temporário de pessoas para destinos fora dos seus locais normais de trabalho e de residência; as atividades desenvolvidas durante a sua permanência nesses destinos e as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades”.

Esta definição enfatiza a complexidade da atividade turística e deixa perceber, implicitamente, as relações envolvidas.

Os diferentes comportamentos dos turistas e as motivações que estão na origem das suas deslocações, de acordo com BARROCO (2002), permitem-nos distinguir entre **turismo de minorias**, a que é hábito chamar, enfaticamente, turismo de qualidade, e o **turismo de massas**.

**O turismo de minorias** pode ser tomado em dois sentidos, isto é, quantitativo e qualitativo. O primeiro ocorre quando os turistas são quantificados em relação à totalidade dos turistas recebidos por determinado país, ou dos que saíram do país de que procedam. Tomada nesta acepção, a expressão “turismo de minorias” pouco nos diz e, então, preferimos tomá-la no sentido qualitativo, isto é, do turismo realizado por indivíduos isolados (o turismo individual) ou formado por pequenos grupos caracterizando-se por um princípio de seleção econômica ou cultural.

**O turismo de massas** é o realizado pelas pessoas de menor nível de rendimentos, viajando, na sua maioria, em grupos, sendo escassos os seus gastos, a sua permanência de curta duração, ocupando, em regra, os estabelecimentos hoteleiros de menor categoria e os meios complementares de alojamento (parques de campismo, apartamentos, quartos particulares, etc.).

Neste sentido, com relação à massificação da atividade turística, BARROCO (2002), afirma que se por um lado o acesso às viagens corresponde a um direito inalienável dos homens (a todos deve ser reconhecido o direito ao usufruto dos bens a que só o turismo dá acesso); por outro, o acesso indiscriminado e massificado a esses bens pode destruí-los ou danificá-los irremediavelmente. Portanto, turismo tem de ser, cada vez mais, um ato de cultura e um ato cívico que se alcança com a educação e com a informação.

Para ROCHA (1997), em função da própria competitividade instaurada entre as empresas que atuam no ramo, bem como devido às novas exigências da demanda, a atividade turística foi segmentando-se. Neste contexto, o ecoturismo destaca-se como um importante segmento, pois envolve o turista diretamente com o meio ambiente e vem apresentando crescimento em ritmo significativo, tanto no volume quanto na importância. Estimativas oficiais chamam atenção para o fato de atualmente 10% dos viajantes serem ecoturistas.

Muitos segmentos certamente serão identificados ao longo do tempo, à medida que aumentam as opções de lazer. Presentemente, segundo ARAÚJO (2000), vários deles já foram identificados, dentre os quais seguidos dos respectivos conceitos, citam-se como exemplos:

**Turismo de férias:** realizado na época em que há cessação de trabalho habitual, ocasião em que predominam o repouso e o lazer (férias). Exemplo: praia.

**Turismo de aventura:** procurado por pessoas que buscam vivenciar emoções fortes, como a prática de esportes radicais. Exemplo: asa-delta, escalada.

**Turismo cultural:** tem por objetivo conhecer, analisar, pesquisar dados, obras ou fatos em suas mais variadas manifestações. Exemplo: cidades históricas.

**Turismo de negócios:** caracteriza-se pelas atividades de viagens com finalidades comerciais, mas com hospedagem e lazer, realizadas por pessoas que viajam a negócios. Exemplo: empresários a negócios em grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro.

**Turismo de saúde:** objetiva manter ou adquirir um bom funcionamento do estado físico e mental. Exemplo: repouso em estâncias hidrominerais como Araxá, Poços de Caldas e outras.

**Turismo religioso:** realizado por pessoas que buscam locais que expressem sentimentos místicos ou que despertem a fé. Exemplo: visitas a Aparecida do Norte, Congonhas do Campo e outras.



Os segmentos **turismo rural** e **ecoturismo** muitas vezes se confundem. Para ARAÚJO (2000), o uso do termo “turismo no espaço rural”, pode ser mais interessante que turismo rural, objetivando, assim, maior clareza conceitual posto que aquele termo reflete maior amplitude de oportunidades no meio rural. Portanto, essa terminologia envolve formas e atividades de turismo praticadas nas áreas rurais. Em outras palavras, turismo no meio rural pode ser considerado tudo que ocorre no meio rural, com relação ao aproveitamento do turismo. Complementando o uso desse termo, CAMPANHOLA (2000) afirma que o turismo no meio rural está relacionado a qualquer atividade de lazer e turismo que seja realizada em áreas rurais, envolvendo, além do agroturismo, outras atividades não relacionadas a propriedades agropecuárias produtivas, ou com a produção agropecuária. Geralmente, os termos ‘turismo no meio rural’ e ‘turismo rural’ são tratados como sinônimos de agroturismo.

Para o mesmo autor, uma outra modalidade de turismo que se inclui no conceito de ‘turismo no meio rural’ é o ecoturismo, que atualmente é uma atividade muito procurada pelos habitantes urbanos para se recuperarem do dia-a-dia estressante das grandes cidades. Por esta razão, constitui um dos mais dinâmicos mercados emergentes de nosso país.

Há, como no caso das outras modalidades de turismo, vários conceitos de ecoturismo. Para CEBALLOS-LAS-CURAIN (1998), citados por CAMPANHOLA (2000), é a realização de uma viagem a áreas naturais que se encontram relativamente sem distúrbios ou contaminação, com o objetivo específico de estudar, admirar e desfrutar a paisagem juntamente com suas plantas e animais silvestres, assim como qualquer manifestação cultural (passada ou presente) que ocorra nessas áreas.

Um outro conceito de ecoturismo é segundo EMBRATUR (1994) citada por AULICINO (1997), como um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas.

Para organizar melhor esses conceitos, RODRIGUES (2000a) diz que quando há uma nítida distinção fisionômica da área visitada, vinculada às atividades realizadas pela demanda, pode-se distinguir, com certa facilidade, o turismo rural do ecoturismo. Assim, roteiros de jovens hospedados em acampamentos, utilizando trilhas no interior de uma Unidade de Conservação podem ser nitidamente enquadrados como ecoturísticos. Sobre atividades como pesque-pague, cavalgadas e visita a fazendas de

pecuária leiteira de uma região, há um consenso em utilizar o rótulo de turismo rural. Caracterizar a paisagem, o tipo de empreendimento e o roteiro é talvez tarefa que precede as demais, na tentativa de estabelecimento de uma tipologia. A análise da demanda – sua origem, suas motivações para o deslocamento, o tempo de permanência, as atividades praticadas – representa outro procedimento metodológico bastante significativo na tarefa de uma classificação tipológica.

Para BENEVIDES (2000), no turismo ecológico temos a natureza como o principal atrativo, ou, do ponto de vista econômico, o produto central da modalidade, associa a idéia do contato do homem com a natureza, feito, porém, através da transferência da infra-estrutura urbana para a localidade, propiciando o isolamento do turista em relação à sociedade local. Já no turismo rural, há uma valorização maior da comunidade local e do seu modo de vida, dos seus costumes e valores. Neste caso, a natureza é vista como atrativo secundário, que auxilia na constituição da paisagem. Outra diferença importante entre as duas modalidades é a existência de legislação e programas governamentais para o turismo ecológico (ecoturismo). Devido à afinidade existente entre estas duas modalidades, muitos pontos da Política Nacional de Ecoturismo acabam atendendo demandas do turismo rural. Em ambos os casos, o pano de fundo é o espaço rural.

As iniciativas e experiências sobre ecoturismo no mundo ainda são limitadas e bem localizadas. Segundo LOBATO (1998), somente alguns países acreditaram nesta modalidade de turismo, destacando-se a Costa Rica, o Belize, a Guatemala e o Quênia. O mesmo autor comenta que o ecoturismo surge com um discurso que apela para a abrangência da natureza, sua beleza e exuberância, enquanto objeto de produto econômico, incorporando preocupações com o meio ambiente físico e com as questões socioculturais. Reflete, portanto, uma proposta de relação justa entre natureza e sociedade.

### 3.2. O TURISMO E A PAISAGEM

*“A paisagem é uma estrutura espacial que resulta da interação entre os processos naturais e atividades humanas.”*  
(Larrère (1997) citado por DIEGUES (2000)).

A paisagem pode ser definida simplesmente como “aquilo que a sua vista alcança”. Mais do que isso, pode ser vista como um lugar/espço a ser observado, que por sua vez pode ser natural ou construído. Os agentes climáticos e a própria dinâmica da vida fazem com que a paisagem esteja sempre mudando.

O conceito de paisagem envolve o conceito de imagem. MEINING (1978) citado por NEVES (1982), diz que as paisagens se mostram diferentes em função de quem as observa dada a carga cultural, maneira e frequência da observação. Qualquer paisagem é composta não apenas pelo que se entende defronte dos olhos, mas pelo que se encontra dentro das mentes, ou seja, somos capazes de ver aquilo que conseguimos interpretar.

Nada em termos de espaço e paisagem pode ser considerado imutável, pois a paisagem é dinâmica e de evolução constante. Todo espaço e toda paisagem são passíveis de modificações ao longo do tempo, variando de acordo com as modificações climáticas, as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais, que irão se refletir diretamente nestes elementos, que são sempre modificados e/ou adaptados às diferentes necessidades da sociedade e as suas gerações. Daí o surgimento de novas paisagens.

Por conta de tais modificações, a qualidade visual de um lugar ou paisagem pode alterar com o tempo e a sociedade poderá valorizá-los diferentemente. Mas esta mesma qualidade pode ter um alto valor em determinado período e, em decorrência de alguma alteração ao seu redor, apresentar esta qualidade reduzida.

Associam-se também à paisagem valores afetivos que serão diferentes para cada indivíduo e estes valores se associam a fatores psicológicos. Cada um de nós sempre guarda na memória a imagem de uma paisagem marcante, que muitas vezes tem um significado afetivo. Sobretudo os indivíduos que se mudaram de uma região para outra, sempre guardam na memória imagens da paisagem de sua região de origem. Pode-se

dizer, subjetivamente, que através de determinadas paisagens o homem busca o equilíbrio (NEVES, 1982).

BURLE MARX (1987), citado por RODRIGUES (2000b), afirma que embora o termo paisagem não informe nada acerca de suas características, é evidente que qualquer vista tem, para o observador, uma série de elementos que a definem e que a diferenciam de outras infinitas paisagens. A morfologia do terreno, a flora, a fauna, os recursos hídricos locais e a ação antrópica são elementos que, ao constituírem a paisagem, ao mesmo tempo a caracterizam de forma inconfundível.

De fato, a ação antrópica é notadamente a que mais transforma a paisagem, em curto prazo. Desde as primeiras civilizações, o homem, seja para a agricultura, para o estabelecimento das cidades ou para outros fins vem modificando a paisagem ao seu redor.

Segundo SPIRN (1995), na construção e manutenção de cidades, os seres humanos assumiram um papel dominante como agentes geológicos. A topografia das cidades é constantemente modificada. Colinas são niveladas, baixios aterrados, cursos d'água dragados. Os edifícios criam uma nova topografia, e a pavimentação, uma nova superfície do terreno. Os buracos perfurados para poços, fundações e túneis fazem uma nova conexão direta entre a superfície do solo e o substrato rochoso. Feitas para o benefício da sociedade, estas atividades podem ativar ou acelerar forças geológicas, precipitando desastres.

Para a mesma autora, o alcance do tempo geológico engana a memória humana e permite a ilusão de que o homem está no controle. A natureza intermitente dos eventos cataclísmicos leva à complacência. Os resultados dos processos geológicos são mais bem apreciados por uma visão geral que abranja um período de muitas gerações humanas.

A paisagem é um dos motores fundamentais do turismo. É uma indústria que necessariamente utiliza a paisagem como base para suas atividades. Em quase todos os seus segmentos, o turista procura por novas imagens, novas cores, sensações, ou seja, procura por paisagens que ele ainda não conhece ou que o fazem sentir-se bem.

De acordo com CRUZ (2002), para o turismo é o valor estético da paisagem que está em pauta. E a estética da paisagem turística é aquela ditada pelos padrões culturais de uma época. Hoje, essa estética tem uma estreita relação com modismos e com cultura de massa. Projetos de revitalização de centros históricos de capitais nordestinas, por exemplo, também têm gerado paisagens reconhecidamente artificiais. Apesar de a

filosofia motivadora de projetos dessa natureza pautar-se no resgate de traços arquitetônicos do passado, o uso indiscriminado de cores na pintura das fachadas de edifícios antigos - como forma de atrair o olhar do turista - tem transformado os conjuntos arquitetônicos, objetos de restauração naquelas cidades, em verdadeiras alegorias turísticas (CRUZ, 2002).

O exemplo citado ilustra um dos impactos negativos do turismo sobre a paisagem e indiretamente ao patrimônio. O turismo de massa pode acarretar uma artificialização da paisagem, a perda das diferenças. Em nome de uma estética massificada, constroem-se verdadeiros cenários idênticos. No caso do Brasil, será que o que é belo no sul do país pode ser interessante e funcional para o nordeste? Há de se valorizar as diferenças culturais (tão ricas em nosso país) que se refletem na arquitetura, como é o caso das cores usadas nas construções e também, as diferenças no próprio relevo, na vegetação, na paisagem.

A gestão das paisagens no Brasil ainda está muito aquém do ideal. Isso é percebido em diversos casos: a paisagem rodoviária não existe, nossas estradas não recebem um tratamento adequado, não há uma preocupação em integrar as estradas às paisagens por onde elas passam. Os cortes necessários feitos para a construção das mesmas não são revestidos e não há uma arborização adequada, ou seja, um paisagismo rodoviário. Salvo em alguns casos em que houve privatizações, com os recursos do pedágio tais ações se fazem notar de alguma forma. A arborização urbana quase sempre é tratada com pouca atenção, tanto que ainda são cometidos erros tais como a escolha equivocada de espécie para tal fim e o fato de poucos profissionais possuírem projetos mais ousados e inteligentes.

Nossos parques urbanos municipais de forma geral não existem, e quando existem são em pequena quantidade ou localizados em 'ilhas' que atendem apenas uma parte do município, não exercendo plenamente suas funções para com a comunidade.

De acordo com GONÇALVES (1994), a distribuição inadequada ou a simples inexistência dos espaços livres e, ou, áreas verdes e de recreação, em geral e em especial em cada município, pode ser considerada um problema social, à medida que priva, ou não atende, em sua totalidade, à população nas opções de lazer e recreação e na melhoria dos atributos climáticos, como temperatura, arejamento e sombreamento, além da própria estabilidade do meio ambiente. A falta de uma política de organização para o lazer das populações urbanas é refletida nas deficiências de praças, parques urbanos,

áreas de recreação ou, mais genericamente, de equipamentos de lazer, em termos de quantidade, distribuição e qualidade.

Segundo SOARES (1998), são muitas as dificuldades enfrentadas no revestimento verde das cidades, pois são vários elementos, por vezes antagônicos, que devem ser conciliados. Não é fácil harmonizar, no exíguo espaço das vias públicas, a presença dos equipamentos urbanos como instalações hidráulicas, redes elétricas, telefônicas ou sanitárias, com a implantação do verde. Tudo se complica quando se considera a largura das ruas e sua orientação, o porte das edificações, a topografia do terreno, a natureza do solo, o clima, as exigências funcionais do zoneamento urbano.

Com relação ao paisagismo brasileiro (arquitetura da paisagem), MACEDO (2003) afirma que os anos 1930 e 1940 foram anos de rupturas na arquitetura, no urbanismo e, naturalmente, no paisagismo. A negação do passado recente era objetivo das vanguardas. Esta se refletiu no tratamento do espaço livre urbano, público e privado. A princípio as novas concepções e programas se restringiram à obra de Roberto Burle Marx e as de uns poucos autores. Dos anos 1950 em diante, em São Paulo e Rio de Janeiro, com o aumento da urbanização, da população de classe média e alta, autores como Roberto Coelho Cardozo e Valdemar Cordeiro criaram bases para o surgimento de inúmeros outros projetistas que, em escritórios ou junto a órgãos públicos, consolidaram preceitos formais e pragmáticos do paisagismo moderno nacional. Nos anos 1970 e 1980, o aumento do mercado para os paisagistas, associado à expansão do mercado para arquitetura, consolida-se o seu trabalho e sua identidade.

Por muito tempo, para nós brasileiros, a figura de Roberto Burle Marx foi sinônimo de Paisagismo. Ele e suas diversas equipes foram responsáveis (por cerca de 50 anos) pelos mais importantes projetos paisagísticos do país, concebidos e executados para o Estado e para as elites de então. A qualidade do arquiteto paisagista Burle Marx é inegável e muitas de suas criações são consideradas obras-primas da arquitetura paisagística mundial do século XX, ao lado de nomes como Garret Eckbo, Lawrence Halprin, Thomas Church, Dan Kiley, Peter Walker, Bernand Tschumi e outros poucos mais.

Ao final da década de 1980, são poucas as municipalidades das grandes cidades que não possuem divisões especializadas no projeto e gestão de espaços públicos. Paralelamente a essas realizações, há de se lembrar do trabalho de um sem número de outros profissionais paisagistas espalhados pelo país, alguns diretamente inspirados na

obra de Roberto Coelho Cardoso, como Benedito Abbud, outros tantos como José Tabacow, advindos do escritório de Burle Marx (MACEDO, 2003).

A atividade turística pode pressionar e alterar as paisagens pelo uso intensivo - turismo de massa - e muitas vezes por tentar construí-la. Neste contexto, LUCHIARI (1997) afirma que o setor turístico precisa da privatização da paisagem para manter um tipo de consumidor específico em seus momentos de lazer. Nesta reorganização espacial, as paisagens aprazíveis do turismo são homogeneizadas. A natureza e a cultura são destruídas ou produzidas artificialmente como mercadorias. Estas, mesmo simbólicas, são vendidas pela mídia, pelas construtoras, pelas agências imobiliárias e de turismo. A natureza, então, é transformada em espetáculo fazendo da geografia uma das formas de consumo de massa. Multidões cada vez mais numerosas são tomadas por uma verdadeira vertigem faminta de paisagens, fontes de emoções estéticas mais ou menos codificadas.

Assim sendo, MACHADO (1996) complementa que é a paisagem natural que atrai o turista, ou mesmo a paisagem transformada pelo homem – quando as marcas expressas de sua intervenção remetem ao belo, ao interessante, ao histórico. É o prazer de conhecer, é o prazer de sentir, é o prazer de estar, é o “novo” que atrai o turista.

Por outro lado, a paisagem natural (livre da intervenção massiva do turismo e da ação do homem) por mais bela que seja, é permeada por elementos negativos. Ou seja, a paisagem natural não é, em si, desejável. A transformação da paisagem se dá no sentido da adequação da estética ao consumo, mesmo que essa adequação implique alterações profundas. O bom, o belo, o limpo são elementos valorizados, tal como vemos nos folhetos publicitários. Tudo deve ocorrer no sentido de agradar ao turista com a paisagem natural, nova, desconhecida, bela, sem fazer, porém com que este deixe de ter acesso aos hábitos de prazer, consumo e conforto a que está habituado. Ela é preservada à medida do desejável – tendo como parâmetro a função consumo – constitui-se a plasticidade do irreal, onde a estética se adequa ao consumo. Por fim, temos a economia de mercado, ou como se prefira chamar, como veículo de transformações da paisagem natural (MACHADO, 1996).

### 3.3. O TURISMO E O MEIO AMBIENTE

*“É significativo que ainda em 1876, quando André Rebouças lançou pela primeira vez a proposta de criar parques nacionais no Brasil, especialmente nas Sete Quedas de Guaíra e na Ilha do Bananal, o eixo da sua argumentação tenha sido o progresso que o turismo poderia trazer para aquelas regiões, e não a necessidade de colocar áreas selvagens fora do ímpeto destruidor da civilização.”*  
PÁDUA (2002).

O meio ambiente pode ser entendido como o conjunto de condições e influências externas que afetam a vida e o desenvolvimento de um organismo. Didaticamente, o meio ambiente poder ser subdividido em meio físico (a sua parte abiótica), meio biótico (constituída pelos organismos, ou seja, pela vida vegetal, animal – excetuando-se o homem – e dos microorganismos) e meio antrópico que representa, na verdade, uma parte do meio biótico, mas se justifica pelo fato de o homem ser o organismo com maior capacidade transformadora do meio ambiente, seja sob o aspecto positivo ou negativo (SILVA, 2002).

Na atividade turística, de uma forma geral, a relação com o meio ambiente nem sempre é saudável. A falta de consciência por parte da sociedade, a especulação imobiliária e o lucro a qualquer preço pressionam os espaços e causam, geralmente, impactos negativos ao meio ambiente, principalmente naqueles segmentos onde a natureza é o seu principal atrativo.

Sem dúvida, é uma atividade de grande potencial transformador. Segundo CARLOS (1999), a indústria do turismo transforma tudo, em que toca, num cenário artificial, criando um mundo fictício, ilusório e mistificado de lazer, onde se desenrola o “espetáculo”, dirigido a uma multidão amorfa; esta, embevecida pelas miragens de autênticas encenações que levam à sensação de evasão e, deste modo, à metamorfose e à transfiguração do real. Situação, esta, criada com o intuito de apenas seduzir e fascinar. Aqui, o sujeito se entrega às manipulações, desfrutando a própria alienação e a dos outros.



A magnitude dos efeitos desta política selvagem – que tem, hoje, o lucro como o principal objetivo do universo empresarial – depende substancialmente do tipo de turismo desenvolvido em definida região, uma vez obedecida a devida inerência. Dentre eles, destaca-se o ecoturismo, reconhecidamente um dos mais importantes pela sua própria natureza.

O ecoturismo, para SERPA (2002), juntamente com o turismo rural levantam questões importantes relacionadas com o problema da massificação inerente a estes segmentos de turismo, que colocaria em xeque os efeitos de degradação ambiental, que notadamente, é a primeira consequência da prática desse turismo.

Existem no mundo vários exemplos de destinos turísticos saturados, como Galápagos, Polinésia Francesa e as Ilhas Maldivas, que, para continuar se tornando viáveis, vêm implementando uma política de controle de visitantes em suas dependências. A propósito, um bom meio que se poderia aplicar para essa finalidade seria o que tem como referência o conceito de Capacidade de Carga de uma localidade, o qual vem sendo, atualmente, substituído por “Limite de Mudanças Aceitáveis” (L.M.A.). Segundo MORAES (2000), um conceito fundamental para a planificação turística quando se tem em mente o fluxo de seus visitantes. Este conceito apresenta diferentes níveis de aplicação: físico, biológico, socioeconômico e psicocultural, com diferentes metodologias e distintos graus de complexidade. Em outras palavras, cada elenco de características (físicas, biológicas, etc.) é parte de um processo analítico de Capacidade de Carga da área como um todo.

De fato, o que vem sendo priorizado, segundo SERPA (2002), na aplicação do conceito de Capacidade de Carga, são conhecidos estudos de impacto ambiental. Para tal, tem-se partido da análise do estudo do meio ambiente num dado momento – estado inicial – até um estado futuro, hipotético, presumivelmente alcançado em consequência de efeitos previsíveis. Com as informações obtidas, elabora-se um plano de manejo turístico, no qual se incluem as medidas a serem tomadas, depois de criteriosamente avaliadas.

Na prática, a técnica de execução do plano consta da confecção de cartas setoriais de inventários de todos os tipos de recursos do local, das quais será confeccionada uma carta-síntese. Os recursos constantes dos inventários são equipamentos, alojamentos, etc., além das riquezas culturais, naturais e econômicas. Com base nessas informações, o plano se completa localizando em mapas e no campo

os denominados “pontos sensíveis” dos destinos turísticos, com as respectivas avaliações das suas capacidades de carga (SERPA, 2002).

Esses planos, além de possibilitarem a sistematização do uso possível dos destinos turísticos, têm sido muito úteis na resolução de problemas relacionados com o uso do solo de sua área, tornando-se indispensáveis quando ali se desenvolvem atividades industriais e turísticas (SERPA, 2002).

Oficialmente, no Brasil, a definição de impacto ambiental é, de acordo com a Resolução N°01 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), de 23 de janeiro de 1986: “Qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetam a saúde, a segurança e o bem-estar da população; as atividades sociais e econômicas; a biota; as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente e a qualidade dos recursos ambientais”.

SILVA (1994) enfatiza a importância de se compreender o conceito de impacto ambiental o qual abrange, apenas, os efeitos da ação humana sobre o meio ambiente, ou seja, não inclui os efeitos advindos de fenômenos naturais, como no caso de tornados, terremotos, maremotos etc. E aponta uma falha na definição, por excluir o aspecto significância, já que considera como impacto ambiental “qualquer alteração...”, independente de ser ou não significativa.

Na visão de MACEDO (1995), impacto ambiental consiste no resultado da variação da quantidade e/ou qualidade de energia transacionada nas estruturas aleatórias dos ecossistemas diante da ocorrência de um evento ambiental capaz de afetá-las, quer ocasionando eventos derivados, quer modificando a natureza e a intensidade do comportamento e/ou da funcionalidade de pelo menos um conjunto de fatores ambientais, beneficiando-os ou prejudicando-os nas relações que mantêm entre si e com outros fatores a eles vinculados. As atividades transformadoras “produzem” impacto ambiental resultante, que pode ser estimado por um vetor que integre seus impactos positivos ou negativos; as intervenções ambientais, que as compõem, produzem impacto ambiental, capaz de determinar alterações ambientais. Estas, por sua vez, acarretam a ocorrência de fenômenos emergentes, por meio do impacto ambiental distribuído, capaz de modificar as relações ambientais existentes entre os fatores que pertencem à sua área de manifestação.

Considerando tal estrutura conceitual, o impacto ambiental constitui-se em qualquer modificação dos ciclos ecológicos em um dado ecossistema. Nessa linha de

abordagem, a ruptura de relações ambientais normalmente produz impactos negativos, a não ser que essas relações já refletissem o resultado de processos adversos. Por analogia, o fortalecimento de relações ambientais estáveis constitui-se em um impacto positivo. Por fim, tem-se casos que representam a introdução de novas relações ambientais em um ecossistema. Neles há de ser efetuada a análise de todos os seus efeitos, de modo a enquadrá-los, um a um, como benefícios ou adversidades. Em suma, os impactos ambientais afetam a estabilidade preexistente dos ciclos ecológicos, fragilizando-a ou fortalecendo-a (MACEDO, 1995).

Existem na literatura especializada vários métodos de avaliação de impactos ambientais; todos eles apresentam potencialidade e limitações. Muitas vezes é interessante utilizar a associação de mais de um método.

É importante considerar que os impactos negativos podem ser minimizados através do uso de técnicas de reciclagem dos produtos; do tratamento de resíduos líquidos; do desenvolvimento de redes de estradas e transportes que evitem a congestão do tráfego e, com isto, a poluição do ar; da gestão de fluxos dos visitantes; da execução de projetos arquitetônicos compatíveis com as características do sítio, nos quais deve-se utilizar materiais de construção que se adequem no ambiente local; do controle da coleta de espécies raras de plantas e animais para venda como “*souvenirs*” turísticos; do uso de técnicas de interpretação ambiental, dentre outros.

Estas medidas certamente manterão as qualidades de determinado sítio em patamares desejáveis, de modo poder ser utilizado durante todo o tempo sem transtornos de ordem estrutural. Na prática, o ideal é que o manejo do local, na luta constante pelo aperfeiçoamento, termine potencializando os impactos positivos, a fim de que sejam mais bem aproveitados por todos os setores envolvidos.

Ainda em relação aos impactos ambientais causados por turistas, de acordo com MORAES (2000), a Organização Mundial de Turismo estima que até o presente, aproximadamente 2000 artigos vieram a lume em publicações internacionais especializadas denunciando o fato. Merece destaque a que define a Capacidade de Carga como sendo “o número máximo de pessoas que podem utilizar um local sem alterações inaceitáveis no ambiente físico e também sem um declínio inaceitável na qualidade das experiências dos visitantes” (MATHIESON & WALL (1982), citados por MORAES (2000)).

Essa capacidade, entretanto, está sujeita a críticas, e muitos administradores de recursos, bem como cientistas estão cada vez mais preocupados com as dificuldades na determinação precisa dos meios de medição de impactos e medidas de proteção.

De fato, os sistemas naturais e culturais são dinâmicos e por isso as condições se alteram no decorrer das estações, em consequência do gerenciamento da área, com a natureza das espécies disponíveis, com os tipos de atividades culturais e o conhecimento tradicional. Variações, estas, que acabam por comprometer a avaliação final da Capacidade de Carga. Assim, a avaliação dos impactos pelos administradores de recursos raramente nos mostra quando um sistema tem a sua capacidade excedida. Deste modo, não se pode afirmar categoricamente que a Capacidade de Carga de definido sistema tenha tido o seu volume aumentado em 30%, por exemplo, com base na simples constatação de que seu volume sua visitação anterior tenha sofrido, uma redução de igual valor. Pois, esta diminuição não irá reduzir em 30% os impactos no meio ambiente. De fato, o volume de visitação é considerado por alguns um problema de menor importância, ao passo que uma maior ênfase deve ser dada aos tipos de usos e ao comportamento do usuário (MORAES, 2000).

Subsídios dessas observações poderão ser usados no emprego de métodos mais elaborados das análises dos recursos e das condições sociais, além dos indicadores específicos. Um desses procedimentos mais aceitos atualmente é o L.M.A., que substitui a expressão Capacidade de Carga de modo mais racional e concreto. Para compreender o critério de determinação do nível ótimo desse limite, deve-se levar em conta as seguintes categorias, segundo MORAES (2000):

**Limite de Mudanças Aceitáveis no nível Ecológico e Ambiental:** o nível ótimo de visitação é aquele nos quais os sistemas ecológicos são mantidos e os danos são prevenidos. Todos os níveis de poluição visual, do ar e da água e os impactos visuais são mantidos em condições aceitáveis. A vida selvagem e a vegetação também são protegidas e não há nenhuma alteração significativa na biodiversidade da região.

**Limites de Mudanças Aceitáveis nos níveis das Tradições e Patrimônio Histórico:** os níveis de saturação nos locais históricos não podem comprometer a integridade destas atrações, no que se refere aos valores interpretativos presentes e futuros. Se os limites se excederem, resultará possivelmente em danos irreversíveis ao patrimônio histórico.

**Limites de Mudanças Aceitáveis no nível da Infra-Estrutura:** o volume de visitação não pode exceder os limites dos transportes disponíveis e da estrutura de

serviços. Se as diretrizes adequadas não forem estabelecidas, e a infra-estrutura for sobrecarregada, podemos ter como resultado problemas no conforto e saúde dos visitantes, assim como a sobrecarga dos sistemas de telecomunicações e energia elétrica.

**Limites de Mudanças Aceitáveis no Nível Social:** o impacto do crescimento sem limites do turismo no aspecto social de uma comunidade é bem documentado. Qualquer distúrbio no modo de vida da comunidade e valores culturais pode ser presenciado pelo visitante de uma forma extremamente negativa.

**Limite de Mudanças Aceitáveis no Nível Psicológico:** os ecoturistas simplesmente não visitam áreas se elas estiverem com muitos turistas. O interesse deles está nas áreas mais distantes, onde não encontrem um alto índice de visitação. Naturalmente, quanto mais distantes as áreas, menos os ecoturistas vão querer encontrar com outros visitantes. É também importante monitorar a literatura disponível sobre a Capacidade de Carga, uma vez que os padrões estão continuamente em desenvolvimento. A Organização Mundial de Turismo, por exemplo, estabeleceu padrões que são expressos em visitantes/dia/hectare em determinados tipos de localizações, tais como parques regionais (acima de 15) e locais de navegação (entre 5 e 30). Essa Organização também sugere que as trilhas naturais devam acomodar não mais que 40 pessoas/dia/quilômetro (MORAES, 2000).

O bom discernimento desses limites é muito importante porque a questão ambiental atualmente é tratada com maior atenção em todos os setores da nossa sociedade e há grande preocupação em diminuir os resíduos e poluentes nas indústrias; a humanidade já se conscientizou que os recursos naturais não são eternos e que há de se descobrir formas mais inteligentes de utilizá-los; os problemas causados ao meio ambiente já se fazem sentir por todos: a poluição, o racionamento de água e energia, as contaminações, as doenças, etc. Para SALATI (1993), entre as atividades humanas existem algumas que mais alteram o equilíbrio ambiental e cuja ação modificadora, em qualidade e em intensidade, está intimamente relacionada com os níveis das técnicas utilizadas. Entre estas atividades, destacam-se: a produção de alimentos (diminuição da biodiversidade, erosão, introdução de substâncias tóxicas contaminantes); a produção de energia (queima de combustíveis fósseis, hidrelétricas, usinas nucleares, queima de biomassa); os transportes (modificação ambiental); a urbanização (disposição de dejetos); as indústrias (poluição por resíduos) e as guerras.

Segundo SZAJMAN (1993), o dilema que a consciência ecológica nos impõe é radical. Ou descobrimos rapidamente formas novas de produzir e satisfazer nossas necessidades, levando em conta o meio ambiente e tudo o que ele contém, ou arriscamos a caminhar muito rápido para um colapso total, comprometedor até mesmo da própria sobrevivência da espécie, sem falar na de outros seres vivos. Meio ambiente não é, decididamente, apenas um assunto da moda: é uma preocupação fundamental das forças de qualquer sociedade.

Voltando ao turismo, ROCHA (1997) comenta que medidas devem ser tomadas em ações articuladas entre governos e sociedade civil, para tornar menos impactante o turismo sob pena de vermos ampliados - em função das alterações que a sociedade pode sofrer com a introdução de novos valores - a prostituição, os índices de violência, pressão inflacionária, dependência econômica, pasteurização ou descaracterização cultural, e a própria devastação ou descaracterização dos recursos naturais.

Para AULICINO (1997), os responsáveis pela exploração turística dos recursos ambientais devem levar em conta que, em primeiro lugar, se está prestando um serviço cujo objetivo final é, sem dúvida, o lucro: mas lucro, como retorno da qualidade de um serviço prestado que deve ser cuidadoso com o turista e com o meio ambiente, que inclui necessariamente a comunidade humana local. O ser humano (que atua naturalmente em grupo) não pode sobreviver pairando sobre a superfície terrestre; ele depende da exploração dos recursos ambientais, que por isso deve ser necessária e cuidadosamente planejada e sempre de cunho preventivo. Perceber o ambiente como uma entidade viva em contínua interação e com limites à capacidade de absorção das transformações é, sem dúvida, o principal mérito de toda discussão em torno da questão ecológica na atualidade. Só não se pode esquecer que lutar pela preservação de certos espaços naturais é lutar também pela manutenção e pela valorização da comunidade humana que ali vive. O turismo deve constituir-se numa atividade centrada no homem, no ser humano, no enriquecimento cultural do visitante, através do fortalecimento cultural de quem o recebe.

Nesse aspecto, o ecoturismo como atividade econômica, vem crescendo de forma desordenada, e a ausência de comprometimento desta área para com as questões sócio-ambientais vem acarretando inúmeros danos ao meio ambiente, e principalmente, às populações locais. De acordo com LIMA (2003) o desenvolvimento do entorno não necessariamente beneficia diretamente os moradores regionais. O autor cita como exemplos o Parque Nacional Serra da Canastra e no Parque Estadual do Ibitipoca, onde

a exploração principal da atividade turística no entorno, através de pousadas, hotéis e restaurantes, é dominada por empresários que emigraram para a região com o principal objetivo de explorar o turismo.

Para DIEGUES (2000), o modelo de área protegida de uso indireto (Unidades de Proteção Integral), que não permite a existência de moradores no interior da área, mesmo quando este se trata de comunidades tradicionais presentes há muitas gerações, parte do princípio de que toda relação entre sociedade e natureza é degradadora e destruidora do mundo natural e selvagem, não havendo distinção entre as várias formas de sociedade (a urbano-industrial, a tradicional, a indígena, etc.). Logo, todas essas formas de vida social deverão estar fora das áreas protegidas. Por outro lado, LIMA (2003) argumenta que o autor demonstra certo romantismo quanto aos moradores locais em áreas voltadas para a proteção ambiental dos recursos, ao considerar que as populações locais podem sempre conviver em harmonia com o ambiente, não representando nenhum dano aos recursos naturais.

No mesmo contexto, BONFIM (2001) comenta que, no Brasil, o processo de criação e implantação de Unidades de Conservação se dá, em geral, da pior maneira possível. Ele é realizado sem a prévia consulta à população, sem a sua participação, sem o envolvimento do entorno nas discussões e na elaboração do plano de manejo que irá direcionar a gestão da unidade. Não havendo qualquer tipo de processo preparatório para possíveis desapropriações que devem ser feitas, já que o Brasil segue o modelo norte-americano de implantação de UC's de proteção integral, no qual não se permite a permanência de comunidades ou populações humanas dentro dessas unidades. No entanto, o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC – LEI 9.985, de 18 de julho de 2000), tem como uma de suas diretrizes, assegurar a participação efetiva das populações locais na criação, implantação e gestão das unidades de conservação. Além disso, são objetivos do SNUC, entre outros, “favorecer condições e promover a educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e promover o turismo ecológico; proteger os recursos naturais necessários à subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente”.

Neste contexto, a atividade turística deve ser conduzida em harmonia com a natureza, bem como com os atributos e tradições das populações locais, respeitando suas leis, práticas e costumes.

Em tese realizada em três Unidades de Conservação do Estado de Minas Gerais (Parque Nacional do Caparaó, Reserva Particular do Patrimônio Natural Mata do Sossego e Parque Estadual Rio Doce), MANNIGEL (2004) afirma que a promoção de desenvolvimento nas regiões de entorno destas Unidades por meio de medidas participativas e participação direta no manejo das áreas são dois métodos distintos já usados por tais instituições, para aumentar a integração com os atores locais. E, que assim, a organização social nos entornos aumenta, tendo uma linha dorsal de desenvolvimento e com isso tais Unidades se mostram mais integradas no contexto regional, gerando benefícios para a conservação, por respeitar e valorizar mais o meio ambiente.

É importante enfatizar que o ecoturismo não deveria ser restrito às áreas protegidas legalmente, uma vez que estas poderiam acabar sofrendo muita pressão. Promover o ecoturismo em áreas naturais que não têm proteção oficial alguma pode estimular as comunidades locais a conservarem os recursos e as áreas naturais próximas por iniciativa própria, e não devido a pressões externas.

O ecoturismo é um fenômeno complexo e multidisciplinar. Muitos aspectos devem ser levados em conta a fim de que ele seja um empreendimento bem-sucedido para todos os envolvidos: consumidores, administradores, povos nativos e fornecedores.

Evidentemente, há de se trabalhar com pessoal qualificado, neste caso, o treinamento é um componente vital. Cursos e seminários dirigidos a diferentes públicos (operadores turísticos, guias de campo, donos de hotéis, administradores de parques, grupos da comunidade local, funcionários do governo) são extremamente necessários. A educação ambiental e os programas de treinamento devem ser de natureza prática, aliando as atividades de sala de aula ao trabalho de campo.



### 3.4. O TURISMO E O PATRIMÔNIO

Patrimônio é um bem, ou conjunto de bens culturais ou naturais, de valor reconhecido para determinada localidade, região, país, ou para a humanidade, e que, ao se tornar (em) protegido(s), como, por exemplo, pelo tombamento, deve(m) ser preservado(s) para o usufruto de todos os cidadãos (FERREIRA, 1999).

O patrimônio de um país está em seus bens naturais, em sua história, em sua cultura, assim como em suas obras de arte e de engenharia.

Segundo PELLEGRINI FILHO (1993), a Conferência Geral da Unesco, realizada em Paris em 1972, define e especifica Patrimônio Cultural em nível internacional como sendo *Monumentos, Conjuntos e Lugares*.

**Monumentos:** são obras arquitetônicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos ou estruturas de caráter arqueológico, inscrições, cavernas e grupos de elementos, que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência.

**Conjuntos:** significam grupos de construções, ilhadas ou reunidas, cuja arquitetura, unidade e integração na paisagem lhes dêem um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência.

**Lugares:** são entendidos como obras do homem ou obras conjuntas do homem e da natureza assim como zonas incluindo sítios arqueológicos que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico (PELLEGRINI FILHO, 1993).

Desses conceitos se conclui que as ações políticas que visam a preservação do patrimônio de um país devem ser valorizadas e incentivadas. Afinal, ele é a história de um povo, bem como suas referências. No Brasil, infelizmente, essa questão nem sempre é tratada com seriedade. Tanto que muito da nossa cultura já se perdeu; talvez em função da urbanização e da modernidade. Por isso, heranças culturais que são passadas de uma para outra geração vão desaparecendo, pois os jovens não as valorizam, até, mesmo, por ignorá-las.

Segundo ROCHA FILHO (1999), os monumentos históricos e artísticos bem como a paisagem têm sido um dos mais importantes fatores de atração turística, vale dizer, o patrimônio cultural e ambiental de um determinado sítio consiste sempre, um dos motivos pelos quais as pessoas desejam viajar e conhecer outros lugares. A defesa do patrimônio ambiental é, pois, fundamental para gerar um pólo de atração turística.

Para CARVALHO (1999), com a crise da dívida externa na década de 80, houve uma queda dos investimentos estatais em todas as áreas, e o patrimônio histórico não foi exceção. O governo federal instalado, em 1990, em tendo adotado uma política de desmantelamento do Estado, sob a hegemonia da doutrina do “neoliberalismo”, provocou um retrocesso na política nacional do patrimônio. Até hoje, poucas esperanças se têm para a melhoria do quadro, salvo algumas ações localizadas e dispersas no território nacional.

Pode-se dizer, portanto, que dentro de um quadro do capitalismo periférico, muito se perdeu da memória patrimonial do país, particularmente nas grandes cidades com intenso crescimento econômico (CARVALHO, 1999).

Infelizmente, essa destruição desenfreada praticamente se repete no interior do país. De fato, em nome do ‘progresso’ vindo dos grandes centros, pode-se observar influências negativas na descaracterização do patrimônio histórico e cultural, muitas vezes de valor inestimável como no caso da destruição de casarios, descaracterização de praças, igrejas, fazendas de valor histórico e até mesmo das manifestações culturais como festas e artesanatos típicos de determinada localidade que ‘desaparecem’ no tempo e na memória das pessoas.

Desta forma, GOYA (1982) considera que a noção de patrimônio cultural (ou patrimônio histórico) envolve questões tais como memória, tempo, origens, valor artístico e outras. Discorrer sobre patrimônio cultural ou bem cultural é discorrer sobre memória. Porém, normalmente associa-se a memória apenas ao passado. Ora, sem a memória não há presente para o homem. A memória se refere a uma relação entre passado e presente. Ela gira em torno de um dado básico humano: a mudança. Sem a memória, ficamos privados de uma plataforma de referências, e cada ato nosso seria uma reação mecânica, mergulhar de um vazio para outro. A memória social funciona como um instrumento de identidade, de desenvolvimento e de perpetuação. Sem ela, a mudança será fator de alienação e desagregação.

Isto é fundamental para a defesa e consolidação dos valores de cidadania. A cultura de um povo, através de suas manifestações sociais, artísticas e cotidianas, constitui parte integrante do presente e do futuro de cada comunidade, singularizando-a e caracterizando-a dentro das inúmeras diversidades que compõem a sociedade (GOYA, 1982).

Uma forma de resgatar e valorizar o patrimônio histórico e cultural que existe, seria através da criação de leis e de um maior incentivo à cultura popular. A criação de

museus temáticos e centros culturais seria uma boa alternativa para incrementar os atrativos turísticos, valorizando e divulgando os produtos e culturas locais.

Muitas vezes, a própria legislação brasileira referente aos tombamentos de prédios históricos, por exemplo, se transforma em empecilho para os proprietários que, por sua vez são pressionados pela especulação imobiliária. Com isso cria-se um quadro complexo: a rigidez e a falta de apoio vindos da legislação e de governos; a falta de consciência e de valorização do moderno e do padronizado em detrimento ao antigo e do histórico. Tudo isto retrata a situação atual em nosso país em termos de turismo.

Em Minas Gerais, existem dois casos onde se podem avaliar ações neste sentido: Ouro Preto e Tiradentes. No primeiro caso, a cidade tem enfrentado muitos problemas como incêndios, perda de monumentos e uma série de ações mal planejadas que a levaram a ter seu título de Patrimônio da Humanidade ameaçado. Já em Tiradentes, onde a situação não era muito diferente, fez-se parceria com uma instituição - a Fundação Roberto Marinho – e com isso, a cidade teve seu casario e suas igrejas restauradas; daí ter sido escolhida para sediar o festival de cinema, o festival de culinária e outros eventos. Com isso, reverteu um quadro de decadência para uma situação onde sua vocação turística foi reavaliada e direcionada de forma positiva para o município e para o turista.

Cada caso, entretanto, deve ser avaliado com mais profundidade e cada um tem suas características próprias. Mas, exemplos como estes mostram que parcerias com instituições privadas pode ser uma saída interessante na questão da conservação do patrimônio histórico no Brasil.

### **3.5 . POLÍTICAS E LEGISLAÇÃO**

O Sistema legislativo do ecoturismo é o instrumento promovedor e organizador do turismo como fator de desenvolvimento social e econômico. Atualmente, ele é regido pela Lei Federal nº 8.181/91 de 28.03.91 e pelo Decreto Federal nº 448/92, além de inúmeras Deliberações Normativas editadas pela EMBRATUR.

Em 1991, foi criada a Lei 8.181/91, que modificou a denominação da Embratur, de Empresa Brasileira de Turismo, para Instituto Brasileiro de Turismo, e trouxe-lhe um novo conceito normativo e executivo.

Neste ínterim, com o objetivo de promover o turismo através de políticas que visam o desenvolvimento desta atividade como fonte de renda nacional, editou-se o Decreto Federal nº 448/92, que regulamenta os dispositivos da Lei 8.181/91 e dispõe sobre a Política Nacional de Turismo.

Pelo Decreto, a Política Nacional de Turismo deve ter como metas o turismo como forma de promover a valorização e a preservação do patrimônio natural e cultural do país e a valorização do homem como o destinatário final do desenvolvimento turístico.

Esses objetivos encontram-se alicerçados no apoio técnico e financeiro do Poder Público, no afã de consolidar a posição do turismo como instrumento de desenvolvimento regional; e assim reduzir os desequilíbrios nas distintas regiões do país, cabendo à iniciativa privada a prestação de serviços turísticos.

Segundo AULICINO (1997), no Brasil a preocupação com as questões ambientais começou de forma efetiva em 1981 com a Política Nacional do Meio Ambiente, cujo grande mentor foi o biólogo Paulo Nogueira Neto, primeiro secretário especial do Meio Ambiente que passou a discutir, com os governos estaduais uma ação de planejamento de caráter preventivo através dos projetos de Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental (EIA-RIMA), já aplicados nos Estados Unidos. O EIA é um relatório técnico e o RIMA é um relatório simplificado de linguagem acessível ao grande público; devem ser elaborados por equipe multidisciplinar, pagos pelo proponente do projeto e dar divulgação pública, sendo o sigilo industrial respeitado, desde que pedido e demonstrado pelo interessado.

O Conselho Nacional do Meio Ambiente, CONAMA, criado pela Lei nº 6.938, também data dessa época; é o órgão que dispõe sobre essa política e tem autoridade sobre órgãos federais, estaduais, municipais e entidades privadas para exigir o EIA-

RIMA para aprovação pelo órgão estadual competente e pelo Ibama, Instituto Brasileiro da Meio Ambiente e de Recursos Naturais Renováveis.

As leis que regulam a proteção das Unidades de Conservação brasileiras estabelecem que muitas delas são passíveis de exploração turística, possibilitando assim um contato direto com a natureza através do chamado “turismo ecológico” e vêm se transformando num valioso agente do processo de educação conservacionista.

Para RUSCHMANN (1997), as leis de proteção ambiental e outras específicas para a proteção dos recursos turísticos existem em quase todos os países, porém muitas vezes o desencontro entre o discurso oficial e a prática cotidiana é flagrante. O poder de certos grupos de interesse, a pressão econômica e as relações privilegiadas com as administrações locais lançam o descrédito sobre uma regulamentação boa e adequada - no papel – porém constantemente violada na prática.

A chave para a mudança comportamental dos agentes reside na disseminação de novos conhecimentos e idéias através da educação. Esta, porém, apresenta dificuldades devido ao fato de o turismo englobar uma série de diferentes empresas, organizações e indivíduos, todos oferecendo uma gama de produtos tangíveis e intangíveis ao mercado. Os agentes do seu desenvolvimento e os investidores também são numerosos, diversificados e dispersos, e essa heterogeneidade dificulta a disseminação de conhecimentos e a cooperação individual mútua em ações voluntárias que visem a proteção do meio ambiente.

O MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, DO COMÉRCIO E DO TURISMO (1994) elaborou, em 1994, um documento denominado Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo e este documento afirma que, no Brasil, o ecoturismo é discutido desde 1985. No âmbito governamental, a primeira iniciativa de ordenar a atividade ocorreu em 1987 com a criação da Comissão Técnica Nacional, então constituída por técnicos do IBAMA e da EMBRATUR para monitorar o Projeto de Turismo Ecológico, em resposta às práticas existentes na época, pouco organizadas e sustentáveis.

Essas razões, em especial, motivaram o Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo, o do Meio Ambiente e o da Amazônia Legal a instituir, pela Portaria Interministerial Nº 001, de 20 de abril de 1994, o Grupo de Trabalho, integrado por representantes destes Ministérios, do IBAMA e da EMBRATUR, para desenvolver e propor uma política e um Programa Nacional de Ecoturismo.

Como resultado dessa participação multidisciplinar, o documento pretendeu nortear o desenvolvimento regional de ecoturismo e servir como base para uma implantação de uma Política Nacional de Ecoturismo no Brasil que assegure:

- à comunidade, melhores condições de vida e reais benefícios;
- ao meio ambiente, uma poderosa ferramenta que valorize os recursos naturais;
- à nação, uma fonte de riqueza, de divisas e de geração de empregos;
- ao mundo, a oportunidade de manter para as gerações futuras o patrimônio natural dos ecossistemas para onde convergem a economia e a ecologia.

Além disso, confirmando as potencialidades do nosso país para a atividade ecoturística, o Brasil está incluído dentre os países de mega diversidade, pois detém um número entre 10% e 20% do total de espécies do planeta. Esta riqueza conhecida corresponde a 22% da flora, 10% dos anfíbios e mamíferos e 17% das aves do mundo (MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, DO COMÉRCIO E DO TURISMO, 1994).

A superfície territorial brasileira abriga diferentes ecossistemas, destacando-se a Floresta Amazônica, a Mata Atlântica, a Floresta de Araucária, os Campos do Sul, a Caatinga ou Semi-árido, o Pantanal e o Cerrado; sem dúvida, um potencial inestimável. Este verdadeiro paraíso ecológico, onde cada um destes ecossistemas por si só representa autêntico destino turístico, muito mais ainda se enriquece quando somam, às suas, as potencialidades das Unidades de Conservação sob jurisdição federal (a exceção das reservas biológicas e estações ecológicas), que somadas as áreas protegidas estaduais e municipais e às propriedades particulares adaptadas para fins turísticos disseminadas na imensidão da sua área, oferecem, juntamente com a rica diversidade cultural, condições excepcionais para o desenvolvimento do ecoturismo no Brasil (MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, DO COMÉRCIO E DO TURISMO, 1994).

Diante desta posição privilegiada, em termos de turismo, o Brasil teve que adotar uma política de trabalho voltada para o desenvolvimento do ecoturismo em seu território que deve atender aos seguintes objetivos básicos:

- Compatibilizar as atividades de ecoturismo com a conservação de áreas naturais.
- Fortalecer a cooperação interinstitucional.
- Possibilitar a participação efetiva de todos os segmentos atuantes no setor.
- Promover e estimular a capacitação de recursos humanos para o ecoturismo.

- Promover, estimular e incentivar a criação e melhoria da infra-estrutura para a atividade de ecoturismo.

- Promover o aproveitamento do ecoturismo como veículo de educação ambiental (MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, DO COMÉRCIO E DO TURISMO, 1994).

Ainda sobre a importância das políticas e legislação específicas na área de turismo, deve-se destacar o Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), criado em 1992 e desenvolvido e coordenado pela EMBRATUR. Para sua implantação, adotou-se a metodologia prescrita pela Organização Mundial do Turismo - OMT, depois de adaptada à realidade brasileira. Este programa teve como propósito implementar um novo modelo simplificado e uniformizado de gestão da atividade turística. E, também, destinado exclusivamente aos Estados e Municípios, que deveriam participar de maneira integrada e eficaz na administração da atividade turística.

No entanto, em função das características das políticas nacionais como as mudanças nas administrações e interrupção de projetos, na prática os fatos acontecem diferentemente das premissas da teoria. A propósito, SANTOS FILHO (2003) fez duras críticas às políticas nacionais voltadas para o turismo. Segundo o autor, “o PNMT é um equívoco em política pública em que os municípios são levados a aplicar recursos em oficinas de treinamento com a promessa ufanista e até doutrinária (religiosa) de que a região ou cidade deve se transformar em pólo turístico. Essa irresponsabilidade administrativa do estado frustrou municípios, limitou a atuação do turismólogo e desperdiçou dinheiro público”.

Na tentativa de viabilizar as atividades turísticas, em 29 de abril de 2004, foi lançado pelo governo federal o Programa de Regionalização do Turismo. Este programa propõe a estruturação, qualificação e diversificação da oferta turística brasileira, por meio da organização, planejamento e gestão das atividades turísticas, por regiões. Com essa proposta, os estados brasileiros e o Distrito Federal serão os principais agentes executores da política de turismo descentralizada – modelo de gestão adotado por esse governo. Todas as unidades da Federação deverão atuar com o conjunto dos municípios que constituem cada região turística (MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, DO COMÉRCIO E DO TURISMO – EMBRATUR, 2004).

O Governo do Estado de Minas Gerais tem desenvolvido um programa denominado ‘Circuitos Turísticos’. Segundo BOLSON (2004), Circuito Turístico é um conjunto de municípios de uma mesma região, com afinidades culturais, sociais e

econômicas que se unem para organizar e desenvolver a atividade turística regional de forma sustentável, através da integração contínua dos municípios, consolidando uma atividade regional (Definição contida no Decreto Lei 43.321, assinado pelo Governador Aécio Neves em 08 de junho de 2003 que institucionalizou os Circuitos Turísticos).

Para a mesma autora, a proposta dos Circuitos Turísticos foi lançada e construída de forma participativa, assim como sua implementação. Ficou a cargo dos municípios a decisão de participar ou não do processo. Os municípios interessados passaram então a se reunir para discutir a melhor forma de organização.

Os municípios pertencentes aos Circuitos foram classificados de Centros Turísticos e de Unidades Turísticas. Os centros turísticos são os municípios pólo, onde a cadeia produtiva do turismo é mais completa, que possuem o maior número de equipamentos turísticos, como hotéis, restaurantes, lanchonetes, serviços, comércio, aeroportos, rodoviária, postos de informação turística, acesso fácil e que exercem influência nos municípios do entorno. Já as unidades turísticas são os municípios menores, que possuem atrativos naturais e culturais, que podem ser explorados, mas não oferecem infra-estrutura necessária para abrigar e atender os visitantes. Na maioria das vezes, oferecem no máximo, um ou dois atrativos distintos, o que não estimula a permanência prolongada dos turistas. A inter-relação entre os centros turísticos e as unidades turísticas é responsável pela dinâmica dos Circuitos. É o que se pode chamar de complementaridade. Os centros turísticos suprem a necessidade de infra-estrutura turística básica das unidades turísticas. Portanto, um turista chega facilmente ao centro turístico, hospeda-se, visita os atrativos pertencentes a ele e visita também seu entorno. As unidades turísticas são responsáveis por suprir o centro de atrativos diversos, o que cria condições para permanência maior dos turistas na região (BOLSON, 2004).

#### **Os Circuitos Turísticos podem ser caracterizados da seguinte forma:**

- *Aspectos geográficos*: região geográfica limitada com características culturais, físicas e sociais que criam uma sensação de identidade regional;
- *Aspectos multitemáticos*: os circuitos oferecem uma diversidade enorme de atrativos, pois os municípios têm características distintas (rural, ecológico, saúde, eventos, religioso, negócios, cultura, gastronomia e etc.).
- *Aspectos da oferta diversificada de infra-estrutura e serviços*: possuem infra-estrutura turística variada e com diversas opções de preços. Os centros turísticos possuem equipamentos e serviços mais sofisticados, enquanto as unidades turísticas são



mais rudimentares nesse quesito (hotéis, pousadas, albergues, restaurantes, postos de informação turística, sinalização turística, etc.).

- *Aspectos da demanda diversificada*: possuem demanda variada e atendem todas as classes sociais de acordo com as características locais. A maioria dos turistas é doméstica e a localização estratégica do Estado cria condições favoráveis para visitação de pessoas de diversas partes do país (BOLSON, 2004).

### **Funções e Atividades dos Circuitos Turísticos:**

- *Promover a integração e participação social das comunidades locais, gerando troca de experiências e conhecimentos para elaboração do planejamento turístico regional;*

- *Diminuir as distâncias entre os municípios e o Estado;*

- *Mobilizar a sociedade no sentido de engajamento, em educação, hospitalidade e na compreensão da atividade turística;*

- *Induzir a conscientização para preservação dos patrim nios históricos, culturais e ambientais;*

- *Promover a integração econômica através das ações compartilhadas da iniciativa privada regional;*

- *Auxiliar a iniciativa privada na elaboração de novos roteiros potencializando o receptivo local;*

- *Promover a integração entre governos e empresários;*

- *Assegurar reserva de mercado para a mão-de-obra local;*

- *Elaborar plano de marketing e promoção da região;*

- *Interagir com instituições diversas de ensino, via capacitação profissional do terceiro setor, possibilitando parcerias lucrativas nos diversos setores do turismo;*

- *Auxiliar na proposição de novas oportunidades de negócios para os investidores;*

- *Reunir e disponibilizar dados e informações sobre a região;*

- *Dinamizar a comunicação entre os diversos setores envolvidos na cadeia produtiva do turismo regional;*

- *Canalizar demandas por melhorias na infra-estrutura turística regional* (BOLSON, 2004).

### **Resultados do processo de organização dos Circuitos Turísticos:**

- *Potencialização da oferta dos atrativos, equipamentos turísticos e serviços da região;*
- *Aumento da competitividade em relação a outros destinos;*
- *Aumento da taxa de permanência dos turistas e conseqüentemente da renda gerada pela atividade;*
- *Geração de novos postos de trabalho e empregos;*
- *Fortalecimento político da região;*
- *Preservação do patrimônio histórico, cultural e ambiental;*
- *Melhoria na qualidade de vida da população local;*
- *Diminuição dos custos da promoção turística, criando condições para o desenvolvimento de novos produtos e serviços;*
- *Participação ativa e direta das comunidades locais nas decisões sobre os rumos do desenvolvimento turístico na região (BOLSON, 2004).*

Vários fatores podem levar à paralisação ou à descontinuidade dos Circuitos Turísticos. Dentre eles, dois são mais comuns: a localização geográfica da região e o desempenho do gestor. A localização geográfica interfere nos destinos dos Circuitos quando se leva em conta a sua distância em relação aos centros urbanos da região. Um Circuito próximo de São Paulo ou de Belo Horizonte, por exemplo, tem maior probabilidade de ter sucesso que um mais distante; ou próximo de um centro de menor importância. Talvez mais importante que a proximidade do centro urbano seja a figura do gestor cujo perfil deve ser adequado para o cargo para não levar o Circuito ao descrédito junto aos municípios participantes. As comunidades locais também devem participar de todas as etapas do processo, caso contrário podem “boicotar” as ações do Circuito (BOLSON, 2004).

No caso dos municípios estudados, Araponga está inserida no ‘Circuito Serras de Minas’ juntamente com outros dez municípios (Ponte Nova, Ubá, Viçosa, Paula Cândido, Guiricema, Guaraciaba, Rio Doce, Santa Cruz do Escalvado, Acaiaca e Barra Longa). Tal circuito recentemente foi certificado e provavelmente deve ser operado por alguma agência de turismo. Já os municípios de Fervedouro e Miradouro estão inseridos no ‘Circuito Serra do Brigadeiro’ juntamente com outros sete municípios: Antônio Prado de Minas, Eugenópolis, Muriaé, Patrocínio de Muriaé, Pedra Bonita, Rosário da Limeira e Vieiras.

Pode-se dizer que alguns avanços já foram alcançados, mas muito ainda há de ser feito, afinal não existe uma fórmula para o sucesso dos empreendimentos destinados

ao setor turístico. Os países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, precisam desenvolver políticas que visem o desenvolvimento e a sustentabilidade em todos os setores, de forma conjunta. Segundo LUCHIARI (1997), todas as políticas nacionais e regionais, discutidas atualmente para a atividade turística, possuem aspecto altamente positivo. Afinal, se os governos (federal, estadual e municipal) não se apressarem em regulamentar o setor, certamente a iniciativa privada não tardará em implementar suas estratégias de expansão neste mercado altamente lucrativo, arriscando a sobrevivência dos próprios recursos turísticos: natureza, cultura e patrimônio histórico.

#### 4. MATERIAIS E MÉTODOS

Os objetos do presente estudo são os três municípios (Araponga, Fervedouro e Miradouro) identificados em trabalho executado anteriormente pelo autor (PINTO, 1999), como os que têm maior potencial turístico entre os oito municípios que compõem o PESB, por serem aqueles com maior área do PESB somando aproximadamente 80% da sua área total. Em Araponga e Fervedouro estão localizadas as portarias oficiais. Os três municípios consequentemente abrangem o maior número de atrativos naturais como cachoeiras, trilhas, picos, pedras, entre outros, com qualidade e facilidade de acesso, tendo, portanto, maior influência naquela unidade de conservação.

Como instrumentos para a coleta dos dados, os três municípios estudados foram caracterizados (ANEXO I). Foram desenvolvidos revisão de literatura e visitas aos locais, onde foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com empreendedores do setor turístico; com uma parcela representativa das comunidades dos três municípios e com os turistas (ANEXOS II, III e IV). Foi feita também uma entrevista semi-estruturada com o gerente do PESB (ANEXO V).

Foram utilizadas fotografias feitas com câmera digital para os registros e posterior análise dos aspectos paisagísticos, ambientais, entre outros. Todas as fotografias são do autor.

A escolha dos entrevistados (comunidades locais e turistas) foi feita aleatoriamente, mas sempre com a preocupação de abranger os mais variados públicos.

O número de entrevistados definidos como sendo comunidade local foi estabelecido de acordo com o número de habitantes dos municípios estudados para que a amostra fosse representativa. Em média, foram ouvidos 0,56% da população em cada município. Quanto aos turistas, tentou-se entrevistar o maior número possível de pessoas para que se pudesse ter um bom perfil dos visitantes. Optou-se por entrevistar somente pessoas cuja idade fosse superior a 15 anos.

Foram visitados todos os meios de hospedagem, onde foram feitas entrevistas com proprietários (ou responsáveis) e caracterização dos empreendimentos. A elaboração do formulário para a caracterização dos empreendimentos foi adaptada com base nos trabalhos de LOBATO (1998).

No momento da abordagem e realização das entrevistas, o pesquisador se apresentou e explicou os objetivos do trabalho, dando ao entrevistado a opção de participar ou não da pesquisa. Como o nível cultural dos entrevistados era bastante variável, em alguns casos foi necessária uma entrevista mais extensa e trabalhada a fim de se conseguir captar as informações requeridas de forma clara, em outros casos o próprio entrevistado auxiliou na condução da entrevista.

Para a análise dos dados, optou-se em expor os resultados na forma de gráficos simples, descrições com porcentagens e descrições com base nas entrevistas e imagens fotográficas.

No caso dos impactos ambientais, para a sua descrição, o método utilizado no presente trabalho foi o da listagem de controle (“check list”) descritivo. Segundo MOREIRA (1985) e MAGRINI (1989) citados por SILVA (1994), as listagens de controle foram os primeiros métodos de avaliação de impactos ambientais, em virtude, principalmente, de sua facilidade de aplicação, pois num esforço multidisciplinar pode-se efetuar uma listagem dos impactos mais relevantes, mesmo com limitação de dados.

O período de coleta dos dados foi de maio de 2004 a maio de 2005, principalmente em dias de semana, mas também em finais de semana e feriados prolongados.

A Figura 1 ilustra a localização, acessos e informações gerais sobre os locais estudados.

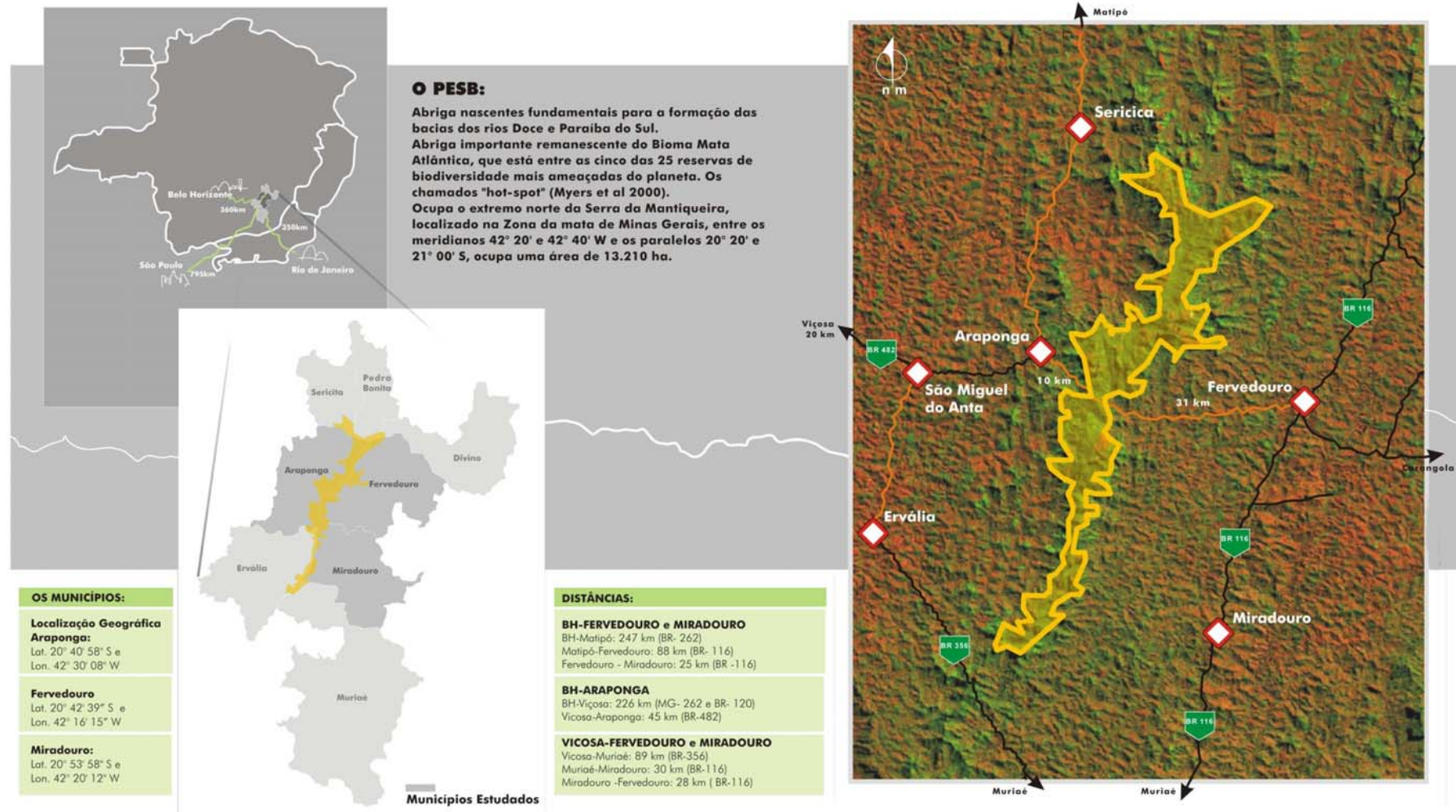


Figura 1: Localização, acessos e informações gerais sobre os locais estudados (Fonte: IEF/CEDEF, 2004).

## 4.1. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

### 4.1.1. ARAPONGA

O município de Araponga localiza-se na Zona da Mata de Minas Gerais, com área de 305,2 km<sup>2</sup>; tendo como coordenadas os meridianos 20° 40' 58'' latitude sul e 42° 30' 08'' longitude oeste. Faz divisa com os municípios de Carangola, Miradouro, Ervália, Canaã, Sericita e Abre Campo; tendo Viçosa como pólo de desenvolvimento. Tem população total de 7648 habitantes, sendo que 74,63% vivem na área rural (IBGE, 2001). Possui apenas um distrito, Estevão Araújo, distante 7 km do centro da cidade. Dos oito municípios que fazem parte do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), Araponga possui 41,03% de sua área total, tendo, portanto, a maior área dessa unidade de conservação. Sua altitude é, em média, de 1050 m e a topografia é bastante acidentada (Foto 1).



**Foto 1** : Vista da área urbana do município de Araponga, onde se nota a influência da cultura do café na paisagem.

Araponga está a 54 km de Viçosa pela BR 482 e interligada, por transporte rodoviário, via asfalto, aos municípios de Piranga, Canaã, São Miguel do Anta e Ervália. Uma das portarias do PESB foi construída no município, à distância de apenas 9 km da área urbana, na estrada que liga Araponga a Fervedouro, que também possui uma portaria do Parque. Essa estrada passa pela área central do PESB, daí ter-se belas paisagens em pontos estratégicos para contemplação e parada.

O município está inserido na bacia do Rio Doce e quanto ao relevo, segundo GJORUP (1998), pode ser dividido em três regiões centrais. A *primeira* corresponde às porções sul, sudeste, leste e nordeste, onde predomina um relevo escarpado, formado pela Serra do Brigadeiro e suas ramificações. Em todas as áreas serranas são freqüentes os afloramentos rochosos, constituindo pães-de-açúcar, paredões rochosos e frontões modelados, principalmente em rochas cristalinas. As vertentes são muito abruptas (declividades superiores a 50%), longas e bastante ravinadas. É comum, ainda, a ocorrência de superfícies regulares de topografia suave, formando bacias de acumulação de sedimentos. A altitude relativa (diferença entre o ponto mais elevado e o mais baixo) desta área chega a ser da ordem de 1200m. A *segunda* região corresponde à porção central do município, onde o relevo mostra-se diversificado, ora com características serranas e em outros pontos características de planalto. Predominam declividades médias (entre 12 e 50%) e a altitude relativa desta região é da ordem de 900 m, aproximadamente. A *terceira* região corresponde à porção oeste do município e é delimitada, grosso modo, pelo Ribeirão Félix e seus afluentes, pelo Córrego dos Lanas e pelo Córrego Floresta. Nesta área, as altitudes são menos acentuadas, tanto nos topos (900 a 1300 m) quanto nos vales (700 a 800 m). A altitude relativa é menor, geralmente inferior a 850 m. A região é formada essencialmente por colinas policonvexas, caracterizadas por vertentes alongadas, formando esporões esculpidos por inúmeras cabeceiras de nascentes de pequena drenagem. O pico dos Soares é o ponto mais elevado do município (1985 m); a menor altitude é registrada na várzea do Rio Santana, com 620 m, apresentando, portanto, uma amplitude de 1365 m (GJORUP, 1998).

A paisagem da estrada que dá acesso à cidade é bastante rica. Pelo fato de ser sinuosa, a estrada leva, a cada curva, a cenários diferentes, e uma nova vista se forma. São paisagens tipicamente rurais, formadas de pequenas propriedades, rios, morros mais ou menos vegetados, pastagens, rochas; e de alguns pontos é possível visualizar a Serra do Brigadeiro. Neste caso, tem-se um bom ponto de parada (Foto 2). Situadas no



percurso, estão duas cidades, São Miguel do Anta e Canaã, que têm portes semelhantes ao de Araponga, e que oferecem alguma infra-estrutura e serviços.



**Foto 2:** Paisagem tipicamente rural, mostrando o contraste da montanha com forma arredondada e o uso do solo nas áreas de relevo mais suave.

Araponga possui duas praças públicas, mas a principal é a praça central, próxima à Igreja matriz, que é mais usada por moradores, estudantes e visitantes por estar localizada nos pontos de ônibus e comércio. No entanto, estas praças poderiam ser mais bem arborizadas com árvores e plantas típicas da região, trazendo maior harmonia com a paisagem local que é bastante rica e exuberante. Da mesma forma, a arborização urbana é praticamente inexistente e merece maior atenção (Foto 3).

Pelo porte e urbanização da cidade, é comum nas residências o uso dos quintais para plantação de pomares, hortas e algumas árvores, principalmente frutíferas. O uso dos quintais é muito comum e deve ser incentivado, porquanto o quintal pode se tornar uma fonte de renda e de alimentos para a comunidade, assim como pode atrair a fauna silvestre.



**Foto 3:** Vista da praça central de Araponga, mais usada pelos moradores.

O clima da cidade, bastante agradável o ano todo, é caracterizado como mesotérmico, verões brandos a quentes e úmidos. Com mínimas de  $0^{\circ}\text{C}$  e máximas de  $30^{\circ}\text{C}$ , a média anual é de  $18^{\circ}\text{C}$ . As principais atividades econômicas são a cafeicultura e o gado de leite. O ecoturismo e o turismo rural têm gerado boas expectativas na comunidade, tendo em vista a inauguração do PESB em 2005 e o aumento de turistas na cidade, que vão em busca das belezas naturais, da típica comida mineira, do clima agradável, além da boa receptividade das pessoas. Existem na cidade duas pensões na área urbana, uma pousada a 8 km da cidade por estrada transitável o ano inteiro com boa estrutura e atrativos naturais; e dois campings a aproximadamente 10 km da praça central.

Quanto aos atrativos naturais, o município é privilegiado. Um dos mais belos exemplos é a Serra do Boné, ao longo da qual nascem cursos d'água, formam-se cachoeiras (a do Boné e da Laje), emolduram-se pães-de-açúcar (a Pedra Redonda), instalam-se fazendas (a do Brigadeiro que possui mais de 3000 hectares de matas exuberantes), o Alto do Cruzeiro, os túneis das Minas de Ouro, a cachoeira de São Domingos, entre outros. Poder-se-ia dizer que esse universo de atrações visuais culmina com a imponência do Pico do Boné.

Aspectos relacionados com a estrutura administrativa da cidade demonstram cuidado com o saneamento básico. O lixo urbano, por exemplo, é coletado periodicamente pela prefeitura e depositado em aterro controlado (Foto 4). Está prevista a construção de uma usina de triagem do lixo, bem como uma estação de tratamento de esgoto que beneficiará toda a população urbana, despoluindo os rios, e promovendo a revitalização de uma cachoeira urbana, que poderá ser novamente utilizada. Na área rural, periodicamente é feito um trabalho de educação ambiental que tem por objetivo informar a respeito do destino correto do lixo e esgoto doméstico (tem sido incentivado o uso de fossas sépticas), o que é muito importante, tendo em vista que a maior parte da população reside na área rural e logicamente também produz resíduos.



**Foto 4:** Aterro controlado em Araponga.

É comum na zona rural o uso de trilhas que levam a outras comunidades e que muitas vezes cortam o parque. Este hábito tem sido monitorado a fim de evitar o risco de incêndios, mas não é reprimido pela administração do Parque, evitando assim desentendimentos e retaliações dos moradores.

Araponga possui grande potencial turístico, tendo em vista sua localização privilegiada, grande número de atrativos naturais e a presença do PESB. A população local, os turistas e os empresários do setor parecem estar bem informados quanto às

questões ambientais e com boas expectativas com relação à atividade turística que tem sido desenvolvida lentamente nos últimos anos.

#### **4.1.2.FERVEDOURO**

O município de Fervedouro foi emancipado em 1992, através do Decreto 10704. Segundo RIBON (2005), o município está localizado na Zona da Mata de Minas Gerais, na região do Vale do Paraíba do Sul, tendo como coordenadas os meridianos 20° 42'39" latitude sul e 42° 16' 15" longitude oeste. Dentro do município existem duas Unidades de Conservação, a APA municipal de Fervedouro e o PESB. A APA de Fervedouro está localizada na área oeste, abrangendo toda a região serrana e parte de várzeas, com altitudes variando de 750 m até 1985 m, que é o ponto culminante do município. Dentro da APA, que abrange parte dos dois distritos - Bom Jesus do Madeira e São Pedro do Glória - se encontram as comunidades do Grama, Boa Esperança, Pirraça, São Bento, Brigadeiro e Ararica, com escolas e algumas capelas. As sedes dos dois distritos estão localizadas dentro dos limites da APA, tendo escolas estaduais e municipais, posto telefônico, posto de saúde e comércios.

Tem área de 357 km<sup>2</sup>, população de 9.671 habitantes, sendo 61,5% residentes na área rural (IBGE, 2001). O município está localizado a leste da Zona da Mata Mineira, tendo fácil acesso por estradas asfaltadas (BR 116-Rio Bahia) e BR- 482 (Belo Horizonte - Vitória).

Com 26,68% da área total do PESB, o município tem uma das portarias localizada a 9 km do distrito de Bom Jesus do Madeira. Da área central do município, o acesso ao Parque se faz por uma estrada de chão com extensão de 31 km.

Fervedouro é privilegiada quanto à localização, estando a 335 km de Belo Horizonte, 360 km do Rio de Janeiro, 669 km de São Paulo, 230 km de Juiz de Fora, 54 km de Muriaé, 32 km de Carangola, 330 km de Vitória. De Viçosa, o acesso é fácil: são 28 km de Viçosa a Ervália pela BR-356; de Ervália até Muriaé são mais 61 km; e de Muriaé, pela BR-116 (Rio-Bahia), são mais 58 km até Fervedouro, totalizando 147 km.

Os trechos das estradas que formam o itinerário, de Viçosa a Fervedouro, por exemplo, compõem um panorama de real grandeza. São pequenas propriedades rurais, sítios e fazendas; algumas delas ainda preservam antigos casarios suntuosos; outras menos imponentes, mas com típicas construções rurais do século passado. Aliadas a

uma vegetação sempre presente e um relevo montanhoso, conferem à estrada uma paisagem agradável e tipicamente rural. O mesmo pode ser dito das estradas que dão acesso à área rural do município, podendo-se deparar, de tempos em tempos, com belas paisagens. A Serra está quase sempre ao fundo, na ausência da qual, se destacam matas e várzeas banhadas pelos rios que se formam e por algumas quedas d'água.

Há paisagens bucólicas, formadas pelas montanhas, pastagens com animais, as cercas e as casas com arquitetura típica do interior mineiro ocorrem com frequência. Há ainda algum patrimônio na área rural, pouco e disperso, como algumas casas simples de fazendas e sua arquitetura típica (Foto 5).



**Foto 5:** Paisagem típica no meio rural, com pastagens, matas em topos de morros e a serra ao fundo.

Quanto à vegetação, de acordo com RIBON (2005), o município situa-se no Domínio da Mata Atlântica, sendo recoberto originalmente pela Floresta Estacional Semidecidual Submontana e Campos de Altitude; estão em bom estágio de conservação. As áreas de várzeas, nas partes mais baixas, utilizadas para a agricultura e pecuária, apresentam ainda algumas manchas florestais.

Fervedouro tem clima agradável, com médias anuais de 15 °C. A precipitação média anual varia em torno de 1500 mm. O período seco dura aproximadamente três meses, coincidindo com os meses mais frios (RIBON, 2005). As principais atividades

econômicas são a cafeicultura e a bovinocultura de corte, além da agroindústria, tendo potencial para o turismo. Suas altitudes são privilegiadas, variando de 700 a 1985 m, tendo como municípios limítrofes: Araponga, Divino, Carangola, São Francisco do Glória, Miradouro, Abre Campo e Pedra Bonita.

Quanto à geologia, a área pertence à Unidade Complexo de Juiz de Fora, que é considerado de idade arqueana precoce. O complexo estende-se desde Volta Redonda - RJ, no médio vale do Paraíba do Sul, até entre Raul Soares e Manhuaçu, no vale do Rio Doce, numa extensão aproximada de 360 km (RIBON, 2005).

O relevo é pertencente ao complexo da Serra da Mantiqueira, que se caracteriza por apresentar formas alongadas, tipo cristas e linhas de cumeada, com áreas muito declivosas, atingindo declives maiores que 55%, característica esta de maior restrição de uso. O solo tem baixa fertilidade e acidez elevada (RIBON, 2005). Quanto aos recursos hídricos, o município é servido por inúmeros cursos d'água, sendo que 98 desses nascem no PESB, inclusive o Rio Glória; o qual faz parte da Bacia do Rio Paraíba do Sul.

A característica efervescente das águas de alguns de seus mananciais, que borbulham pela vibração provocada pelo simples ato de conversar às suas margens inspirou o nome do Município: Fervedouro.

A água que serve a área urbana é tratada, os principais cursos d'água são o Córrego Rosa Verde (que abastece a cidade) e o Córrego Turvo (ou Ribeirão do Jorge). No meio rural, são usados mananciais próprios e poços artesianos. O esgoto doméstico não é tratado, é todo canalizado, mas destinado aos cursos d'água, como ocorre na maioria das cidades brasileiras. Foi feita, no meio rural, uma campanha para instalação de fossas sépticas. Segundo informações obtidas no escritório do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE), a atual administração já solicitou um projeto para a instalação de uma estação de tratamento de esgoto, devendo a construção ser iniciada em breve. O lixo não recebe tratamento, a coleta é diária e todo material é destinado para um 'lixão'.

Na área urbana do município, há escassez em áreas verdes; existe apenas uma pequena praça central, as ruas são pouco arborizadas, as poucas árvores existentes foram plantadas por iniciativas próprias da comunidade. Com isso, erros comuns são notados, como espécies de grande porte sob fiação elétrica, falta de espaço apropriado para o desenvolvimento das plantas, entre outros. Não há também áreas para lazer de crianças, apenas um campo de futebol que é usado em finais de semana (Fotos 6 e 7).



**Foto 6:** Vista da área urbana de Fervedouro, localizada às margens da BR-116.



**Foto 7:** Única praça pública da cidade de Fervedouro, com a Igreja matriz ao fundo.

Por ser uma cidade relativamente nova (foi emancipada do município de Carangola em 1992), Fervedouro quase não possui patrimônio histórico, salvo algumas sedes de

fazendas do século passado. A maior parte das construções é do período atual e exercem pouco impacto ao meio.

Os atrativos naturais são sua grande riqueza. São diversas cachoeiras, a piscina de água natural que ‘ferve’, as matas e sua rica fauna e flora, o PESB e o ambiente rural. Desde 1998, o município vem desenvolvendo um programa de turismo denominado Programa de Desenvolvimento Sustentável do agro e ecoturismo do município de Fervedouro (FERVETUR), e tem como objetivos gerais sensibilizar a comunidade e desenvolver o potencial turístico da região, através da criação de postos de trabalho, de geração e complementação de emprego; e em consequência, renda para as famílias que vivem da agricultura familiar por meio do Agroturismo e do Ecoturismo e acelerar o desenvolvimento econômico, social e ambiental do Município. A partir destes trabalhos, dois produtores rurais iniciaram atividades no ramo de turismo, os quais serão descritos mais adiante.

Os principais atrativos culturais são: a Festa do Café, onde são realizados concursos de qualidade de café e leite, a festa da Padroeira Santa Bárbara, o Jubileu do distrito de Bom Jesus do Madeira e as festas juninas que são comemoradas em diversos locais (tanto na área rural como urbana) atraindo inúmeros visitantes da região.

Nas escolas, um trabalho com educação ambiental é desenvolvido com atividades como visitas ao PESB, comemoração do dia do meio ambiente, palestras e cursos.

A área urbana, mesmo sendo pequena, oferece uma boa infra-estrutura. São dois postos de gasolina, duas agências bancárias, uma agência dos Correios, três restaurantes, academia de ginástica e dois locais de acesso à internet. No entanto, falta um espaço para comercialização do artesanato e produtos caseiros (agroindústria), pois a cidade possui muitos produtores e artesãos no meio rural e a comercialização dos produtos fica restrita.

As áreas rurais e nas proximidades dos distritos, são os locais onde se encontram a maior parte das belezas naturais e as fazendas antigas com seu patrimônio histórico e sua cultura. Este fato chama a atenção para um turismo voltado para esse tema, onde além dos atrativos acima citados, ainda é comum vivenciar hábitos e costumes diferenciados (Foto 8).

A água abundante e os terrenos ondulados e acidentados compõem a paisagem característica de Fervedouro que, em vários pontos, são um convite ao lazer e ao turismo.





**Foto 8:** Vista de uma das ruas do distrito de Bom Jesus do Madeira, com destaque para a inusitada formação (ao fundo) de gigantescos blocos de rocha, dentre eles o Pico do Boné.

#### **4.1.3. MIRADOURO**

O município de Miradouro teve sua origem no povoado de Santa Rita do Glória, que cresceu em volta de uma capela erguida na região. Em 1938, com o nome de Glória, o antigo povoado foi elevado categoria de cidade e, em 1943, ganhou a denominação de Miradouro, justificada pela existência, nas suas proximidades, de uma elevação de onde se descortina esplêndida vista da região (ALEMG, 2005).

Sua área total é 302,4 km<sup>2</sup>, está inserido na Bacia do rio Paraíba do Sul, Zona da Mata do estado e localiza-se a 20° 53' 58'' de latitude sul e 42° 20' 12'' de longitude oeste. A altitude máxima é de 1.908 m na Serra da Grama, mínima de 477 m na foz do Córrego dos Gomes e no ponto central da cidade é de 400 m (ALEMG, 2005).

Faz divisa com os seguintes municípios: Fervedouro, Araponga, Ervália, Muriaé, Vieiras e São Francisco do Glória. A temperatura média anual fica em torno de 23,5° C com média das máximas anuais de 31° C e média das mínimas anuais de 18,2° C. O

índice médio pluviométrico anual é de 1564 mm. O relevo pode ser considerado de topografia montanhosa, 5% plano, 10% ondulado e 85% montanhoso. Os principais cursos d'água que abastecem o município são o Rio Glória, o Ribeirão do Pai Inácio e o Ribeirão Alegre (ALEMG, 2005).

Bem localizado geograficamente, o município está a 356 km de Belo Horizonte pelas BR-381, BR-262 e BR-116. Do Rio de Janeiro está distante 333 km; de São Paulo, 676 km; de Brasília, 1.065 km e de Vitória, à distância de 310 km.

De Fervedouro, a distância é de apenas 21 km pela BR-116 e de Viçosa, Miradouro está a 119 km pelas BR-356 e BR-116. Por este caminho, a estrada é repleta de belas paisagens serranas até bem próximo à cidade.

A população é de 9.770 habitantes, sendo que 49,6 % vivem na área rural. As principais atividades econômicas são a agricultura, o comércio e algumas indústrias de laticínios (IBGE, 2001). Pelo porte da cidade, a área urbana tem uma boa infraestrutura. São quatro agências bancárias, três postos de abastecimento de combustíveis, um hospital, cinco restaurantes, várias lanchonetes e bares e um bom comércio. Miradouro possui quatro distritos distribuídos na zona rural: Monte Alverne, Serraria, Santa Bárbara e Varginha, todos eles com infra-estrutura básica e transporte por linhas de ônibus que saem do centro da cidade em vários horários durante o dia. No entanto, a conservação precária das estradas é o maior problema enfrentado pelos moradores destas regiões.

As praças são bem arborizadas e têm boa manutenção (Foto 9). São bem usadas pela comunidade para descanso, lazer e jogos. Na arborização urbana, foram utilizados basicamente oitis e alfeneiros. Tanto ao longo dos cursos d'água como nos quintais, a vegetação é sempre constante. Os quintais são muito usados pelos moradores para o cultivo de hortas e pomares, onde são cultivados principalmente frutas cítricas e coco da Bahia.

Embora o município não possua Lei de Tombamento Municipal, a área urbana da cidade possui vários casarios que representam algum patrimônio arquitetônico, muitos deles estão bem conservados por iniciativa própria dos proprietários. Outros são usados como repartições públicas e comércio. Muitos municípios brasileiros já perderam seu patrimônio arquitetônico por falta de incentivos e leis que regulamentem a questão. Muitas vezes tal patrimônio tem grande valor e pode ser mais um atrativo turístico para as cidades (Foto 10).



**Foto 9:** Vista da praça central de Miradouro, bem cuidada e arborizada, é bastante usada pela comunidade.



**Foto 10:** Vista de parte do patrimônio arquitetônico de Miradouro.

A coleta do lixo urbano é diária, inclusive nos distritos. Todo material é levado para ser depositado num aterro controlado no município de Muriaé. Se por um lado é um fator positivo, pois não há 'lixão' na cidade, por outro, os gastos com tal transporte

acabam sendo bastante onerosos para a prefeitura. Foi feito um projeto para a construção de uma usina de triagem com aterro sanitário que beneficiaria os municípios de Vieiras, São Francisco do Glória e Miradouro, mas ainda não tiveram resultados concretos. Na área urbana, nota-se uma preocupação com a limpeza das ruas, existindo muitos pontos para coleta de lixo. As ruas são limpas e estão iniciando um trabalho de coleta seletiva para comercialização do material reciclável. O esgoto doméstico não recebe tratamento.

Com relação ao meio ambiente, um bom trabalho de educação ambiental vem sendo feito há anos nas escolas, por iniciativa de um professor. Os alunos são envolvidos em vários projetos como no caso das nascentes, um projeto de micro bacias em parceria com o IEF e a EMATER, seminários, além de trabalhos didáticos e exposições.

O município de Miradouro é muito rico em atrativos naturais. São vários rios com grande volume de água que contornam toda sua extensão formando cachoeiras e cascatas. A paisagem serrana no meio rural se faz presente durante todo o percurso das estradas (Foto 11).



**Foto 11:** Paisagem na estrada, rica em elementos naturais, próxima à área urbana de Miradouro.

Os atrativos culturais em Miradouro acontecem principalmente no mês de maio com as comemorações da padroeira e as festas religiosas; no mês de agosto acontece a exposição agropecuária no parque de exposições. O artesanato, a agroindústria e a culinária estão presentes de forma dispersa em toda comunidade e pode ser mais bem trabalhado tanto para a comercialização local, quanto para o turismo.

A presença abundante de rios faz com que os moradores tenham uma relação bastante intensa com a água. É costume de grande parte da comunidade a prática da pescaria. Usa-se a água para lazer e descanso também; como é o caso das cachoeiras, das ilhas e das cascatas que encantam e atraem pessoas da região.

Dos municípios que fazem parte do PESB, Miradouro possui a terceira maior área dentro da unidade de conservação, com 16,28% da sua área total. O município participou ativamente no processo de criação do parque, auxiliando na coleta de dados e nos levantamentos referentes que foram tão importantes na definição da cota mínima para desapropriações, auxiliando os moradores do entorno.

Não há uma portaria para o PESB nos limites do município, o acesso pode ser feito pela BR-116 até Fervedouro (21 km), seguindo em direção ao distrito de Bom Jesus do Madeira (mais 31 km) por estrada de terra batida, onde se encontra a portaria de Fervedouro ou então seguindo pela estrada de terra batida que dá acesso ao distrito de Monte Alverne (21 km) e deste para Bom Jesus do Madeira, chegando à portaria (mais 17 km).

#### **4.1.4. O PESB**

A Serra do Brigadeiro é uma das mais importantes reservas naturais de Minas Gerais porque possui os últimos remanescentes florestais do leste mineiro. Ocupa o extremo norte da Serra da Mantiqueira, em uma área estendida entre os vales do Carangola, Glória e Rio Doce. A Serra do Brigadeiro abriga nascentes que são fundamentais para a formação das bacias dos rios Doce e Paraíba do Sul, e também dos biomas ameaçados de extinção: os campos de altitude e a Floresta Atlântica de Encosta (TURISMO ECOLÓGICO: MINAS GERAIS, 2001).

O Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB) foi criado em 1996; está sob administração do Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais (IEF-MG). Está localizado na Zona da Mata de Minas Gerais, entre os meridianos 42° 20' e 42° 40' W e

os paralelos 20° 20' e 21° 00' S, ocupando uma área de 13.210 ha, que abrange os municípios de Araponga, Divino, Ervália, Fervedouro, Pedra Bonita, Miradouro, Muriaé e Sericita (ENGEVIX, 1995).

Os acessos oficiais do parque, com sinalização nas estradas (Foto 12), estão nas cidades de Araponga e Fervedouro. Araponga está a 226 km de Belo Horizonte, acesso pelas BR-040, BR-356, MG-262, BR-120, estando a apenas 54 km de Viçosa pelas BR-120 e BR-482. Fervedouro está a 335 km de Belo Horizonte, acesso pelas BR-381, BR-262, BR-116, estando a 147 km de Viçosa passando pelas BR-356 e BR-116.



**Foto 12** : Placa de sinalização em estrada próxima ao centro urbano de Araponga.

De acordo com ENGEVIX (1995), o PESB corresponde a um trecho da Serra da Mantiqueira, inserindo-se na unidade geomorfológica denominada Planalto Dissecado do Centro Sul e do Leste de Minas Gerais (Foto 13). O relevo possui grandes afloramentos rochosos que atingem aproximadamente 2.000 m de altitude, com vales profundos e com pequenos planaltos, sendo, portanto, bastante irregular. Por sua extensão, o PESB é divisor de águas entre as bacias dos rios Doce e Paraíba do Sul. As principais serras que constituem o PESB são: Serra do Matipó, Serra do Brigadeiro,

Serra da Pirraça, Serra do Boné, Serra da Grama e Serra do Pai Inácio (ENGEVIX, 1995).



**Foto 13:** Vista da paisagem na estrada que passa pelo PESB, na Ermida Antônio Martins.

O clima da região varia entre Cwb e Cwa (classificação de KÖPPEN), isto é, clima mesotérmico, caracterizado por verões brandos a quentes e úmidos. A temperatura média anual é da ordem de 18°C, com média do mês mais frio inferior a 17°C e média do mês mais quente inferior a 23°C. A altitude, entre 1000 e 2000 m, e o relevo exercem importante influência nas características climáticas do PESB, amenizando as temperaturas e criando um microclima tipicamente serrano nas regiões mais elevadas, onde se pode notar a presença de neblina, em grande parte do ano, principalmente no período da manhã (ENGEVIX, 1995).

Com relação ao regime pluviométrico, o PESB apresenta um período chuvoso durante os meses de novembro a março, que também é o período mais quente, e um período mais seco de maio a setembro, sendo o trimestre junho, julho e agosto o mais frio. A precipitação média anual varia em torno de 1.300 mm (ENGEVIX, 1995).

Segundo BITTENCOURT (2000), a vegetação predominante no PESB é a Floresta Pluvial Estacional Tropical Perenifólia, do Planalto Sul, nas áreas onde

ocorrem os latossolos e cambissolos. Nas áreas características de litossolo, ocorre a vegetação de campos de altitude, em geral acima de 1.600 m. Abaixo desta altitude, predominam as matas, onde 80% das quais apresentam-se em estágio secundário e 20% em estágio primário. Estando, estas últimas, localizadas em áreas de difícil acesso, entre 1.600 e 1.500 m de altitude.

Nesta oportunidade, é interessante recordar um pouco do histórico da criação do parque, na década de 60, quando a empresa Belgo-Mineira iniciou a exploração de uma extensa área de mata, grande parte primária, para fazer carvão, que seria utilizado em suas siderúrgicas. Na década de 70, as explorações chegaram ao fim, deixando como resultado uma grande área desmatada (GJORUP, 1998).

Nesta época, pesquisadores do Departamento de Engenharia Florestal (DEF) da Universidade federal de Viçosa (UFV), em conjunto com o WWF, iniciaram estudos na região. Tais estudos deram origem a um documento denominado “Sugestões para a criação do Parque Nacional da Serra do Brigadeiro”, em que foi citada a importância da preservação daquele que era um dos últimos grandes fragmentos da Mata Atlântica da Zona da Mata de Minas Gerais, assim como sua potencialidade para o turismo. Os autores destacaram que a Serra do Brigadeiro apresenta condições ecológicas bastante diversas das áreas vizinhas: o conjunto de cadeias de montanhas que elevam abruptamente, os vales profundos e estreitos condicionam a existência de seu microclima – frio, de alta pluviosidade e elevada umidade relativa nos vales - e, conseqüentemente, uma flora e fauna peculiares que devem ser estudadas (COUTO & DIETZ, 1980).

Em 1988, o governo do estado, com base nestes estudos, promulgou lei que autorizava a criação do PESB. Segundo esta lei, o PESB seria criado a partir da cota de 1.000 m de altitude, tendo como limite norte o paralelo de 20° 33’, ficando com um total de 36.500 ha. O parque assim criado envolveria áreas dos municípios de Muriaé, Mirai, Miradouro, Araçonga, Abre Campo, Sericita, Fervedouro e Ervália. Em 1993, o IEF iniciou estudos e levantamentos necessários para a criação do PESB, uma vez que a lei mencionada não ditava os limites do parque, mas sim a cota mínima de 1.000 m. Foi contratada a empresa de consultoria ENGEVIX para fazer os estudos do meio físico e os serviços da Faculdade de Filosofia e Letras de Carangola (FAFILE), em conjunto com o Departamento de Biologia Animal da UFV, para efetuarem os levantamentos do meio biótico. Estes estudos dariam subsídios para o IEF decidir os limites do PESB.



Na verdade, os limites da cota foram alterados para atender os anseios da população com relação às desapropriações e ao uso do solo na região, ficando o PESB com uma área total de 13.210 ha (GJORUP, 1998).

Na floresta de encosta encontram-se várias espécies de árvores de grande valor comercial como cedros, cajeranas, jequitibás, canelas, óleo-vermelho, bicuíba, perobas, ipês, roxim etc. PAULA (1998) descreveu duas espécies de Bromeliaceae endêmicas do PESB. Segundo o mesmo autor, a diversidade de espécies de Bromeliaceae ocorrentes no PESB é a terceira maior do Brasil, superada apenas pela Serra de Macaé de Cima-RJ e pela Ilha do Cardoso-SP.

A fauna ocorrente na Serra do Brigadeiro já vem sendo estudada. Destaca-se o mono-carvoeiro, primata encontrado apenas na Mata Atlântica, é o maior primata do continente americano. Os machos podem atingir até 15 kg. Alguns outros animais presentes na região do PESB são, entre outros: a suçuarana ou puma, a jaguatirica, o catitu, o veado-mateiro, o tamanduá-de-colete, o caxinguê, a preguiça-de-três-dedos, os gambás, o macaco barbado, o macaco-prego, o ouriço, o beija-flor, o gavião-pomba, o tucano-do-peito-amarelo, a araçari-poca, a maritaca, a coruja, o juriti, o pica-pau, a jararaca, a cobra-coral, o teiú, e ainda uma grande infinidade de borboletas, besouros, libélulas e insetos de um modo geral.

O PESB, mesmo tendo sido inaugurado recentemente, tem se destacado entre as Unidades de Conservação do Estado de Minas Gerais por estar entre as poucas que têm realizado processos participativos em seu planejamento e gestão.

Neste sentido, segundo ALMEIDA (2004), a partir de 2003, houve a definição de um Termo de Referência para a Elaboração de Planos de Manejo das Unidades de Conservação Estaduais de Proteção Integral; é marco norteador da atuação do IEF em relação aos instrumentos para gestão das unidades sob sua jurisdição.

Segundo o mesmo autor, o PESB conta com duas ferramentas que propiciam tanto a mobilização e a participação de seu corpo técnico, quanto fornecem as bases para a elaboração dos planos: o Diagnóstico Participativo de Unidade de Conservação (DIPUC) e o Diagnóstico Rural Participativo (DRP). O DIPUC é um método fundamentado no enfoque participativo, para analisar a realidade de UC's, por meio de um processo de aprendizagem compartilhada, levando informações junto aos seus funcionários, para aumentar o conhecimento e sistematização de informações sobre elas, como por exemplo, os limites do parque, rios e córregos, vegetação, fauna, infraestrutura, organização do trabalho. Já o DRP é uma metodologia que permite o

levantamento de informações sobre a realidade das comunidades do entorno à unidade. Em projetos ou programas comunitários, estas informações podem ser utilizadas para o planejamento de ações, o monitoramento de atividades, a avaliação dos resultados e a mobilização comunitária.

A realização desses diagnósticos tem contribuído para a motivação e o envolvimento dos funcionários das unidades, que passam a ter melhor compreensão sobre a realidade dos parques, melhorando o nível de informações prestadas às comunidades vizinhas e aos visitantes (ALMEIDA, 2004).

O autor ressalta ainda que é extremamente recente a experiência da gestão das unidades de conservação estaduais de proteção integral, de forma compartilhada, com os conselhos consultivos. Os quais, só existem atualmente nos Parques Estaduais do Rio Doce e da Serra do Brigadeiro. As avaliações dos gerentes dessas unidades vêm ao encontro das expectativas locais de que o compartilhamento do conhecimento sobre a unidade é a base para o estabelecimento de parcerias (baseadas nas definições dos objetivos e de manejo) na busca da definição de ações voltadas à proteção da unidade, e, sobretudo nas perspectivas de sustentabilidade através de ações que levem à geração de trabalho e renda para as comunidades do entorno dessas unidades. Por outro lado, compor conselhos motivados apenas pela obrigação de cumprir lei, ou para agradar diferentes grupos políticos regionais, ou com excesso de participantes, pode inviabilizar o funcionamento deles, perdendo-se a oportunidade de se criar espaços democráticos de negociação. Nesse sentido, uma oficina coordenada pelo PROMATA/MG, em parceria com o Projeto Doces Matas, foi realizada com o intuito de apontar diretrizes e propor orientações básicas para a formação e implementação de Conselhos Consultivos em unidades de conservação (ALMEIDA, 2004).

O Projeto de Proteção da Mata Atlântica (PROMATA/MG) é resultado do acordo de cooperação financeira internacional celebrado entre os Governos mineiro e alemão, por meio do Banco Kreditanstalt für Wiederaufbau (KfW), agente financiador do ministério de Cooperação Internacional da Alemanha (BMZ). Em abril de 2003, o Governo do Estado de Minas Gerais, através da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SEMAD), deu início ao projeto, que tem o objetivo de promover ações de proteção, recuperação e uso sustentável da Mata Atlântica em Minas Gerais. O projeto prevê que até o ano de 2007, deverão ser aplicados 7,6 milhões de euros pelo Governo Alemão e, em contrapartida, o mesmo valor será destinado pelo

Governo de Minas Gerais, através da SEMAD e do Instituto Estadual de Florestas (IEF) (AMBIENTE BRASIL, 2005).

Quanto aos trabalhos com educação ambiental no entorno do PESB, MELLO (2002) comenta que várias instituições vêm realizando atividades distintas de trabalho com educação ambiental, tanto nas escolas como nas comunidades, especialmente nos municípios de Fervedouro, Araponga, Miradouro e Muriaé. Entre elas estão a Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), Centro de Estudos Ecológicos e Educação Ambiental (CECO), Instituto Estadual de Florestas (IEF), Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa (DPE/UFV) e as ONG's Amigos de Iracambi e o Centro de Tecnologias Alternativas (CTA).

O processo de diálogo que vem sendo construído pelos atores sociais envolvidos evidencia as diferenças entre eles, ao invés de dissolvê-las. A explicitação dessas diferenças não é considerada como impedimento para a realização e amadurecimento desse diálogo e das atividades de interesse comum.

Um importante acontecimento, nesse sentido, foi a realização do “Simpósio do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro”, em julho de 2000. O evento buscou “trazer para a mesa de discussões, de forma participativa, a comunidade científica e as organizações civis que atuam na unidade (Parque)”, segundo seus organizadores. Além dessas instituições, participaram desse evento moradores locais representantes das comunidades e lideranças dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais da região. Durante o Simpósio, foram realizadas discussões em grupos, compostas da multiplicidade de atores sociais presentes, sobre os temas: meio biótico, abiótico, gestão, educação ambiental, relação com o entorno.

Grande parte dos trabalhos de educação ambiental realizados pelas instituições é feito em parceria, tendo em vista o interesse comum na transformação das relações entre o ser humano no seu meio ambiente e a constatação da necessidade urgente de redução dos processos de degradação ambiental. Entretanto, coexistem nesta rede de relações institucionais interpretações distintas de realidade, meio ambiente e processos educativos. Desse modo, a formulação das estratégias e metodologias de trabalho, muitas vezes, não acontecem por um processo de construção conjunta, caracterizando o posicionamento de uma, ou de outra, das instituições; ainda que sua realização seja feita em parceria. Por esse motivo, é possível perceber as diferenças entre concepções e os seus princípios, tendo atenção às responsabilidades na elaboração das ações educativas para o entorno do PESB (MELLO, 2002).

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 5.1. OS EMPREENDIMENTOS DO SETOR TURÍSTICO

#### 5.1.1. ARAPONGA

**Pousada Serra D'Água:** inaugurada em outubro de 1999, a pousada se localiza no km 6 da rodovia que liga Araponga a Fervedouro pela estrada que passa pelo PESB ou na região da Serra das Cabeças (zona rural de Araponga). O acesso é por estrada de terra batida, em bom estado de conservação, transitável durante todo o ano. O proprietário oferece traslado da cidade para a pousada, caso o hóspede agende com antecedência e venha de ônibus; pode-se também usar, nestes casos, serviço de táxis.

O proprietário, Ronaldo Vitarelli, é engenheiro civil e foi quem concebeu e executou o projeto. A casa sede da fazenda foi restaurada e foram construídos mais dois chalés para a pousada. Foram usados materiais e tecnologias tradicionais do meio rural como o pau a pique e pigmentos naturais. As instalações se inserem bem à paisagem local, que é tipicamente rural, sem causar impacto visual negativo. Podem ser caracterizadas como simples, rústicas, mas com conforto.

Na casa existem seis suítes, os dois chalés geminados podem hospedar seis pessoas, e há, também, um abrigo de montanha (uma casa com três quartos e fogão a lenha que está localizada no interior da mata). Ao todo, a pousada pode hospedar 30 (trinta) pessoas (Fotos 14 e 15).

O restaurante de comida típica mineira está sendo ampliado e reformado para melhor atender aos clientes, em função de maior demanda por tal serviço, principalmente nos finais de semana.

Como atrativos, a pousada possui um pequeno lago que forma uma piscina natural com queda d'água e uma ducha, denominada 'prainha'. O local foi adaptado para oferecer mais conforto ao turista.



**Foto 14:** Casa sede da pousada e, ao fundo, a Serra das Cabeças.



**Foto 15:** Chalés construídos com materiais típicos do meio rural.

Segundo VITARELLI (2004)<sup>1</sup>, a idéia foi a de aproveitar o recurso natural, transformando-o em produto turístico. No local, foram construídos, também, *decks* e mesas de madeira, o piso foi revestido com areia fina e seixos, retirados da própria fazenda (Foto 16). Oferece, também, várias trilhas diferenciadas para públicos diversos; desde passeios mais rápidos e fáceis até um *trecking* ao topo das montanhas.

No entorno da pousada existem, ainda, três cachoeiras e estradas ideais para passeios de bicicleta e caminhadas, onde é possível desfrutar de ar puro e belas paisagens serranas.



**Foto 16:** Vista da ‘prainha’, principal atrativo da pousada.

A diária para casal com meia pensão (café da manhã e almoço) custa R\$ 80,00; para uma pessoa (*single*), R\$ 45,00 com meia pensão. O restaurante pode atender também visitantes, com refeição a R\$ 11,00 e o café/lanche a R\$ 6,00.

Os insumos e matérias-primas são adquiridos na micro região: Viçosa, Canaã, Araponga e adjacências; alguns produtos como ovos, verduras, legumes, café e algumas frutas são produzidos na própria fazenda.

---

<sup>1</sup> VITARELLI, R. **Caracterização dos empreendimentos**. Araponga: 2004. Entrevista concedida a Frederico Queiroz Brumano Pinto em 04 de nov. 2004.

Os resíduos são bem manejados, o lixo é separado e reaproveitado por meio de compostagem, com a parte orgânica. Todo o esgoto passa por fossas sépticas com filtro, o que reduz bastante a contaminação dos recursos hídricos.

A pousada tem quatro funcionários fixos e nos períodos mais movimentados são contratados outros extras, de acordo com a demanda.

Para VITARELLI (2004), a decisão de investir em turismo veio quando adquiriu a fazenda e percebeu o potencial da região para o ecoturismo, devido à proximidade com o PESB (a pousada está a 4 km da portaria de Araponga). Daí ter acreditado nos investimentos que viriam quando as obras para a construção das infra-estruturas do parque se iniciassem, e na possibilidade deste fato atrair mais turistas para a região.

Os principais desafios enfrentados foram, segundo o entrevistado, a determinação do número ótimo de unidades de quartos para chegar ao ponto de equilíbrio, trabalhando com muita economia (recursos próprios); resolver os problemas com o acesso no início das obras e também infra-estruturas como luz e telefone, além da mudança radical de vida por ser uma profissão nova para ele.

Quanto à demanda turística na região, o proprietário afirma que no início foi baixa, mas que tem aumentado e tende a aumentar ainda mais já que o PESB foi oficialmente aberto. Ressalta que a variada oferta turística na região (clima de montanha, trilhas, cachoeiras, esportes de aventura, mata atlântica, o PESB, o folclore, artesanato e culinária típica) é o maior diferencial, com boas expectativas para o desenvolvimento do turismo no município e região. Tanto que ele acredita no crescimento e até duplicação do empreendimento num futuro próximo.

A principal procedência dos turistas, atualmente, é a micro região de Viçosa, mas é comum receber pessoas de Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro.

**Pensão e Restaurante Santa Maria e Pensão e Restaurante Milagris:** são os meios de hospedagem na área urbana e estão localizadas no centro da cidade. Primeiro meio de hospedagem de Araponga, a Pensão Santa Maria, está localizada na Rua José Hernesto Kummel, nº 1, funcionando há mais de cinquenta anos no mesmo local. Já a Pensão e Restaurante Milagris foi inaugurada a um ano e meio e localiza-se na Rua Sebastião L. de Assiz, s/n (Fotos 17 e 18).



**Foto 17:** Fachada da pensão e restaurante Santa Maria, inaugurada há mais de cinquenta anos.

O público alvo dos dois empreendimentos são vendedores e viajantes que pernoitam na cidade. Aproximadamente 20% dos hóspedes podem ser considerados turistas.

As estruturas são bastante simples. São casas residenciais que foram adaptadas para pensão. A maioria dos quartos não possui TV e ventiladores como equipamentos. A diária com café da manhã simples varia entre R\$ 8,00 e R\$ 12,00 por pessoa. Ao todo podem se hospedar 32 (trinta e duas) pessoas.

Na pensão Santa Maria funciona, também, um restaurante famoso pela comida caseira com culinária tipicamente mineira. Os dois empreendimentos servem refeições à parte e os preços variam entre R\$ 4,00 e R\$ 6,00.

Empresas familiares, as pensões contam com, no máximo, dois funcionários que auxiliam nos serviços gerais. O capital para a reforma foi próprio e a decisão em investir neste tipo de empreendimento veio com a intenção de se obter uma renda extra.





**Foto 18:** Pensão e restaurante Milagris, recentemente inaugurada.

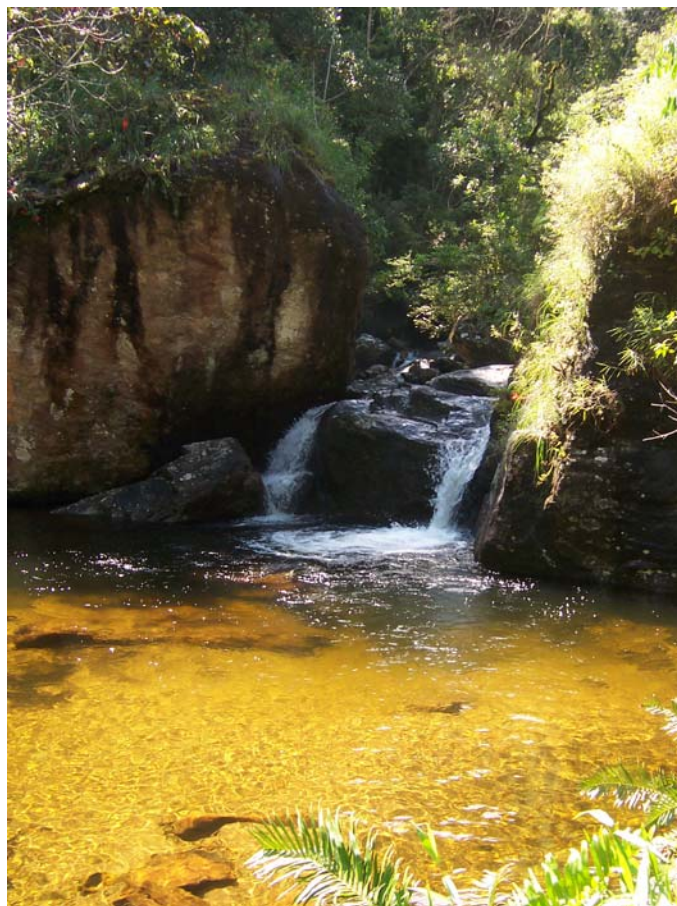
**Camping Vale das Luas:** inaugurado em 2000, o camping está localizado na Serra do Boné (zona rural de Araponga), estando a 15 km da área central da cidade por estrada de chão batido.

A localização é privilegiada por estar no alto da serra. O estabelecimento oferece aos campistas inúmeras piscinas naturais, cinco trilhas e uma impressionante vista panorâmica da paisagem. Como equipamentos instalados, o camping possui restaurante, banheiros com chuveiros elétricos e pia para uso dos campistas que preferem preparar seus alimentos no local (Fotos 19 a 21).

O projeto arquitetônico foi concebido pelo proprietário Vandeli Ricardo Miranda Sobrinho e está bem inserido na paisagem local. Os materiais, telhados e a própria escala das construções não chega a destoar do entorno, ao mesmo tempo em que são rústicos e oferecem conforto aos usuários.

Para o manejo dos resíduos líquidos, foram feitas fossas com caixa séptica em todas as construções; já o lixo sólido que é produzido no local é destinado para o município de Araponga, sendo o lixo orgânico aproveitado como adubo para uma horta cultivada próxima ao restaurante. Os campistas são bem instruídos com um folheto explicativo que recebem logo na entrada, onde são alertados para o não uso de produtos químicos nos cursos d'água, o barulho, e o lixo que deve ser levado de volta, já que a

atual administração municipal ainda não disponibilizou coleta na região para o transporte desse material.



**Foto 19:** Piscina natural próxima à área de camping, um dos atrativos mais procurados.

O camping funciona apenas nos finais de semana e feriados. Os custos com diárias são: R\$ 7,00 por pessoa por dia de acampamento; para excursionistas (passar o dia) é cobrada uma taxa de R\$ 2,00. O restaurante serve café da manhã e refeição que tem custo de R\$ 7,00 para campistas. Para visitantes, o valor é de R\$ 9,00. Na área do camping existe também a opção de dois abrigos (quartos). Neste caso, a diária custa R\$ 23,00 com café da manhã. O camping possui três funcionários que trabalham na limpeza, cozinha e atendimento. Todos moram na região e trabalham apenas nos dias de funcionamento, já os insumos e matérias primas são adquiridos em Viçosa por encontrar melhores preços.

Segundo MIRANDA SOBRINHO (2005)<sup>2</sup>, a decisão de investir em turismo o acompanha há muitos anos. Sempre frequentou locais de belezas naturais e assim que adquiriu a propriedade, já iniciou as obras de infra-estrutura para o camping, tendo em vista a grande potencialidade do local para o ecoturismo. Por outro lado, aponta que há falta de uma política de apoio ao turismo na região.



**Foto 20:** Placa de sinalização e informações, em uma das trilhas.

Para o entrevistado, com os recursos destinados na construção do PESB, poderia ter sido feito uma portaria ou um pequeno centro de visitantes com guardas parque na região da Serra do Boné, pois este local sempre foi e ainda é muito procurado por ecoturistas e merecia maior atenção e cuidados. Afirma ainda, que sua infra-estrutura poderia ser utilizada como apoio aos visitantes, mas que não notou interesse do PESB em se fazer uma parceria.

---

<sup>2</sup> MIRANDA SOBRINHO, V. R. **Caracterização dos empreendimentos**. Viçosa: 2005. Entrevista concedida a Frederico Queiroz Brumano Pinto em 26 de mar. 2005.

O proprietário nota uma tendência de aumento na demanda turística para a região, mas acrescenta que o retorno para quem está investindo é muito lento e que seria interessante que o município pudesse oferecer para a comunidade mais cursos de capacitação, a fim de envolver a comunidade com a questão do turismo, criar novos postos de trabalho e valorizar a produção local. Para ele, a condição das estradas é o principal entrave para o desenvolvimento do turismo na região. No período chuvoso, o acesso fica complicado para carros de passeio, o que prejudica também o escoamento da produção rural e o trânsito das pessoas que ali vivem.



**Foto 21:** Instalações sanitárias.

**Camping do Remanso:** localizado no Sítio Córrego do Boné, Serra do Boné (zona rural de Araçuaia), o camping funciona desde 1999 e tem como proprietário o produtor rural Raimundo Martim ou Sr. Dico Simão, como é mais conhecido na região. O camping ainda não tem um nome oficial, é chamado de Camping do Remanso em função de uma grande piscina natural que se forma no curso do rio e que tem o mesmo nome; também, é conhecido como ‘camping do Sô Dico’. Está a aproximadamente 13 km da área central da cidade, com acesso por estrada de terra batida, a mesma que dá acesso ao Camping Vale das Luas, localizado logo à frente (Fotos 22 e 23).



**Foto 22:** Piscina natural Remanso, principal atrativo e que dá nome ao camping.

A área de camping é bastante extensa e está distribuída em vários pontos da propriedade, principalmente ao longo do rio e em uma pequena ilha. As principais atrações são: a piscina natural do remanso, algumas quedas d'água e várias trilhas que podem ser exploradas. O proprietário fez cursos de guia turístico oferecidos pela prefeitura e está bem informado quanto às questões ambientais e de como receber e orientar os visitantes. Quanto aos funcionários, quem o auxilia é a própria família, isto é, os filhos, esposa e cunhados. Os insumos e a matéria-prima são, em sua maior parte, adquiridos no distrito de Estevão Araújo.

Para acampar, é cobrada uma taxa de R\$ 2,00 por dia por pessoa; próxima à casa sede da fazenda, há um bar/restaurante onde é servida comida mineira pelo preço de R\$ 6,00 a refeição; o prato feito custa R\$ 4,00 e o café/lanche pode ser previamente combinado com o proprietário. No mesmo local existem quatro banheiros com chuveiro elétrico; para o banho é cobrada uma taxa de R\$ 1,50. No entanto, esta estrutura fica distante da área de camping, o que pode dificultar o uso. Uma solução seria a construção de banheiros mais próximos às áreas de camping, numa região central, facilitando o uso e diminuindo problemas com poluição e contaminação.



**Foto 23:** Área de camping, localizado no percurso do rio. Latões de lixo são dispostos em vários pontos.

Para MARTIM (2005)<sup>3</sup>, a decisão de investir em turismo surgiu pela constante procura de pessoas que queriam acampar em sua propriedade, em função das belezas naturais que ali existem, além de ter gosto em receber e conversar com pessoas, somando-se ao fato de obter uma renda extra vinda de uma atividade nova. Para ele, foram poucos os desafios e problemas enfrentados, já que foi aumentando as estruturas aos poucos, de acordo com a procura. Acha a concorrência bastante saudável, tem bom relacionamento com o proprietário do camping vizinho, que está sempre disposto a solucionar eventuais problemas. Afirma que a maioria dos ecoturistas que por ali passam é de Viçosa e região; em geral, essas pessoas permanecem o tempo todo em sua propriedade e algumas vezes procuram visitar o pico do Boné que está na área do PESB, através de trilhas.

Para o proprietário, a demanda turística na região tem aumentado, acredita que o PESB pode contribuir como atrativo para seu negócio, embora a região sempre fosse bastante procurada por ecoturistas. Acha que poderia haver uma maior infra-estrutura

---

<sup>3</sup> MARTIM, R. **Caracterização dos empreendimentos**. Araponga: 2005. Entrevista concedida a Frederico Queiroz Brumano Pinto em 13 de mar. 2005.

básica de apoio ao turismo na região. Cita o exemplo dos latões de lixo que foram oferecidos pela prefeitura, mas a mesma não disponibiliza um veículo para coleta do material; com isso ele mesmo tem que manejar os resíduos, enterrando ou queimando. Recentemente deu início à construção de uma pequena pousada com três quartos e dois banheiros sociais para atender aqueles turistas que querem pernoitar sem estar acampados. A construção é simples, num padrão típico do local, tem fossa séptica e pode hospedar de seis a dez pessoas.

### 5.1.2. FERVEDOURO

**Pousada Fervedouro e Pousada Xodozinho:** são os únicos meios de hospedagem na área urbana. Localizados às margens da BR-116 (Rio - Bahia), os dois são voltados para a hospedagem rápida, de passagem, ou seja, pessoas em trânsito, viajantes. Suas estruturas são simples: a maioria dos quartos possui suíte, TV e ventiladores como equipamentos. Foram construídos ao lado dos postos de gasolina que levam os mesmos nomes. A pousada Fervedouro já funciona desde a década de setenta e a Pousada Xodozinho é mais nova (três anos). A diária com café da manhã simples varia entre R\$ 12,00 e R\$ 15,00 por pessoa. Ao todo podem hospedar cinquenta pessoas (Fotos 24 e 25).



**Foto 24:** Pousada Xodozinho, localizada às margens da BR-116.



**Foto 25:** Pousada Fervedouro, localizada às margens da BR-116.

**Pousada Franchini:** inaugurada em 2002, é um bom exemplo de turismo realizado no espaço rural. Localizada a 6 km da área central de Fervedouro, sendo 1 km asfaltado, a pousada tem acesso por estrada de terra batida em boas condições, salvo no período chuvoso onde o acesso se torna mais complicado. A diária está em R\$ 20,00 com refeições incluídas. O preço do almoço, sem pernoite, é R\$5,00. As visitas podem ser previamente agendadas.

A pousada, propriamente dita, é uma antiga casa que foi adaptada. São três quartos, uma sala e um banheiro social. Tem condição de hospedar dez pessoas aproximadamente. A proprietária tem intenção de reformá-la, aumentando o número de banheiros para oferecer maior conforto; mas no momento espera terminar o pagamento do empréstimo feito no início do empreendimento.

Seu principal atrativo é o restaurante de comida típica mineira e os doces, quitandas e compotas produzidas com frutas e matéria-prima da fazenda, cultivadas sem agrotóxicos (agricultura orgânica). A proprietária, Jandira Gomes Franchini, recebeu em dezembro de 2002 uma homenagem especial no 54º aniversário da EMATER, pela contribuição no desenvolvimento rural sustentável da agricultura familiar (Fotos 26 a 28).



Além do restaurante e da pousada, seus produtos turísticos são: jardins, com plantas típicas do meio rural, um ótimo ambiente para leitura e descanso; a mata ao redor das instalações, onde é possível fazer trilhas ecológicas e observar a fauna silvestre, como o macaco barbado, os pássaros, lagartos, entre outros; e também animais domésticos, criados soltos no quintal como galos, perus, galinhas de angola e patos, que certamente complementam o ambiente rural e são boas atrações principalmente para as crianças, que vivem no ambiente urbano e não têm a oportunidade de vivenciar tais experiências.

Possui, ainda, equipamentos típicos da fazenda, como o forno a lenha, um moinho de milho, um galinheiro, um lago, um rico pomar e um córrego.

A fazenda sede com seus cinco alqueires de mata preservada forma uma paisagem típica do interior mineiro, com seu relevo montanhoso e suas águas, que resultam num ambiente agradável e bucólico. As instalações estão bem inseridas na paisagem rural; a casa sede é do século passado e está bem conservada; o restaurante foi construído ao lado da sede e teve projeto concebido por arquiteto, onde foram aproveitados elementos de um moinho antigo, tendo tido, portanto, cuidado em adequá-lo à paisagem.



**Foto 26:** Casa sede e restaurante ao lado.



**Foto 27:** A pousada próxima à mata, localizada logo a frente do restaurante e da casa sede.

Para sintonizar esta infra-estrutura às normas de higiene, os resíduos provenientes da pousada são bem manejados. O lixo produzido é separado e a parte orgânica é aproveitada para a adubação do pomar. O esgoto é destinado às fossas sépticas, na tentativa de se fazer o melhor, em se tratando de área rural, minimizando a contaminação dos rios.

Segundo FRANCHINI (2005)<sup>4</sup>, os principais desafios enfrentados são: o acesso, que durante o período das chuvas é bastante dificultado, e os custos elevados dos materiais necessários para a reforma inicial. Como não possui empregados – empresa familiar – seus custos para a manutenção são muito baixos e isto acaba sendo um fator positivo.

Durante os primeiros meses, após a inauguração, ela afirma ter tido maior movimento; mas reconhece, ao mesmo tempo, que a atividade turística é algo que se constrói em longo prazo e diz ter boas perspectivas. Em sua opinião, o município tem uma boa infra-estrutura de apoio ao turismo (programa de turismo) e com isso acredita que, com o tempo, o movimento pode melhorar.

---

<sup>4</sup> FRANCHINI, J. G. **Caracterização dos empreendimentos**. Fervedouro: 2005. Entrevista concedida a Frederico Queiroz Brumano Pinto em 23 de fev. 2005.

Confirmando suas explicações, D. Jandira afirma que o PESB pode contribuir como atrativo para seu negócio, principalmente agora que foi oficialmente inaugurado e aberto à visitação pública; e, otimista, acredita numa tendência de melhora para o turismo em seu município e região.



**Foto 28:** Forno e fogão a lenha: equipamentos do meio rural.

Atualmente, sua renda extra é complementada com os doces típicos (bananada, goiabada, entre outros) e compotas (geléias), além de pães e doces diversos que são produzidos na fazenda.

**Pousada Paraíso das Pedras:** localizada na base da Serra do Brigadeiro (Fazenda São Bento), esta pousada é privilegiada em atrativos naturais. São matas exuberantes, onde é possível fazer trilhas ecológicas; a Pedra do Saco do Bode, o Pico dos Soares e várias quedas d'água onde se formam belas piscinas naturais ao longo do rio (Fotos 29 a 32).

Está a 20 km de Fervedouro por estrada de chão batido até a fazenda. São 12 km até o distrito de São Pedro do Glória e mais 8 km até a pousada. Existem mais dois acessos: de Fervedouro até o Ribeirão do Jorge, 17 km e, mais 4 km até a pousada, totalizando 21 km, ou então, partindo de Fervedouro até São Domingos, 10 km, e mais 7 km até a pousada, totalizando 17 km. A pousada está a 17 km do distrito de Bom Jesus do Madeira: 9 km de Madeira a São Pedro do Glória, mais 8 km até a pousada.



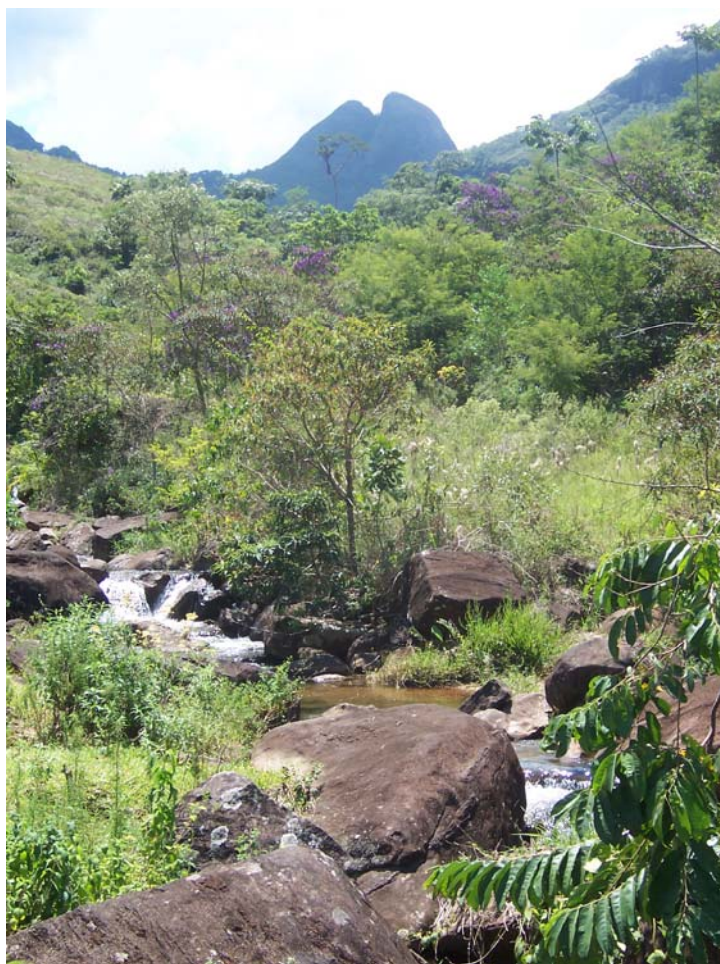
**Foto 29:** Uma das piscinas naturais da pousada.

A paisagem da região é bastante rica; nas estradas que dão acesso à fazenda existem excelentes pontos de parada para observação da Serra do Brigadeiro. No interior da propriedade, a paisagem é formada pela Serra do Brigadeiro (a pousada está inserida na Área de Proteção Ambiental), local da nascente do Rio Glória que forma a bacia do Paraíba do Sul; montanhas mais ao longe, pedras de diversos tamanhos e formatos, o rio e a exuberante vegetação. As construções foram bem adequadas e se inserem perfeitamente no ambiente/paisagem rural. Além da casa sede, foram construídas 5 (cinco) suítes e um restaurante anexo. O projeto teve concepção de

arquiteto e acompanhado por engenheiro civil, sendo utilizados materiais típicos que são usualmente utilizados no meio rural como pigmentos naturais, pisos e telhados rústicos. Nela, os resíduos são muito bem manejados, isto é, o esgoto doméstico é encaminhado para fossas sépticas e todo o lixo é separado. O que não se consegue aproveitar é encaminhado para o município de Fervedouro.

Os insumos que não são produzidos na fazenda são comprados nos vizinhos e no mercado do distrito próximo, o que favorece a economia local. Quanto aos funcionários, são oito ao todo, quatro da família e quatro pessoas que moram na região; para as trilhas e os cuidados com a lavoura, o serviço é terceirizado.

A pousada oferece, ainda, espaço para passeios a cavalo, um lago que está sendo reestruturado, um auditório para realização de reuniões, convenções, festas ou para a realização de cultos (turismo religioso); um pomar com frutas variadas que podem ser degustadas à vontade pelos hóspedes; artesanato e um agradável jardim.



**Foto 30:** Paisagem típica da fazenda com a Pedra do Saco do Bode ao fundo.

Quanto às trilhas e passeios ecológicos, são oito opções que variam pelo grau de dificuldade e duração. Durante a noite é possível agendar atividades como roda de viola oferecida com comidas típicas, um contador de histórias e teatro.

As cinco suítes e a casa sede podem abrigar um total de vinte hóspedes. A diária está em R\$40,00 por pessoa, com todas as refeições incluídas. Caso o visitante queira passar o dia, a refeição com comida típica mineira e deliciosa sobremesa de doces e queijos sai por R\$7,00 e o lanche/café custa R\$3,00.

Segundo o proprietário, Humberto Hubner Grassiano, a decisão em investir em turismo veio quando ele se conscientizou da baixa qualidade de vida das pessoas que vivem no campo. Sentiu que o turismo poderia gerar renda e empregos não só para sua família, mas algum tipo de receita extra para a sua comunidade, também. Sem falar no privilégio de viver num local tão especial.



**Foto 31:** Casa sede e espaço para eventos ao lado.

Para GRASSIANO (2005)<sup>5</sup>, os principais desafios enfrentados foram as vias de acesso, as dificuldades financeiras, a demora e burocracia para conseguir crédito bancário e a falta de credibilidade por parte da comunidade que não acreditava ser

---

<sup>5</sup> GRASSIANO, H. H. **Caracterização dos empreendimentos**. Fervedouro: 2005. Entrevista concedida a Frederico Queiroz Brumano Pinto em 24 de fev. 2005.

possível desenvolver um negócio desse tipo na região. As dificuldades teriam sido agravadas pela falta de conhecimentos específicos para o tipo de empreendimento, se não fosse a boa consultoria da EMATER de Fervedouro.



**Foto 32:** Uma suíte da pousada, adequada à paisagem rural.

Um outro desafio que enfrenta em seu dia-a-dia são as exigências diversas dos turistas. Muitos não têm a consciência desse tipo de turismo com instalações mais rústicas e em alguns casos solicitam equipamentos urbanos como TV e frigobar no quarto, o que foge da proposta de se fazer um turismo no meio rural. Nestes casos, ele procura contornar da melhor maneira possível, conversando com o hóspede.

Segundo o proprietário, a procura pelo turismo na região ainda é pequena, pois falta maior infra-estrutura de acesso; as estradas não estão em boas condições. Acredita que o PESB contribui enormemente com seu negócio, sendo seu diferencial. Por isso, tem boas perspectivas para o futuro, acreditando que pode vir a ter grande receita com a pousada, que viria da comercialização de produtos caseiros, para a concretização dos quais pretende iniciar uma pequena indústria para tal finalidade. Para ele, a concorrência do mercado é pequena e saudável: “turismo não se faz sozinho”.

A Pousada Paraíso das Pedras ainda não foi oficialmente inaugurada, mas já recebe hóspedes que devem preferencialmente agendar as visitas.

**Pousada e Restaurante Brigadeiro:** localizada no distrito de Bom Jesus do Madeira, a pousada foi inaugurada em 2003 e está a 22 km de Fervedouro por estrada de terra batida em bom estado de conservação. Bom Jesus do Madeira é um pequeno distrito onde se localiza uma das portarias do parque. O distrito está a 9 km da portaria do PESB e a 22 km de Araponga pela estrada que passa ao longo do parque e pela portaria daquela cidade.

A pousada e restaurante Brigadeiro se localiza na Rua B (número 26) do distrito e possui dois quartos com um banheiro social, podendo receber, ao todo, seis hóspedes. Suas instalações são bastante simples; trata-se de uma casa com característica das construções atuais do interior mineiro e que foi adaptada para o empreendimento. No primeiro andar funciona um pequeno estabelecimento comercial e o restaurante; na parte superior, a pousada. Não se observa impacto no meio físico e nem na paisagem ao redor; embora, o esgoto doméstico e o lixo, como em Fervedouro, não sejam tratados, e, destinados, respectivamente, aos cursos d'água e ao lixão (Foto 33).

A diária com café da manhã custa R\$10,00 e o almoço ou jantar com comida caseira tem custo de R\$5,00.

Para o proprietário, João Batista Ferreira, a decisão em investir em turismo veio ao notar um maior movimento de pessoas no distrito, provavelmente em função do PESB. O capital para os investimentos necessários para a reforma foi próprio e não encontrou maiores dificuldades iniciais.

Segundo FERREIRA (2005) <sup>6</sup>, a demanda turística na região ainda é baixa, mas dada a sua riqueza em recursos naturais (cachoeiras, matas, a própria paisagem serrana do distrito e o PESB), as perspectivas de crescimento são boas, principalmente tendo em vista a abertura oficial do PESB para o público, em março de 2005. Há intenção de uma reforma para aumentar o espaço físico da pousada e do restaurante.

---

<sup>6</sup> FERREIRA, J. B. **Caracterização dos empreendimentos.** Bom Jesus do Madeira - Fervedouro: 2005. Entrevista concedida a Frederico Queiroz Brumano Pinto em 25 de fev. 2005.





**Foto 33:** Fachada da pousada e restaurante Brigadeiro.

O empreendimento ainda não conta com funcionários, sendo uma empresa familiar. Os insumos e matérias-primas são adquiridos por viajantes ou no próprio comércio local.

**Pensão e Restaurante Dona Eva:** o restaurante da Dona Eva já existe há 11 (onze) anos no distrito de Bom Jesus do Madeira e se localiza na mesma rua (número 23) da pousada e restaurante Brigadeiro, ficando um em frente ao outro. Sua comida é tipicamente mineira, feita em fogão à lenha; já é tradicional na região.

A pensão foi inaugurada em 2003 e segundo o proprietário, Jair Ferreira Dalos, os motivos que o levaram a ampliação do negócio foi o aumento de pessoas visitando o distrito e até então não havia nenhum meio de hospedagem no local. A casa residencial foi adaptada para a pensão, mas não houve um projeto concebido especificamente para esse fim (Foto 34).

Para ele, o PESB contribui bastante para seu negócio, os hóspedes e clientes do restaurante são em sua maioria oriundos de Viçosa e Belo Horizonte, ecoturistas que vêm em busca de contato com as matas e cachoeiras próximas e para conhecer o PESB; assim como funcionários do IEF e vendedores viajantes.

Os insumos e matérias-primas são adquiridos através de vendedores viajantes (principalmente do município de Ervália), na microrregião e no próprio quintal, onde é cultivada uma pequena horta e um pomar.

Quanto aos resíduos, assim como no município de Fervedouro, o esgoto não recebe tratamento, e o lixo é enviado para um lixão. Tal fato chega a incomodar o proprietário, que tem consciência dos problemas causados pela poluição das águas, principalmente o quanto isso pode prejudicar seu negócio, mas ele não vê ainda uma solução imediata para o problema.

As instalações são bastante simples, três quartos com um banheiro social; a diária com café da manhã tem o valor de R\$15,00 e a refeição custa R\$5,00.



**Foto 34:** Fachada da pensão e restaurante Dona Eva.

Para DALOS (2004)<sup>7</sup>, as perspectivas para o turismo como negócio na região, são boas e como sugestões para melhorias cita o acesso, uma melhor infra-estrutura de apoio ao turismo na região e um melhor tratamento dos resíduos no município e distritos a fim de minimizar os impactos no meio ambiente.

**Hotel Poços de Fervedouro:** na década de setenta, o Hotel Poços de Fervedouro começou a ser construído (Fotos 35 e 36). Na época, Fervedouro ainda era um distrito pertencente ao município de Carangola, que está há 30 km daquela cidade. Durante a construção, foram feitos empréstimos e parcerias com agências financeiras, mas mesmo estando prestes a terminar, o hotel nunca foi inaugurado. Os proprietários são formados por uma sociedade anônima e a maioria das ações, atualmente, pertence ao município de Carangola. Ao que parece, os maiores empecilhos para a finalização das obras e inauguração do hotel são de natureza políticas. As prefeituras dos municípios de Fervedouro e Carangola não conseguem se entender com relação a elas e, com isso as obras estão paralisadas há mais de vinte anos, estando todo o patrimônio praticamente abandonado. A prefeitura de Carangola apenas mantém dois funcionários que cuidam do local.

O hotel está localizado no interior de uma mata, que é uma Área de Proteção Ambiental (APA) municipal e está distante apenas 1 km da área central da cidade. São diversas suítes, todas com varanda com vista para a mata; piscina de água natural; um grande salão de festas; cozinha industrial e salão de jogos.

A idéia inicial para o empreendimento era a de resgatar o turismo semelhante ao de uma estância hidromineral. Talvez esta idéia tenha surgido pelo fato de Fervedouro possuir uma piscina de água natural, onde há muitos anos existira um hotel que atraía turistas de várias regiões do país. Tal piscina possui a interessante característica efervescente das águas que borbulham pela vibração provocada pelo simples ato de conversar às suas margens e que inspirou o nome do município. A piscina funciona até

---

<sup>7</sup> DALOS, J. F. **Caracterização dos empreendimentos**. Bom Jesus do Madeira - Fervedouro: 2004. Entrevista concedida a Frederico Queiroz Brumano Pinto em 23 de nov. 2004.

hoje, mas está na mesma situação do Hotel Poços de Fervedouro (pertence ao mesmo grupo) e fica a apenas 1 km do mesmo (Foto 37).



**Foto 35:** Fachada do Hotel Poços de Fervedouro, mostrando as marcas de seu estado de abandono.



**Foto 36:** Interior de uma das suítes do hotel, ainda em bom estado de conservação.

Atualmente, apesar das circunstâncias, a piscina está aberta ao público; é cobrada uma taxa de R\$ 1,00 e a renda é destinada a uma instituição filantrópica. Há,

também, um bar, mas segundo o arrendatário, em vista de estar em situação similar à do hotel, não é possível fazer investimento em melhorias e reformas, uma vez que o local pertence ao mesmo grupo, e ainda não se sabe qual será a resolução final do caso.



**Foto 37:** Piscina de água natural em Fervedouro, vendo-se ao fundo, a APA municipal.

Para a comunidade de Fervedouro, a inauguração do Hotel Poços de Fervedouro traria muitos benefícios para a cidade. Pelo porte do hotel e, principalmente, pelo potencial turístico da região, certamente muitos empregos seriam criados e o turismo, em toda ela, seria bem mais estimulado. A cidade ganharia um bom meio de hospedagem para grupos, convenções ou, mesmo, uma boa base de hospedagem para o turismo rural e o ecoturismo.

### **5.1.3. MIRADOURO**

Os meios de hospedagem em Miradouro estão todos localizados na área urbana do município. Não há, até o momento, empreendimentos voltados exclusivamente para

o ecoturismo, como camping, pousadas e hotéis específicos. São três hotéis, onde funcionam também restaurantes.

**Hotel Miragem:** localizado na Praça José de Queiroz, 85, Centro, o Hotel Miragem funciona há dez anos e possui seis suítes equipadas com ar condicionado e TV; e sete quartos equipados com ventiladores, podendo hospedar, ao todo, trinta pessoas. As instalações são simples, mas com conforto (Fotos 38 e 39).

Os preços das diárias são R\$15,00 por pessoa para as suítes e R\$10,00 por pessoa para os quartos. O café da manhã e o estacionamento estão incluídos nos preços das diárias.

O restaurante funciona até às 22 horas, onde é servida uma deliciosa comida caseira com típica culinária mineira que tem custo de R\$6,00 a refeição.

A origem dos insumos e matérias-primas é do próprio local. A destinação final dos resíduos (lixo e esgoto), da mesma forma como é feito no município, ocorre sem coleta seletiva e tratamento.



**Foto 38:** Fachada do Hotel e Restaurante Miragem.



**Foto 39:** Interior de uma das suítes do Hotel Miragem.

O hotel emprega cinco funcionários, entre camareiros, cozinheiros e recepcionistas; todos da comunidade.

O movimento de hóspedes é irregular, normalmente é maior nos dias de semana em função dos vendedores e viajantes em trânsito pela BR-116. Nos períodos de festas religiosas e da exposição agropecuária, o movimento é maior.

**W Hotel:** aberto há mais de sessenta anos, o W Hotel se localiza na Praça José de Queiroz, 231, Centro, próximo ao Hotel Miragem. Empresa familiar, o hotel conta com três funcionários, todos da mesma família do proprietário, que herdou do pai o empreendimento (Foto 40).

São duas suítes e nove quartos equipados com ventiladores. Podem hospedar ao todo vinte e uma pessoas. Os insumos e matérias-primas são adquiridos no próprio município.

A diária com café da manhã e garagem incluída tem valor de R\$8,00 para os quartos e R\$20,00 para as suítes. Possui restaurante que serve almoço e jantar por R\$5,00 a refeição. A comida caseira é de qualidade, o cardápio é a típica comida do interior mineiro com verduras e legumes da estação.

O proprietário, Gilberto Inácio de Carvalho, afirma que o movimento é fraco, os hóspedes são, em sua maioria, vendedores e viajantes em trânsito. O restaurante, por sua vez, tem movimento maior principalmente nos dias de semana.



**Foto 40:** Fachada do W Hotel e Restaurante.

Para CARVALHO (2005)<sup>8</sup>, o município tem boa oferta turística ao citar os atrativos naturais e o PESB, embora este ainda não contribua como atrativo para seu negócio. Diz ter boas expectativas com a abertura do parque e que a prefeitura poderia incentivar o turismo no município através de projetos e maior divulgação.

**Posto Pinheiros Restaurante Hotel:** localizado no posto de abastecimento, que leva o mesmo nome, junto ao marco do km 681 da BR-116, o Hotel Pinheiros oferece serviços de restaurante e churrascaria (Foto 41).

Foi inaugurado há dezessete anos e tem, como equipamentos instalados, três suítes com ventiladores e sete quartos, podendo hospedar até vinte pessoas. A diária tem

---

<sup>8</sup> CARVALHO, G. I. **Caracterização dos empreendimentos.** Miradouro: 2005. Entrevista concedida a Frederico Queiroz Brumano Pinto em 10 de mar. 2005.



valor de R\$18,00 para os apartamentos e R\$12,00 para os quartos. Possui sete funcionários, todos residem em Miradouro.

Por estar localizado às margens da BR-116 e em um posto de abastecimento, seus hóspedes, em esmagadora maioria, são caminhoneiros e pessoas em trânsito que normalmente o procuram para pernoite.

A origem dos insumos e matérias-primas é do próprio município. O restaurante e churrascaria funcionam todos os dias da semana; aos sábados e domingos comumente atendem pessoas que residem em Miradouro.



**Foto 41:** Fachada do Posto Pinheiros, Restaurante e Hotel.

## **5.2. ENTREVISTAS**

### **5.2.1. COMUNIDADE LOCAL DE ARAPONGA**

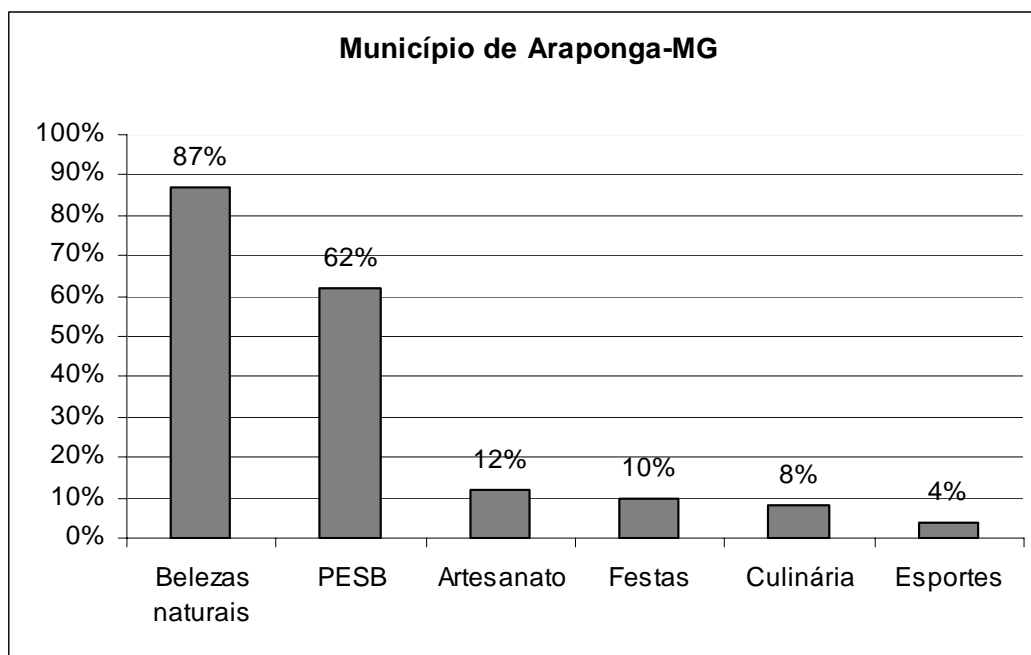
As entrevistas com a comunidade local de Araponga foram realizadas no período de 04 de novembro de 2004, 12 a 13 de março de 2005 e 08 de abril de 2005 (ANEXO III). Foram ouvidas aleatoriamente 52 (cinquenta e duas) pessoas, 26 do sexo feminino, 26 do sexo masculino; com idades variando entre 15 e 61 anos e com ocupações

diversas: comerciantes, estudantes, profissionais liberais, produtores rurais, donas de casa, professores e funcionários públicos.

Para 87% dos entrevistados, nos últimos anos tem sido notado um aumento de visitantes/turistas no município e região, principalmente nos períodos de feriados prolongados e nos finais de ano e férias de verão (dezembro a fevereiro).

Quanto aos motivos que têm atraído pessoas para o município e região, os itens mais citados foram: as belezas naturais com 87% das indicações, o PESB com 62%, o artesanato com 12%, as festas com 10%, a culinária foi citada por 8% dos entrevistados e os esportes, item mencionado por 4% dos entrevistados. O entrevistado, na maioria das vezes, citou mais de um item (Figura 2).

Para 73 % dos entrevistados, o município não possui boa estrutura para receber turistas, os principais itens mencionados foram: a falta de meios de hospedagem e restaurantes, a precariedade das placas e sinalização para os pontos turísticos, a má condição das estradas no meio rural, principalmente nos períodos chuvosos, a deficiência de meios de transporte e a falta de um projeto específico para o desenvolvimento do turismo no município. Os outros 27% afirmam que o município está bem estruturado para o turismo, citam principalmente os meios de hospedagem (pensões e pousada), os campings e infra-estrutura urbana razoável.



**Figura 2:** Principais motivos que têm atraído pessoas para o município e região segundo a comunidade local de Araponga.

Quando questionados sobre os benefícios trazidos pela atividade turística no município e região, 98,08% dos entrevistados concordaram que a atividade pode trazer benefícios sim. Foram mencionados:

- . aumento de empregos e renda;
- . melhorias na qualidade de vida;
- . aquecimento do comércio;
- . melhorias nas estradas;
- . divulgação do município;
- . valorização da cultura local e maior informação;
- . intercâmbio cultural;
- . melhoria nos serviços e infra-estrutura geral;
- . aumento nas oportunidades de negócios, principalmente no meio rural;
- . possibilidade de atrair investidores externos;
- . valorização da cultura do café;
- . desenvolvimento do município de forma geral.

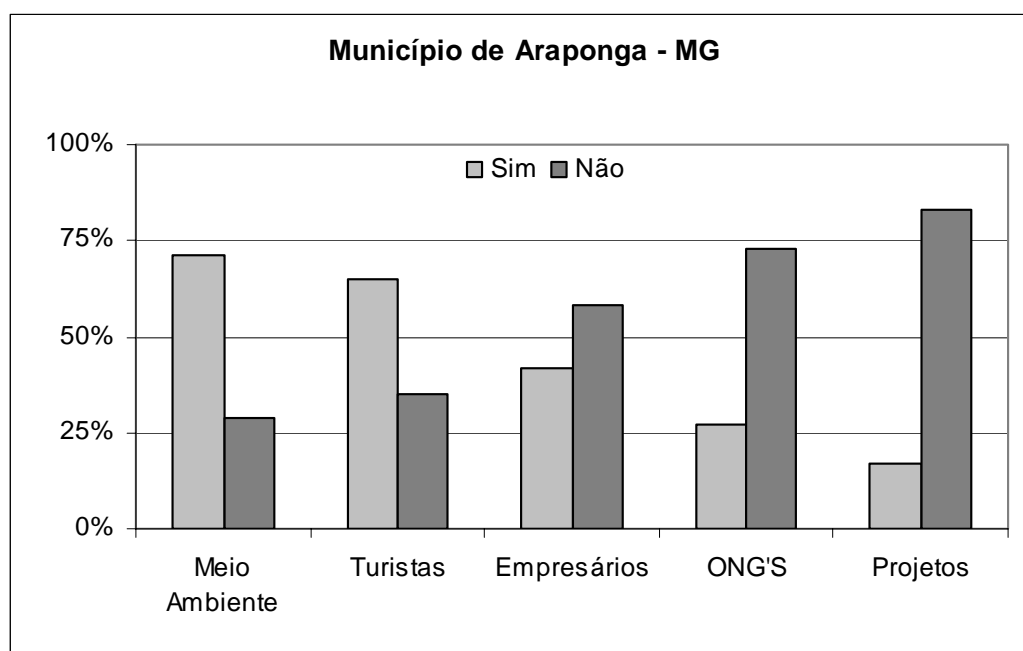
Quanto aos aspectos negativos que possam surgir com o incremento da atividade turística no município, 70% dos entrevistados puderam citar algum malefício, nestes casos afirmam que, caso não seja bem conduzido o turismo pode influenciar:

- . no aumento da insegurança e da violência;
- . em danos ao meio ambiente pelo roubo e comércio ilegal de espécies animais e vegetais;
- . no aumento do uso de drogas;
- . conflitos culturais;
- . vandalismo;
- . aumento na produção de lixo e esgoto;
- . aumento de barulho (poluição sonora);
- . crescimento desordenado e construções em locais impróprios;
- . especulação imobiliária e transferência de terras com conseqüente êxodo rural.

Os outros 30% dos entrevistados acreditam que a atividade turística pode trazer apenas benefícios para a comunidade.

Segundo 83% dos entrevistados, a população não está informada quanto à implantação de projetos de turismo. Com relação ao meio ambiente, 29% afirmam que a população não está informada ou envolvida; quanto aos turistas, 35% afirmam que a população não está envolvida/informada; quanto aos empresários do setor turístico, 58%

acreditam que a população não está envolvida e sobre a atuação de ONG's no município, 73% responderam que a população não está informada/envolvida (Figura 3).



**Figura 3:** Grau de envolvimento dos moradores de Araponga quanto aos projetos de turismo, meio ambiente, empresários do setor, turistas e ONG's.

Foi questionado aos entrevistados quais seriam os principais impactos causados pela atividade turística no município e região. Os mais citados foram:

- . Impactos econômicos positivos: aquecimento da economia (aumento de rendas extras e empregos), melhorias para o comércio, possibilidade de atrair investidores externos, diversificação das culturas agrícolas, crescimento e desenvolvimento do município.

- . Impactos socioculturais positivos: troca de experiências e conhecimentos (enriquecimento cultural), resgate e valorização da cultura e tradições locais (festas populares, artesanato, comidas típicas), melhoria na qualidade de vida das pessoas.

- . Impactos positivos no meio natural: maior conscientização com relação ao meio ambiente (informação), gerando interesse da comunidade em conservar e valorizar seus bens naturais. Como impactos negativos foram citados o aumento da poluição (lixo, esgoto e resíduos) e o comércio ilegal de espécies.

Os entrevistados têm boas expectativas com relação ao crescimento do ecoturismo e turismo rural no município e região, ressaltam que o município possui potencialidades para o desenvolvimento de atividades relacionadas ao turismo como no caso dos inúmeros atrativos naturais, esportes de aventura, a riqueza da fauna e da flora,

as trilhas, a culinária, as grutas de minas de ouro abandonadas, a sede do PESB localizada próximo à área urbana do município, o café reconhecido pela qualidade, o ambiente e a paisagem rural.

Outros comentários bastante citados durante as entrevistas foram:

- . uma parcela da população teme que o aumento do turismo possa fazer com que a cidade perca sua característica de cidade pacata e tranqüila;

- . as estradas no meio rural não estão em boas condições, principalmente no período chuvoso, o que dificulta o acesso aos principais atrativos naturais;

- . o turismo pode ser um bom aliado para a divulgação e comercialização do artesanato e dos produtos da agroindústria;

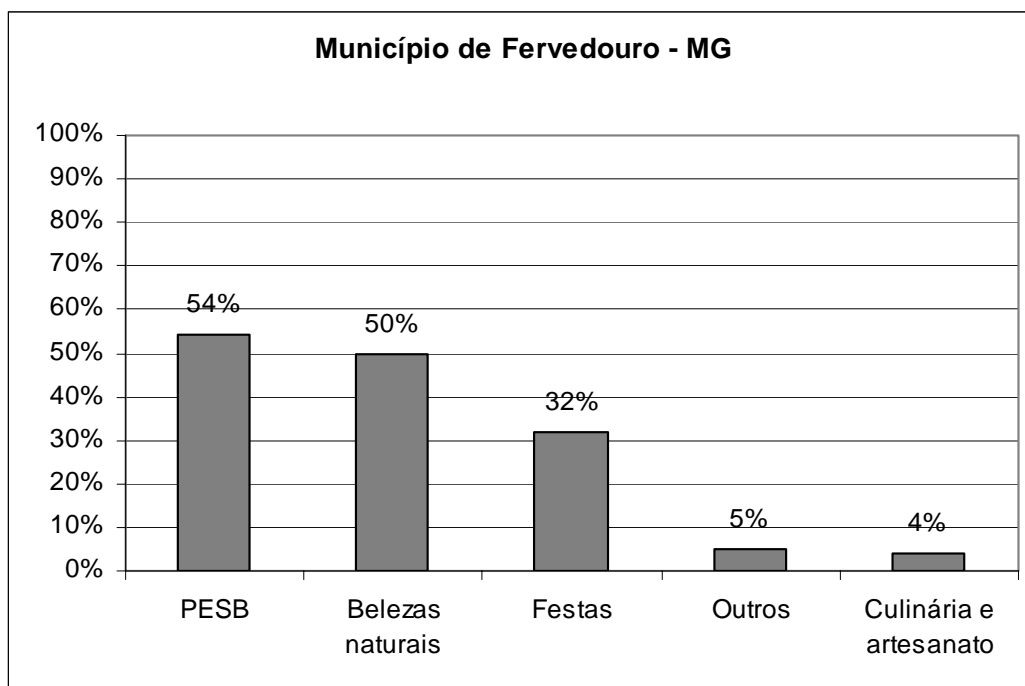
- . a falta de áreas de lazer e infra-estrutura urbana faz com que os turistas apenas passem pela área urbana, seguindo direto aos destinos turísticos (camping, pousada), o que faz com que o município deixe de lucrar mais com a atividade.

### **5.2.2. COMUNIDADE LOCAL DE FERVEDOURO**

As entrevistas com a comunidade local de Fervedouro foram realizadas no período de 22 a 26 de fevereiro de 2005 (ANEXO III). Foram ouvidas aleatoriamente 50 (cinquenta) pessoas, 26 do sexo feminino, 24 do sexo masculino; com idades variando entre 15 e 76 anos e com ocupações diversas: donas de casa, comerciantes, estudantes, profissionais liberais, professores, produtores rurais e funcionários públicos.

Para 58% dos entrevistados, nos últimos anos tem sido notado um aumento de visitantes/turistas no município e região, principalmente nos períodos de feriados prolongados, nas férias de inverno (julho); nos finais de ano e nas férias de verão (dezembro a fevereiro).

Quanto aos motivos que têm atraído pessoas para o município e região, segundo os entrevistados, os itens mais citados foram: o PESB com 54% de indicações, as belezas naturais do município com 50%, as festas típicas locais com 32%, a culinária e o artesanato, ambos com 4%. Outros itens citados por aproximadamente 5% dos entrevistados foram: a piscina de águas naturais, a receptividade das pessoas, a tranqüilidade do local, os pesque e pague e o ambiente rural. O entrevistado, na maioria das vezes, citou mais de um item (Figura 4).



**Figura 4:** Principais motivos que têm atraído pessoas para o município e região segundo a comunidade local de Fervedouro.

Simultaneamente, foi perguntado aos participantes se eles apontariam algum ponto negativo que pudessem impedir ou prejudicar o turismo na região. Para 68% dos entrevistados, o município não possui boa estrutura para receber turistas. Os principais itens mencionados foram a falta de pousadas e restaurantes, a sinalização precária, ausência de praças e áreas de lazer no meio urbano, estradas mal conservadas no meio rural, falta de empenho político para o caso em questão, a piscina de águas naturais que está mal conservada e a falta de segurança.

Quando questionados sobre os benefícios trazidos pela atividade turística no município e região, 100% dos entrevistados concordaram que a atividade pode trazer benefícios. Foram mencionados:

- . aumento de empregos e renda;
- . melhorias na qualidade de vida;
- . aquecimento do comércio;
- . melhorias das estradas;
- . enriquecimento cultural e maior informação;
- . melhoria nos serviços de forma geral;
- . valorização imobiliária;
- . melhorias na cidade (embelezamento, aumento de áreas de lazer);
- . aumento nas oportunidades de negócios, principalmente no meio rural;

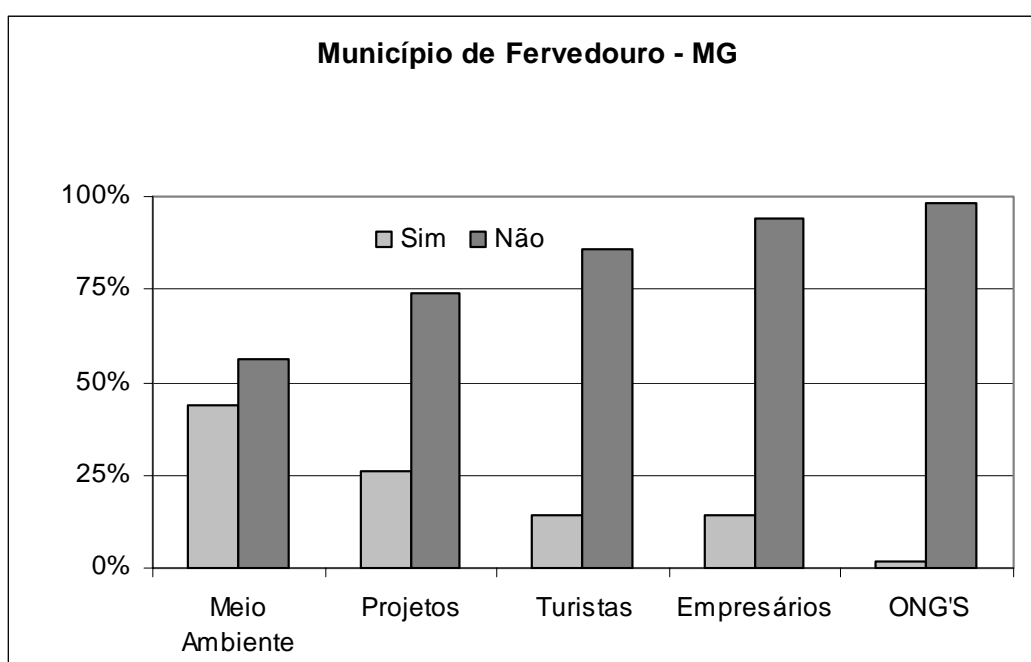
. desenvolvimento do município de forma geral.

Quanto aos aspectos negativos que possam surgir com o incremento da atividade turística no município, 54% dos entrevistados puderam citar algum malefício, nestes casos afirmam que, caso não seja bem conduzido, o turismo pode influenciar:

- . no aumento da insegurança e da violência;
- . em impactos no meio ambiente, pelo aumento da poluição, causando riscos de degradação ambiental;
- . no risco de aculturação;
- . no aumento nos preços dos produtos na cidade (inflação);
- . no aumento do uso de drogas;
- . no risco de se ocorrer turismo sexual.

Os outros 46% dos entrevistados acreditam que a atividade turística pode trazer apenas benefícios para a comunidade.

Indagados sobre aspectos gerais, segundo 74% dos entrevistados, a população não está informada quanto à implantação de projetos de turismo; com relação ao meio ambiente, 56% afirmam que a população não está informada; sobre os turistas, 86% afirmam que a população não está envolvida/informada; quanto aos empresários do setor turístico, 94% dizem que a população não está envolvida e, finalmente, sobre a atuação de ONG's, 98% dizem que a população não está informada/envolvida (Figura 5).



**Figura 5:** Grau de envolvimento dos moradores de Fervedouro quanto aos projetos de turismo, meio ambiente, empresários do setor, turistas e ONG's.

Foi questionado aos entrevistados quais seriam os principais impactos causados pela atividade turística no município e região, os mais citados foram:

Impactos econômicos positivos: aquecimento da economia (aumento de rendas extras e empregos), aumento na arrecadação de impostos, valorização imobiliária.

Impactos socioculturais positivos: troca de experiências e conhecimentos (enriquecimento cultural), resgate e valorização da cultura e tradições locais (festas populares, artesanato, comidas típicas), melhorias na qualidade de vida. Como impacto negativo foi citado a incorporação de novas culturas e possível aculturação.

Impactos no meio natural positivos: maior conscientização com relação ao meio ambiente (informação), aumento de projetos na área de educação ambiental, maior fiscalização dos recursos naturais melhorando a sua preservação e conservação. Como impactos negativos foram citados o aumento da poluição (lixo e esgoto), problemas com excesso de carga (limite aceitável de mudanças no meio ambiente) nos pontos mais visitados.

Os entrevistados têm boas expectativas com relação ao crescimento do ecoturismo e do turismo rural no município e região, ressaltam que a abertura oficial do PESB ao público pode ajudar a atrair mais pessoas para o município, mas tem consciência de que é um processo lento e deve ser realizado com cuidado e responsabilidade.

Outros comentários relacionados e bastante citados durante as entrevistas foram:

- . a abertura do Hotel Poços de Fervedouro seria um impulso para o desenvolvimento turístico no município;

- . a reforma da piscina de água natural, ponto turístico da cidade há muitos anos, mas que se encontra na mesma situação do Hotel Poços de Fervedouro, seria muito importante;

- . a boa localização do município é um fator altamente positivo para o turismo;

- . as estradas no meio rural que não estão em boas condições, principalmente no período chuvoso, que dificulta o acesso aos principais pontos de belezas naturais, deveriam merecer especial atenção;

- . a necessidade de uma reestruturação na área urbana do município com melhorias nas infra-estruturas, arborização, áreas verdes e de lazer é concreto e urgente;

- . o turismo pode ajudar a levantar a auto-estima da população, divulgando o nome da cidade de forma positiva;



. nota-se um certo receio, por parte dos moradores, com relação a um possível aumento de insegurança e de violência, que pode ocorrer juntamente com o crescimento do turismo;

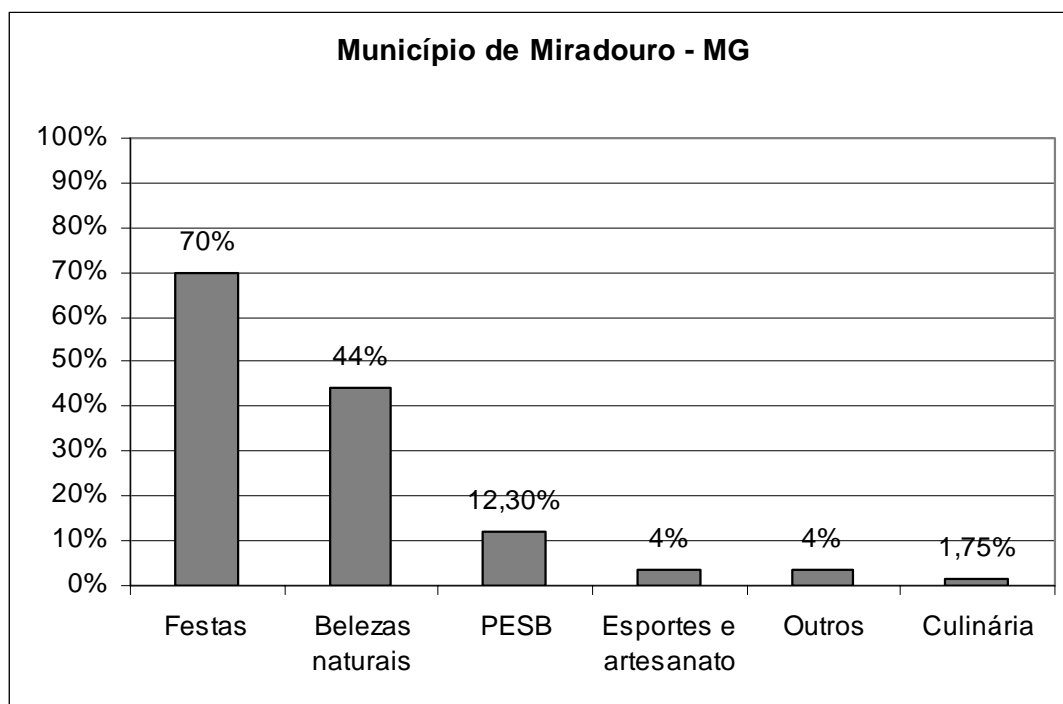
. as informações relacionadas com o assunto poderiam ser mais bem divulgadas para a população para que ela possa participar e se envolver mais ativamente no processo.

### **5.2.3. COMUNIDADE LOCAL DE MIRADOURO**

As entrevistas com a comunidade local de Miradouro foram realizadas no período de 15 a 18 de março de 2005 (ANEXO III). Foram ouvidas aleatoriamente 57 (cinquenta e sete) pessoas, 27 do sexo feminino, 30 do sexo masculino, com idades variando entre 15 e 60 anos, com ocupações diversas: comerciantes, estudantes, profissionais liberais, produtores rurais, professores e funcionários públicos.

Para 56% dos entrevistados, nos últimos anos tem sido notado um aumento de visitantes/turistas no município e região, principalmente nos períodos de feriados prolongados; nas férias de inverno (julho); no mês de maio, em função de festas religiosas; no mês de agosto, em função da exposição agropecuária que acontece no município; nos finais de ano e férias de verão (dezembro a fevereiro).

Quanto aos motivos que têm atraído pessoas para o município e região, os itens mais citados foram as festas típicas locais com 70% das indicações, as belezas naturais do município com 44%, o PESB com 12,3% de indicações, eventos esportivos e o artesanato, ambos com 3,51%, e a culinária foi citada por 1,75% dos entrevistados. Outros itens citados por aproximadamente 3% dos entrevistados foram a tranquilidade do local, a receptividade das pessoas e o ambiente rural com muitas serras e águas. O entrevistado, na maioria das vezes, citou mais de um item (Figura 6).



**Figura 6:** Principais motivos citados pela comunidade local de Miradouro, como sendo aqueles que têm atraído pessoas para o município e região.

Para 73,7% dos entrevistados, o município não possui boa estrutura para receber turistas, os principais itens mencionados foram a falta de meios de hospedagem, de restaurantes, de um camping, poucos atrativos e falta de projeto específico para o desenvolvimento do turismo no município. Foi citado, também, que não há investimento por parte de empresários em função do receio pela demora que pode ocorrer do retorno financeiro esperado. Itens bastante citados foram as estradas mal conservadas no meio rural, que é onde se encontra a maioria dos atrativos naturais, e a falta de empenho político para o caso em questão.

Quando questionados sobre os benefícios trazidos pela atividade turística no município e região, 98,25% dos entrevistados concordaram que a atividade pode trazer benefícios sim. Foram mencionados:

- . aumento de empregos e renda;
- . melhorias na qualidade de vida;
- . aquecimento do comércio;
- . melhorias das estradas;
- . maior divulgação dos trabalhos com educação ambiental, trazendo benefícios ao meio ambiente;
- . maior arrecadação de impostos no município;

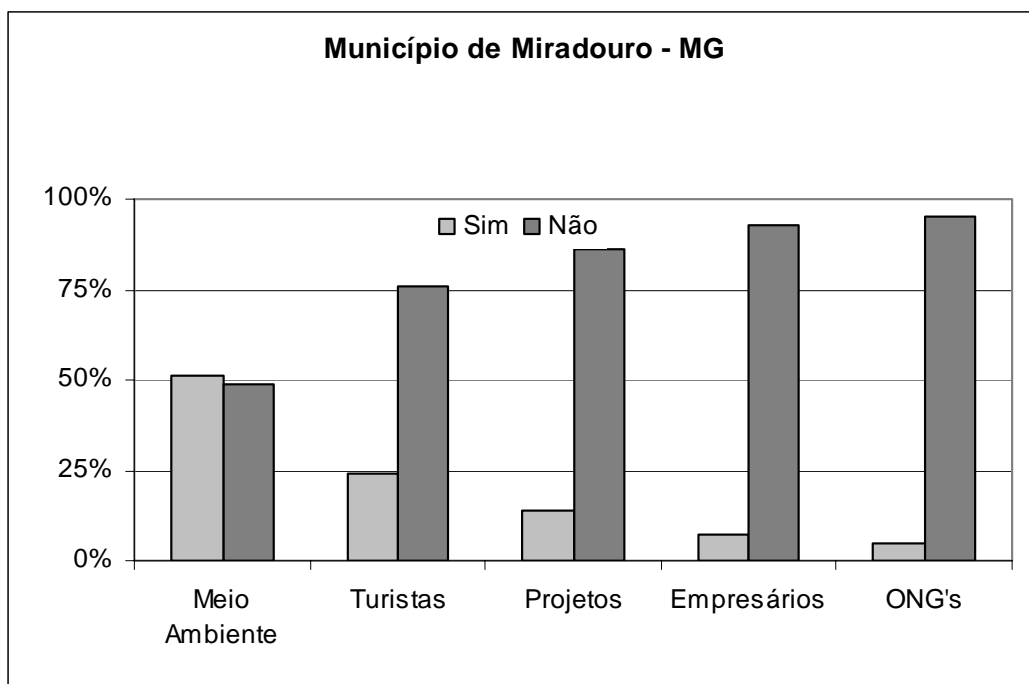
- . inclusão social;
- . divulgação do município;
- . valorização da cultura local e maior informação;
- . intercâmbio cultural;
- . melhoria nos serviços e na infra-estrutura geral;
- . valorização imobiliária;
- . aumento nas oportunidades de negócios, principalmente no meio rural;
- . desenvolvimento do município de forma geral.

Quanto aos aspectos negativos que possam surgir com o incremento da atividade turística no município, 58% dos entrevistados puderam citar algum malefício, nestes casos afirmam que, caso não seja bem conduzido o turismo pode influenciar:

- . no aumento da insegurança e da violência;
- . em impactos no meio ambiente, pelo aumento da poluição, causando riscos de degradação ambiental;
- . no aumento do uso de drogas;
- . aumento na produção de lixo e esgoto;
- . aumento de barulho (poluição sonora);
- . especulação imobiliária e construções em locais impróprios.

Os outros 42% dos entrevistados acreditam que a atividade turística pode trazer apenas benefícios para a comunidade.

Segundo 86% dos entrevistados, a população não está informada quanto à implantação de projetos de turismo; com relação ao meio ambiente, 49% afirmam que a população não está informada ou envolvida; quanto aos turistas, 75,5% afirmam que a população não está envolvida/informada; quanto aos empresários do setor turístico, 93% acreditam que a população não está envolvida e sobre a atuação de ONG's no município, 95% responderam que a população não está informada/envolvida (Figura 7).



**Figura 7:** Grau de envolvimento dos moradores de Miradouro quanto aos projetos de turismo, meio ambiente, empresários do setor, turistas e ONG's.

Foi questionado aos entrevistados quais seriam os principais impactos causados pela atividade turística no município e região. As respostas não foram muito diferentes das já mencionadas:

Impactos econômicos positivos: aquecimento da economia (aumento de rendas extras e empregos), aumento na arrecadação de impostos, melhorias para o comércio, aumento no poder aquisitivo das pessoas, possibilidade de atrair investidores externos, crescimento e desenvolvimento do município.

Impactos socioculturais positivos: troca de experiências e conhecimentos (enriquecimento cultural), resgate e valorização da cultura e tradições locais (festas populares, artesanato, comidas típicas), melhoria na qualidade de vida das pessoas, maiores projetos com educação ambiental, aumento de projetos culturais e da auto-estima da comunidade que veria sua cidade mais valorizada e reconhecida. Como impacto negativo no meio sociocultural, foi citado o risco de se perder as tradições pelo fato de ocorrer a incorporação de culturas externas em detrimento da cultura local.

Impactos no meio natural positivos: maior conscientização com relação ao meio ambiente (informação), gerando interesse da comunidade em conservar e valorizar seus bens naturais e também o aumento de projetos na área de educação ambiental. Como impactos negativos foram citados o aumento da poluição (lixo, esgoto e resíduos),

problemas com excesso de carga (limite aceitável de mudanças no meio ambiente) nos pontos mais visitados, como no caso das trilhas de moto e de cavalgada.

De modo geral, os entrevistados têm boas expectativas com relação ao crescimento do ecoturismo e do turismo rural no município e região. Ressaltam que o município possui potencialidades para o desenvolvimento de atividades relacionadas ao turismo como no caso dos inúmeros atrativos naturais, esportes como arvorismo e rapel, a riqueza da fauna e da flora, as trilhas, o ambiente e a paisagem rural. Mas por outro lado não notam um empenho por parte das autoridades em desenvolver projetos nesse sentido. Mesmo assim ressaltam que a abertura oficial do PESB ao público pode ajudar a atrair mais pessoas para o município e região.

Outros comentários muito citados durante as entrevistas foram:

- . a boa localização do município como fator positivo para o turismo;
- . o parque de exposições, que é bem estruturado, às margens da BR-116, que poderia ser parcialmente utilizado durante todo o ano como uma feira permanente de artesanato e produtos da agroindústria local;
- . as estradas no meio rural, que estão em más condições de estrutura e conservação, principalmente no período chuvoso, o que dificulta o acesso aos principais atrativos naturais;
- . o papel do turismo, que pode ajudar a levantar a auto-estima da população, divulgando o nome da cidade de forma positiva, além de promover a divulgação e comercialização do artesanato e dos produtos da agroindústria locais;
- . inegável interesse da população pelo PESB, visto que grande parte dos entrevistados se mostrou interessada em saber mais e em conhecê-lo.

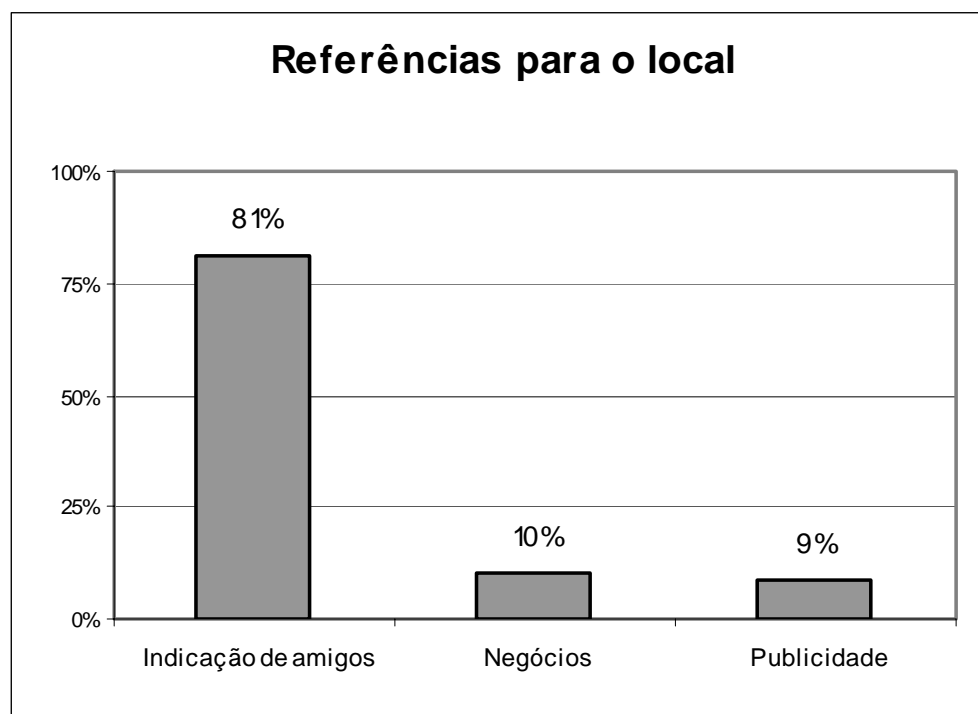
#### **5.2.4. OS TURISTAS**

As entrevistas com os turistas foram realizadas no período de setembro de 2004 a maio de 2005. Foram ouvidos 50 (cinquenta) turistas nos três municípios estudados. Em Fervedouro e Miradouro, as entrevistas foram realizadas durante uma semana, período em que também foram feitas as entrevistas com a comunidade local e com os empreendedores do setor turístico. Em Araponga, as visitas ocorreram em maior número, em função de já existir, movimento maior e mais constante de turistas naquele município. Pode-se estimar que 90% dos entrevistados são considerados ecoturistas.

Dos 50 entrevistados, 70% são do sexo masculino e 30% do sexo feminino. As idades variam entre 19 e 56 anos. Quanto ao grau de escolaridade, 60% têm terceiro grau completo, 40% possuem segundo grau ou cursos técnicos. De acordo com a atividade, podem ser classificados em estudantes, vendedores, empresários, funcionários públicos e profissionais liberais.

Alguns entrevistados visitaram mais de um dos três municípios estudados. A maioria dos entrevistados (65%) visitou Araponga, 25% tiveram Miradouro como destino e 21% tiveram Fervedouro como destino. Do total, 79% dos entrevistados responderam que já conheciam a região que estavam visitando; e a freqüentam em média duas vezes ao ano.

Quando questionados sobre a forma como souberam dos atrativos no município que estavam visitando, 81% dos entrevistados responderam que foram indicados por amigos; apenas 9% disseram que foi por publicidades e 10% responderam que foi em função de viagens de negócios, como é o caso dos vendedores ou por moradores da própria região que indicaram. Nenhum dos entrevistados procurou agências de turismo para informar sobre tais destinos, o que leva a crer que os mesmos ainda não estão sendo operados por agências, havendo, portanto, maior necessidade de divulgação da região por parte dos empresários, prefeituras e maior atuação dos circuitos turísticos nos quais os municípios estão inseridos (Figura 8).



**Figura 8:** Meios pelos quais os entrevistados tiveram conhecimento do município visitado.

Os entrevistados foram questionados quanto à infra-estrutura do município que estavam visitando. Para 54% deles, a cidade onde estava não oferece boa infra-estrutura. Os pontos mais citados foram a falta de hotéis e restaurantes; a carência de placas de sinalização adequadas, de saneamento básico e de empresas, ou guias especializados em ecoturismo que propiciariam visitação consciente e organizada.

O pensamento desse grupo de turistas poderia ser sintetizado no trecho extraído da declaração de um dos entrevistados:

*“A região não possui infra-estrutura adequada para o turismo, não possui transporte de qualidade, possui hospedagem precária e é carente também de bares e restaurantes de boa qualidade.” M.E.*

Por outro lado, os outros 46% afirmaram que a cidade que estavam visitando possuía boa infra-estrutura para receber. De modo semelhante, a opinião desse grupo se caracterizou na declaração a seguir:

*“Acredito que tenha infra-estrutura necessária para receber ecoturistas, ou seja, público que não faz questão de luxo e valoriza a cultura local. As dificuldades encontradas devem fazer parte para que a cidade não perca sua identidade”. R..*

Entretanto, 100% dos entrevistados afirmaram que a atividade turística pode trazer benefícios para o município e região que estavam visitando. Citam, principalmente, o aquecimento da economia, a valorização da cultura local, o aumento da consciência ecológica e melhorias nas infra-estruturas. Alguns comentários extraídos das entrevistas, bem ilustram o pensamento, o desejo e as apreensões, e, mesmo, até o grau de envolvimento dos turistas, em potencial, do PESB e da região como um todo:

*“O turismo diversifica a economia, produz uma interface cultural e pode despertar moradores e visitantes para a questão ambiental.” R..*

*“É possível aliar desenvolvimento com o uso e aproveitamento dos recursos naturais que estas cidades têm e manter conexões entre municípios. Estabelecer convênios e programas regionais aumenta o fluxo de informação e inserção na sociedade, gera alternativas de renda e de formação, cria espírito de pertinência (pertencimento).” H.*

*“Tem que se pensar em um turismo ecológico e consciente, sem grandes interferências no cotidiano e na cultura dos de seus moradores.” F.*

Dos 50 entrevistados, 72% não chegaram a entrar nos limites do PESB, ficando na região do entorno, pousadas, camping e área urbana. Dos 28% que tiveram a oportunidade de adentrar nos limites do parque, alguns fizeram os seguintes comentários:

*“Acho que a visita no parque tem se restringido a cruzar a estrada e olhar de longe. Seriam importante pontos de parada para observação, contemplação e informação.” H.*

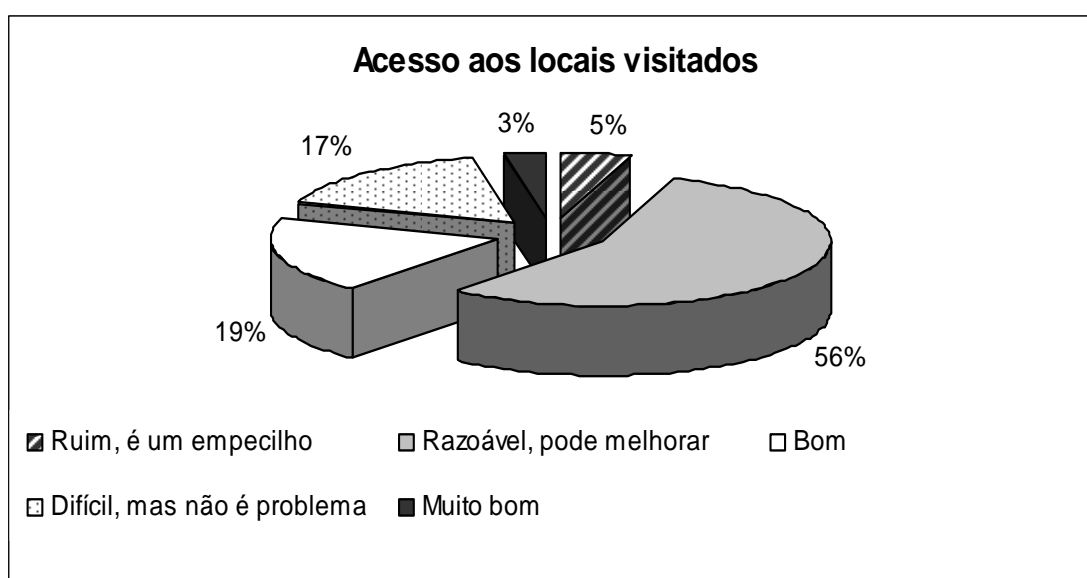
*“O parque é de beleza rara, com vegetação e água em abundância, proporcionando uma viagem inesquecível, com o contato com a natureza (animais e plantas), bem como mergulhos nos poços formados pelas quedas de cachoeiras. Entretanto, ainda falta estrutura que possibilite uma viagem segura e confortável, tanto para o homem quanto para a biodiversidade.” M.E.*

*“A Serra do Brigadeiro consiste em um espaço natural de grande valor científico e uma contribuição para a preservação da biodiversidade do planeta. O PESB visa contribuir para o meio científico e a preservação de importantes espécies da biodiversidade, algumas em extinção. Entretanto, cabe, ainda a essa categoria de unidade, proporcionar o turismo e com isso o desenvolvimento regional. Não obstante, essas duas últimas características se tornaram uma realidade e, portanto, cabe ressaltar que tamanho esplendor e beleza não podem ficar a deriva, envolvida por uma cerca. Portanto, cabe ao poder público proporcionar um turismo de qualidade e a possibilidade de desenvolvimento para a região, de forma que a população explore de forma saudável e eficiente o turismo ecológico.” M.E.*



As belezas naturais, o contato com a natureza e as paisagens foram, segundo 79% dos entrevistados, os principais motivos que os impulsionaram a visitar os locais citados, seguidos de 77% que foram também para descanso, 35% para a culinária, 18% estavam a negócios (principalmente vendedores), 14% para esportes, 14% para artesanato e 3% para festas. Nesta questão, na maioria das vezes o entrevistado escolheu mais de um item, como, por exemplo, culinária e descanso, entre outras combinações.

Com relação aos acessos aos locais visitados, 56% dos entrevistados responderam que é razoável, podendo melhorar; 19% afirmaram que o acesso é bom; 17% responderam que o acesso é difícil, mas que isso não é problema; 5% acham o acesso ruim, sendo um empecilho; e apenas 3%, que o acesso é muito bom (Figura 9).



**Figura 9:** As condições de acesso aos locais visitados, segundo os turistas entrevistados.

As opiniões sobre os acessos divergem principalmente quando se fala nas estradas do meio rural e dentro da área do PESB. Alguns entrevistados temem que a melhoria nas estradas possa influenciar no aumento da visitação e com isso causar maiores impactos relacionados aos limites de mudanças aceitáveis ao meio ambiente, como pode ser sintetizado na declaração seguinte:

*“Em relação ao acesso, não é desejável que seja muito facilitado, pois pode ocasionar um estímulo para a visitação excessiva. É necessário que se mantenham as estradas sem calçamento ou asfalto para manter a paisagem o mais natural possível. É*

*importante antes de tudo educar os visitantes em relação ao que não se deve fazer no parque e estimular a conscientização ecológica.” L. E.*

A seguir, seguem outros comentários feitos pelos entrevistados a respeito do PESB e entorno; cujos teores são os mais variados:

*“A região é muito bonita e apresenta uma grande diversidade de fauna e flora endêmicas que devem ser preservadas para as próximas gerações. Espero que os novos visitantes tenham uma consciência voltada para a conservação e para isso devem estar sempre sendo orientados por profissionais competentes e responsáveis, para evitar o que está acontecendo em outros parques nacionais, onde a invasão turística está transformando e prejudicando o ambiente.” F.*

*“Acho o acesso à área ambiental do parque muito limitado. No entanto fui informado que trilhas estão sendo planejadas, aguardo com entusiasmo e espero poder percorrê-las.” E.*

*“Acredito que a região será um destino turístico em alguns anos.” F.*

*“Acho que seria interessante criar uma identidade para o PESB, a serra, os macacos, a fauna...” J.M.*

*“Não vejo melhor saída para as comunidades do entorno que a exploração do ecoturismo e turismo rural, poderiam ter uma renda extra com produtos da agroindústria: doces, compotas, mel, ter um local para se comercializar tais produtos.” J.M.*

*“A incrementação do turismo é interessante desde que não sobrecarregue a estrutura local e que, sobretudo, não venha descaracterizar a região, culturalmente falando. Muito se vê, a criação de um excesso de infra-estrutura para atendimento ao turista, que na maioria das vezes transforma o lugar num “não-lugar”, sobrepondo sistemas inteiros de hábitos de vida globais, às características próprias do lugar.” F.*

*“Acho a serra do Brigadeiro um local de extrema beleza com atrativos naturais maravilhosos, porém essa riqueza não está sendo bem aproveitada pelas autoridades e população, devido a falta de infra-estrutura para receber os turistas. As condições oferecidas a quem visita não condiz com o potencial turístico local. Estradas boas, guias, lojas, pousadas e bons restaurantes são fundamentais para aumentar a quantidade e a qualidade das visitas”. M.*

#### **5.2.5. O GERENTE DO PESB**

Em entrevista com o atual gerente do PESB, José Roberto Mendes de Oliveira, foram discutidos assuntos diversos, que segundo o qual destacam-se:

. Há grande preocupação com o ‘turismo predatório’ no PESB, de onde frequentemente alguns visitantes tentam levar orquídeas e bromélias. Ao mesmo tempo, a comunidade muitas vezes tem sua entrada impedida, o que cria certa revolta entre eles.

. Foi feito um pré-zoneamento para a escolha dos locais onde se construíram as obras de infra-estrutura, voltadas ao turismo. Para a escolha do local, levaram-se em conta os acessos em função das condições de relevo do parque; em muitos locais não há como ir de carro. Portanto escolheram-se pontos mais centrais e de acesso mais facilitado para as construções.

. O PESB tem convênio celebrado com as prefeituras de Araponga e Fervedouro (onde estão as portarias), onde cada uma delas cede 12 funcionários e ainda ajudam no fornecimento do combustível.

. Há participação de representantes dos demais municípios que fazem parte do PESB nas reuniões realizadas na sede ou no entorno da UC, porém, considera ainda pouco representativo.

. O PESB conta atualmente com 32 funcionários, sendo 29 de comunidades do entorno (12 contratados pela prefeitura de Araponga, 12 contratados pela prefeitura de Fervedouro, 7 por firma terceirizada e 1 do IEF).

. Com relação à comunidade, ele comenta que a população não teve muita escolha. O parque foi criado, vieram as regras e proibições, restringindo o uso de trilhas e os recursos naturais que retiravam das matas. Hoje, ainda existem famílias que moram

dentro da área do parque, sob processo de negociação. Por outro lado, nota-se que atualmente as pessoas estão mais sensíveis à causa ambiental. Os trabalhos realizados pela Igreja Católica (Campanha das Águas) foi um exemplo citado para ilustrar que assuntos relacionados com as nascentes e com a conservação da natureza estão sendo discutidos mais frequentemente pela comunidade, de forma espontânea. Assim como os programas de educação ambiental que vêm sendo realizados nas escolas através da capacitação dos professores.

. No meio rural, a comunicação oral é a que se destaca entre as demais. Existem locais sem energia elétrica, mas muitos que possuem rádio. Por isso, o gerente sugere a criação de um programa de rádio voltado para o PESB; com isso, a comunicação com os moradores seria facilitada, principalmente na área rural, o que poderia auxiliar também no caso da prevenção de incêndios florestais. Principalmente agora, quando está sendo implantado um conselho consultivo no PESB. E, também, treinamentos de brigadas e previsão para um grupo de resgate. Na maioria das vezes, os incêndios começam com a chamada ‘queimas de limpeza da área’, muito comum entre os produtores rurais; os limites do parque muitas vezes não são protegidos por aceiros e em certas épocas podem ocorrer incêndios de grandes proporções. Para o gerente, uma boa relação/interação dos guardas parque com as pessoas facilita muito neste caso.

. Quanto à infra-estrutura para pesquisas, o PESB possui um alojamento para pesquisadores, com 2 quartos, 4 camas cada, 1 banheiro, sala/cozinha com pia e fogão a lenha. Não é fornecida alimentação no PESB. Para fins de pesquisa, já autorizada pelo IEF, deve-se previamente agendar com a gerência do PESB a permanência do pesquisador no local através de ofício ou pelo telefone: (32) 3722-3789.

. O prédio com laboratórios ainda não recebeu equipamentos para sua instalação. As obras de infra-estrutura – portarias, centro de visitantes, laboratório de pesquisa e casas para abrigar pesquisadores e funcionários, como guarda-parques – já estão funcionando (Fotos 42 e 43 ).

. A Fazenda da Neblina (casa de hóspedes) é uma sede restrita à administração do IEF ou que pode ser visitada com autorização do Diretor Geral ou Supervisor Regional.



**Foto 42:** Uma das portarias do PESB, em Araçuaia.



**Foto 43:** Interior do centro de visitantes do PESB, mostrando parte de sua infraestrutura.

. Já existe procura pelo PESB por parte de escolas e instituições para fins educativos. Ainda não estão cobrando taxa de entrada; apenas identificação nas portarias.

. Quanto aos acessos, não há plano de melhorias para as estradas até as portarias. Para as estradas que passam pelo Parque, as melhorias são realizadas pelas prefeituras. No que diz respeito à manutenção, dentro do PESB é realizada pelos funcionários da UC.

. O funcionamento após a abertura está atendendo às expectativas, porém espera-se que a implementação do Plano de Manejo venha atender ainda mais. Sua implementação está prevista para iniciar-se em 2005, através de licitação.

. O PROMATA tem sido de grande importância para a conservação e restituição do Bioma Mata Atlântica de Minas Gerais; o Governo de Minas se mostra muito otimista com esta parceria.

. O DIPUC tem contribuído para a motivação e o envolvimento dos funcionários das UC's, os quais, após participação neste, demonstram melhor compreensão sobre a realidade e administração do Parque.

. O Conselho Consultivo é composto por membros da sociedade, ONG's, sociedade acadêmica e do órgão gestor e tem como objetivos agregar apoio político e institucional para a gestão do Parque, auxiliar na sensibilização local sobre a conservação da natureza e proporcionar a sua inserção no desenvolvimento sócio-econômico da região. As atividades citadas acima, estão sendo realizadas atendendo um cronograma administrativo e institucional, baseado no SNUC, que rege as UC's.

. Para o gerente, a proposta do PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) com os territórios rurais (os beneficiários das ações de infraestrutura pública municipal são as famílias dos agricultores residentes nos territórios rurais selecionados) pode ajudar na melhoria da qualidade de vida dos produtores, mas deve-se atentar para que as propostas de desenvolvimento demandadas estejam em harmonia com o plano de manejo (OLIVEIRA, 2004) <sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> OLIVEIRA, J. R. M. **Entrevista com o gerente do PESB.** Bom Jesus do Madeira - Fervedouro: 2004. Entrevista concedida a Frederico Queiroz Brumano Pinto em 23 de nov. 2004.

### 5.3. ESTUDO COMPARATIVO

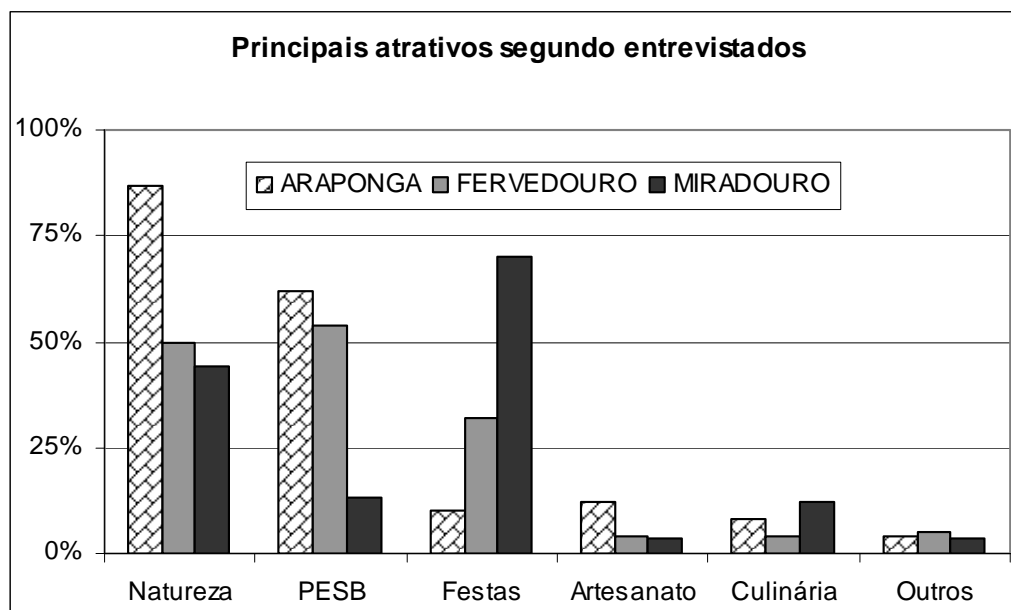
De posse dos resultados, um estudo comparativo foi feito tendo como base os valores obtidos. Os itens de maior importância com relação à caracterização de cada município estão reunidos no Quadro 1 e podem auxiliar como complemento nas análises.

Em Araponga, 87% dos entrevistados afirmam ter notado um aumento de turistas na região nos últimos anos. Já em Fervedouro e Miradouro, aproximadamente 60% dos entrevistados fizeram a mesma observação. Esse dado sugere maior crescimento do turismo em Araponga. O período em que ocorre tal aumento é, segundo os entrevistados dos três municípios, os feriados prolongados, as férias de verão e de inverno e os finais de semana. Em Miradouro, as festas religiosas em maio e a exposição agropecuária em agosto foram citadas como épocas de maior movimento de turistas na cidade.

Quanto aos principais motivos que têm atraído turistas aos locais estudados, a comunidade local de Araponga cita em primeiro lugar as belezas naturais, seguido pelo PESB e o artesanato. Em Fervedouro, o PESB vem em primeiro lugar, seguido pelas belezas naturais e festas populares. Em Miradouro, as festas populares são os principais motivos de atração de turistas segundo os entrevistados, seguido pelas belezas naturais e o PESB. Pode-se dizer que para as comunidades de Fervedouro e Araponga, o PESB e as belezas naturais exercem maior influência sobre o turismo, refletindo um maior conhecimento dessas comunidades com relação à UC, bem como sua valorização. Em Miradouro, a comunidade associa o movimento do turismo principalmente às festas típicas que ocorrem nos meses de maio e agosto (Figura 10).

Nos três municípios estudados, aproximadamente 70% dos entrevistados afirmam que sua cidade não possui boa infra-estrutura para receber os turistas, citando principalmente a precariedade da infra-estrutura urbana e os acessos ruins aos locais de atração turística.

Quase 100% dos entrevistados concordam que a atividade turística pode trazer benefícios para seu município e região, citando principalmente o aumento de empregos e renda, a melhoria dos serviços e infra-estrutura de forma geral, assim como melhoria nas estradas.



**Figura 10:** Principais motivos que têm atraído pessoas para os locais estudados, segundo os entrevistados.

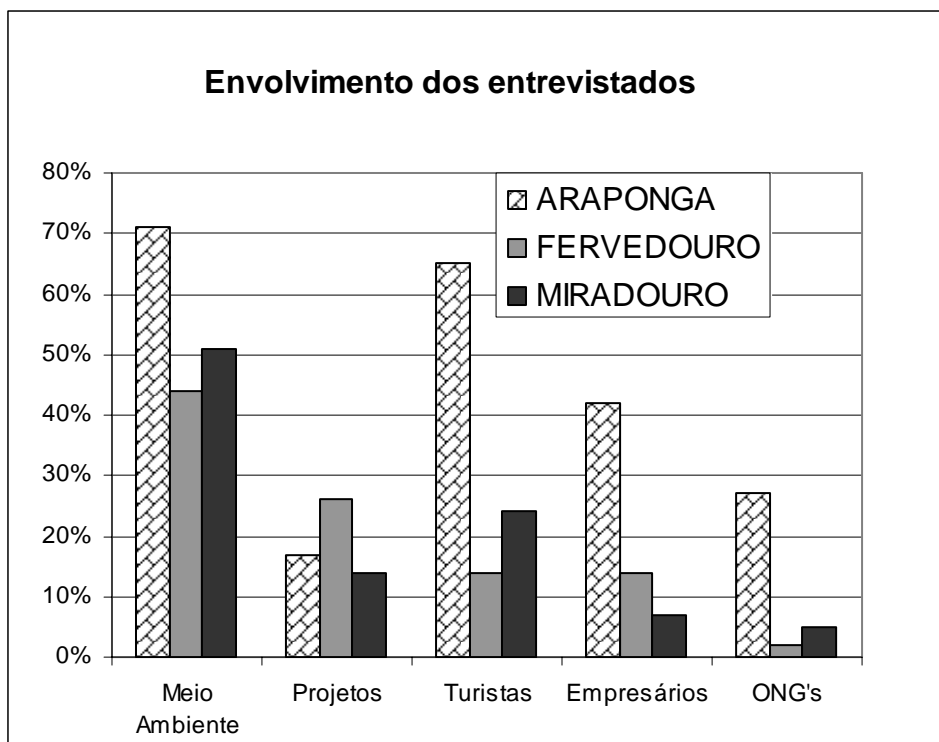
Quanto aos impactos negativos causados pelo turismo, em Araponga 70% dos entrevistados citaram algum malefício ou problema advindo da atividade, seguidos por 54% em Fervedouro e 58% em Miradouro. Os principais problemas citados foram o aumento da violência e da insegurança, danos ao meio ambiente, aumento de problemas com drogas e álcool, aumento na produção de lixo e esgoto, aculturação (conflitos culturais), barulho e possível inflação dos preços em geral.

Sobre o grau de informação e/ou envolvimento das comunidades locais com relação ao meio ambiente, projetos de turismo, empresários do setor turístico, turistas e ONG's; em Araponga os resultados foram mais positivos, pois quase todos os itens houve alguma representatividade, destacando-se principalmente o meio ambiente, onde 71% dos entrevistados afirmam estar informados/envolvidos. A comunidade de Araponga parece estar mais bem informada/envolvida com relação aos turistas e aos empresários do setor, por outro lado se mostrara pouco informada quantos aos projetos de turismo (apenas 17% afirmaram saber de algum). Quanto às ONG's, apenas em Araponga foi notado algum envolvimento da comunidade (27% dos entrevistados disseram ter conhecimento de alguma) e citam o Centro de Pesquisa e Promoção Cultural (CEPEC) e o Centro de Tecnologias Alternativas (CTA) como ONG's atuantes na região; já em Fervedouro esse número foi de apenas 2% e em Miradouro 5%.

Em Fervedouro e Miradouro, o grau de informação/envolvimento das comunidades locais quanto aos mesmos itens analisados se mostrou baixo, destacando-



se um maior número de respostas positivas com relação ao meio ambiente (44% em Fervedouro e 51% em Miradouro). Com relação aos projetos de turismo, 26% dos entrevistados afirmaram ter algum conhecimento em Fervedouro. Já em Miradouro, 24% dos entrevistados responderam ter algum envolvimento com os turistas (Figura 11).



**Figura 11:** Grau de envolvimento dos entrevistados nos três municípios.

Araponga e Fervedouro têm sido os destinos mais procurados, sendo que em Araponga já existe um movimento mais constante tanto nos campings quanto na pousada. Em Fervedouro o acesso tem sido um grande problema para os empreendedores, gerando sazonalidade e inconstância no movimento. Em Miradouro não existem empreendimentos voltados especificamente para o ecoturismo, os hotéis na área urbana tem melhor qualidade quando comparados aos outros municípios, porém o movimento se dá em função de vendedores e pessoas em trânsito.

O Quadro 1 sintetiza alguns dos principais aspectos analisados nos três municípios estudados. Os itens referentes ao abastecimento de água, esgoto sanitário e coleta de lixo, apesar de indicarem valores muito baixos, podem ser explicados pelo fato de haver uma grande parcela dos habitantes dos municípios vivendo no meio rural, onde tal saneamento se dá de outra forma: a água vem de poços artesianos e cisternas próprias, o lixo é disposto de acordo como convém ao proprietário do imóvel, o mesmo

ocorrendo com o esgoto, que pode ser direcionado para os cursos d'água, para fossas negras ou fossas sépticas.

De acordo com a FJP (2005), há muito tempo estabeleceu-se a prática de avaliar o bem estar de uma população, e conseqüentemente de classificar os países ou regiões, pelo tamanho de seu PIB per capita. Entretanto, o progresso humano e a evolução das condições de vida das pessoas não podem ser medidos apenas por sua dimensão econômica. Por isso existe uma busca constante por medidas sócio-econômicas mais abrangentes, que incluam também outras dimensões fundamentais da vida e da condição humana.

O IDH, criado no início da década de 90 para o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) pelo conselheiro especial Mahbub ul Haq, é uma contribuição para essa busca, e combina três componentes básicos do desenvolvimento humano: a longevidade, que também reflete, entre outras coisas, as condições de saúde da população, medida pela esperança de vida ao nascer; a educação, medida por uma combinação da taxa de alfabetização de adultos e a taxa combinada de matrícula nos níveis de ensino (fundamental, médio e superior) e a renda, medida pelo poder de compra da população, baseado no PIB per capita ajustado ao custo de vida local para torná-lo comparável entre países e regiões, através da metodologia conhecida como paridade do poder de compra (PPC).

A metodologia de cálculo do IDH envolve a transformação destas três dimensões em índices de longevidade, educação e renda, que variam entre 0 (pior) e 1 (melhor), e a combinação destes índices em um indicador síntese. Quanto mais próximo de 1 o valor deste indicador, maior será o nível de desenvolvimento humano do país ou região (FJP, 2005).

**Quadro 1:** Quadro comparativo dos três municípios estudados.

		<b>ARAPONGA</b>	<b>FERVEDOURO</b>	<b>MIRADOURO</b>
1	Área (km <sup>2</sup> )	304	357	302
2	População (habitantes)	7916	9671	9770
3	Habitantes vivendo no meio rural	74,6%	61,5%	49,6%
4	Abastecimento de água	36,44% das residências	37,38% das residências	63% das residências
5	Esgoto sanitário	17,13% das residências. Estação de tratamento sendo construída.	37,53% das residências. Não há estação de tratamento.	59,18% das residências. Não há estação de tratamento.
6	Coleta de lixo	28,87% das residências	39,13% das residências	58% das residências
7	Lavoura permanente	Café, banana, laranja, tangerina.	Café, laranja, banana.	Café, banana, laranja, mamão, manga.
8	Lavoura temporária	Arroz, cana de açúcar, feijão, milho, mandioca.	Arroz, feijão, milho, mandioca.	Arroz, cana de açúcar, milho, feijão, mandioca, fumo.
9	Lei de Uso e Ocupação do Solo	Não há.	Possui, mas é pouco ativo.	Não há
10	Nível de Arborização Urbana	Cidade pouco arborizada. Utilização de quintais para hortas e pomares.	Cidade pouco arborizada. Utilização de quintais para hortas e pomares.	Cidade bem arborizada. Utilização de quintais para hortas e pomares.
11	Destino do Lixo Urbano	Não há usina de triagem e compostagem, é depositado em aterro controlado.	Não há usina de triagem e compostagem, é depositado em lixão.	Não há usina de triagem e compostagem, é depositado em aterro controlado de Muriaé.
12	Área do PESB no município	41,03%	26,68%	16,28%
13	Portaria do PESB	Possui, estando a 9 km da área urbana.	Possui, estando a 22 km da área e urbana e a 9 km do distrito de B. J. Madeira.	Não possui, acesso por Fervedouro ou por estrada no meio rural via distrito de Monte Alverne.

Continua...

Quadro 1, cont.

		<b>ARAPONGA</b>	<b>FERVEDOURO</b>	<b>MIRADOURO</b>
14	Secretaria de Turismo	Possui, mas pouco ativa.	Possui	Não possui.
15	CODEMA	Possui, mas não é ativo.	Possui, mas não é ativo.	Possui, mas não é ativo.
16	Lei de Tombamento Municipal.	Possui	Não possui	Não possui
17	Posto de informações turísticas	Possui	Não possui	Não possui
18	Circuito turístico inserido	Circuito Serras de Minas (já certificado).	Circuito Serra do Brigadeiro	Circuito Serra do Brigadeiro
19	Meios de hospedagem	Duas pensões na área urbana. Uma pousada e dois campings no meio rural.	Duas pousadas na área urbana e duas no meio rural. Duas pensões em distrito.	Três hotéis na área urbana.
20	Segmento de turismo mais presente	Ecoturismo	Ecoturismo e turismo rural	Ecoturismo e turismo de negócios (vendedores).
21	Distância de Belo Horizonte (em km)	267	335	356
22	ICMS/ Meio Ambiente (em R\$/mês)	17.966,54	10.890,48	1.968,71
23	ICMS/ Educação (em R\$/mês)	0	8.258,93	14.503,64
24	ICMS/ Patrimônio Cultural (em R\$/mês)	8.823,21	0	0
25	IDH-M	0,657	0,686	0,698

Itens de 1 a 8: Fonte IBGE (2001).

Itens 9 a 21: Fonte prefeituras municipais e pesquisa *in loco*.

Itens 22 a 25: Fonte FJP (2005).

## 6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Com base nos estudos sobre o turismo, com ênfase no ecoturismo, realizados intensivamente nos municípios – Araponga, Fervedouro e Miradouro – situados no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), com o intuito de verificar sua influência na região, foi possível concluir que:

- As atividades turísticas nos locais estudados têm sido praticadas morosa e precariamente.
- É pequeno o patrimônio arquitetônico nos três municípios.
- É grande o patrimônio cultural, e maior ainda o natural nos municípios analisados.
- A região estudada necessita urgentemente de investimentos de infraestrutura de modo geral.
- O ecoturismo e o turismo rural são os segmentos mais indicados para os municípios de Araponga e Fervedouro; em Miradouro o turismo de eventos (festas) e o ecoturismo são os segmentos mais presentes.
- É pequena a prática, mas significativa a influência do ecoturismo na região do entorno do PESB.
- A influência do ecoturismo nos municípios estudados deve crescer à medida que aumentar a influência do PESB sobre eles.

As conclusões aqui expostas podem ser úteis como subsídios na elaboração de projetos voltados para a vitalização da região como ponto turístico. E, também, na busca da conscientização de todos os atores sociais a quem o turismo diz respeito, principalmente o ecoturismo.

Assim, quando se analisa a lentidão das atividades turísticas que vêm ocorrendo na região, vê-se que este fato aparentemente, é esperado e até vantajoso. De fato, ele está em sintonia com o marasmo das atividades infra-estruturais na região. Deste modo, a quebra deste equilíbrio – pelo aumento acelerado de turistas e conseqüentemente das atividades de lazer – seria de efeitos altamente negativos. Assim, o monitoramento

constante não pode deixar de ser feito. E deve ser cada vez maior à medida do crescimento das atividades.

Com relação ao patrimônio arquitetônico, no município de Araponga, por exemplo, existem poucas fazendas, como no restante da região, contrastando com os municípios da região do ciclo do ouro e do café. Na sede, não se encontram em bom estado de conservação os poucos casarões que ainda restam. Mas em Miradouro, existem vários deles na área urbana, de valores histórico e cultural; alguns dos quais, bem conservados graças aos cuidados e às oportunas intervenções dos próprios donos. Neste aspecto, talvez o mais pobre dos três seja o município de Fervedouro, onde existem, apenas, algumas fazendas.

Nesta oportunidade, pode-se dizer que é imprescindível promover duas frentes de trabalhos, agindo paralelamente junto à população e aos órgãos públicos: a primeira, rumo à conscientização quanto aos valores históricos dos casarões; a segunda, em direção ao tombamento municipal. Neste ponto, é bom lembrar que as prefeituras e o povo da região, na prática são os únicos agentes que poderão tornar tudo isso possível.

Por outro lado, não é apenas o patrimônio arquitetônico o único ponto de atração a considerar. O patrimônio cultural (costumes, tradições, folclore, artesanato, etc.) está vivo e presente – embora subestimado – mas disperso, como observado nas diversas manifestações populares que podem ser observadas, ou sentidas, por meio do artesanato, da religiosidade, das narrativas como nos “causos” e nas lendas passadas de boca em boca; do modo de vida da população, inclusive sua linguagem típica, suas tradições, sua culinária, seus produtos agroindustriais; e, embutida em tudo isto, a notória sabedoria popular.

Com relação ao patrimônio natural, todos os três municípios são ricos em atração turística. Em toda a região, predomina o clima de montanha. Trilhas, cachoeiras, piscinas naturais e outras atrações semelhantes são encontradas com grande frequência. Serras, escarpas, picos, diferentes tipos de relevo reunidos numa só paisagem são comuns. Rodovias importantes como a BR-116, BR-381, BR-482 – às quais se ligam estradas estaduais e municipais – cortam a região, este maravilhoso potencial turístico; que ainda mais se enriquece com a presença do PESB em todos os municípios.

Seja qual for o segmento de turismo que se instalar na região, há de se ter em mente que ele necessita de investimentos na infra-estrutura, de modo geral. Este é, sem dúvida, o primeiro passo. No elenco de medidas básicas, prioritariamente está a reestruturação das estradas secundárias que dão diretamente ao PESB, aos meios de

hospedagem e aos principais atrativos naturais. A existência dessas estradas, onde o fluxo de veículos não seja interrompido durante todo o ano, resulta na ligação da região, e do PESB, com toda a malha rodoviária do País. Na realidade, os investimentos são gradativos, circunstanciais, dinâmicos, e nunca param.

Contrastando com essa riqueza natural, porém, não é difícil visualizar a pobreza infra-estrutural em praticamente toda a área. Lamentavelmente, esta deficiência será reparada somente ao longo de alguns anos. Enquanto isso, o ecoturismo vem sendo praticado na região; embora parcimoniosamente – graças à determinação e à criatividade de alguns empreendedores da região. E como era de se esperar, o mínimo de infra-estrutura que se vê por ali se deve a eles. Com seus projetos simples, executados com material do próprio local, com tecnologia própria e adaptados à paisagem existente no entorno, como é o caso das pousadas e campings situados no meio rural.

Nesse sentido, projetos de arborização e paisagismo, melhorias em infra-estrutura e uma melhor sinalização dos locais através de placas informativas certamente devem fazer com que o turista seja mais bem acolhido em suas visitas. Itens como Secretaria de Turismo, Lei de Tombamento Municipal, posto de informações turísticas, usina de reciclagem de lixo e estação de tratamento do esgoto doméstico devem ter maior atenção por parte dos municípios, principalmente naqueles mais interessados em desenvolver projetos relacionados ao turismo.

Alguns impactos positivos já estão ocorrendo, como a geração de empregos; o desenvolvimento de pluriatividades por parte das populações locais (como no caso do artesanato e da agroindústria); o aumento da renda familiar em alguns casos; a sensibilização dos turistas e populações locais para a proteção do meio ambiente; conscientização para os problemas ambientais; intercâmbio cultural campo/cidade; valorização da mulher campesina e seu trabalho (em todos os empreendimentos nota-se a presença feminina nos trabalhos). Quanto aos impactos negativos, a sazonalidade e a supervalorização da terra, estimulando os agricultores a venderem suas terras e a migrarem para os centros urbanos podem estar ocorrendo.

Os benefícios citados, em verdade consequência do ecoturismo, embora modestos, na prática estão indicando que o ecoturismo na região não é o único, mas é um dos principais meios de progresso dentre todos os existentes até o momento. Desde que explorando racional e amplamente.

Para tal, como lembrado anteriormente, há de se manter na região iniciativas como, por exemplo, o fortalecimento de cooperação interinstitucional, a concretização da participação efetiva dos segmentos sociais no setor, a capacitação de recursos humanos para o ecoturismo, a busca do aprimoramento de qualidade dos serviços, a orientação permanente do ecoturismo na direção da trilogia turismo-ambiente-população, a realização de acordos, de convênios e, em síntese, a implantação de um universo de ações urgentes, estratégias factíveis e atraentes, bem como os meios de aplicá-las.

Existem políticas públicas que elevam o potencial dos locais estudados, como é o caso dos Circuitos Turísticos e o PROMATA. Ainda nessa direção, sabe-se que o PESB já celebrou convênios com as prefeituras de Araponga e Fervedouro; que representantes de alguns outros municípios do entorno, não conveniados, vêm participando de algumas atividades ali desenvolvidas; que tais atividades envolvem pessoas de classes e faixas etárias diferentes, inclusive crianças quando nas escolas. Embora, por outro lado, não exista uma rede de comunicação bem estabelecida entre os setores envolvidos (comunidades, instituições de ensino, poder público, empresários, turistas); o que termina por acarretar desconhecimento de tais informações, que acabam ficando dispersas. Este fato sugere uma parceria em caráter definitivo entre o PESB e os municípios do entorno.

O fato de ser relativamente nova no Brasil, a atividade do ecoturismo tem de ser bem iniciada para que se cometam menos erros em seu percurso. Portanto, seguindo este princípio, a atividade turística de modo geral, em países em desenvolvimento pode ser um importante meio de crescimento econômico. Quanto maior o comprometimento e o envolvimento dos diversos setores da sociedade – turistas, comunidades locais, empresários, entre outros – com a legislação, com o meio ambiente e com a educação, maiores serão as chances de sucesso do setor, gerando muito mais benefícios e muito mais aspectos positivos.

Muitos serão os benefícios desta Unidade de Conservação, que teve, para sua criação, importante processo participativo com a comunidade e maior envolvimento com ONG's, universidades e pesquisadores. Os benefícios vão além da conservação do meio ambiente, como é o caso do ecoturismo/turismo rural que vem sendo uma boa opção de renda extra para as comunidades do entorno, colaborando com o desenvolvimento sustentável da região.



## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBIENTE BRASIL. **Notícias**. 2005. Disponível em: <<http://www.ambientebrasil.com.br//>>. Acesso em: 2 de junho de 2005.

ALMEIDA, R. C. V. **O sistema estadual de Unidades de Conservação do Estado de Minas Gerais: Diagnóstico dos instrumentos e planejamento e gestão e perspectivas**. Instituto Estadual de Florestas/Programa de Proteção da Mata Atlântica – PROMATA- MG, 2004, 23 p.

ALEMGO - ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS. **Municípios**. 2005. Disponível em: <<http://www.alemgo.gov.br/#>> Acesso em: 30 de março de 2005.

ARAÚJO, J. G. F. **ABC do Turismo Rural**. Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2000. 138p.

AULICINO, M. P. Algumas implicações da exploração turística dos recursos naturais. In: **Turismo e Ambiente. Reflexões e Propostas**. São Paulo: Hucitec, 1997.p. 27-36.

BARROCO, C. **Princípios Gerais de Turismo**. 2002. Disponível em: <[http://www.estv.ipv.pt/paginaspessoais/cbarroco/Principios\\_Gerais\\_de\\_Turismo.htm#1](http://www.estv.ipv.pt/paginaspessoais/cbarroco/Principios_Gerais_de_Turismo.htm#1)>. Acesso em 21 de abril de 2004.

BRASIL - IBAMA/MMA – **SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação**. Lei 9.985/2000. Brasília, DF. Editora IBAMA. 37p.

BENEVIDES, I. P. “Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local”. In: RODRIGUES, Adyr Balesteri. (org.). 2º ed. **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 2000: 23-41.

BITTENCOURT, A. H. C. **Anatomia foliar de espécies do gênero *Vriesia* Lindl (Bromeliaceae) no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro – MG.** (Mestrado). Departamento de Biologia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, 2000. 51 p.: il.

BOLSON, J. H. G. **Revista Turismo - Circuitos Turísticos de Minas Gerais - Modelo de Regionalização.** 2004. Disponível em: <http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/artigos/minasgerais.html>>. Acesso em: 25 de abril de 2005.

BONFIM, V.R. **Diagnóstico do uso do fogo no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), MG.** (Mestrado). Departamento de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, 2001. 56p.

CAMPANHOLA, C. Agroturismo como nova fonte de renda para o pequeno agricultor brasileiro. In: **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento.** Bauru, SP: EDUSC, 2000. p. 145-179.

CARLOS, A. F. A. O turismo e a produção do não-lugar. In: **Turismo: espaço, paisagem e cultura.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p.25-37.

CARVALHO, P. F de. Patrimônio histórico e artístico nas cidades médias paulistas: a construção do lugar. In: **Turismo: espaço, paisagem e cultura.** São Paulo: Hucitec, 1999.p. 100-113.

CARVALHO, V.F. **A “poluição social” representa um perigo para o Ecoturismo.** 2003. Disponível em: <<http://www.ecoviagem.com.br/aventura/def-esporte.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2004.

COUTO, E.A. & DIETZ, J. M. **Sugestões para a criação do Parque Nacional da Serra do Brigadeiro.** Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, 1980. 23p.

CRUZ, R. C. A. As paisagens artificiais criadas pelo turismo. In: **Turismo e Paisagem.** São Paulo: Contexto, 2002. p. 107- 119.

DIEGUES, A. C. Saberes tradicionais e etnoconservação. In: **Comunidades Tradicionais e Manejo dos Recursos Naturais da Mata Atlântica**. São Paulo: NUPAUB-USP / ESALQ-USP, 2000. p. 9-22.

ENGEVIX. **Caracterização do meio físico da área autorizada para a criação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro – Relatório técnico final dos estudos – 8296-RE-H4-003/94 “VER. 1”**. Instituto Estadual de Florestas, BIRD/PRÓ-FLORESTA/SEPLAN, 1995, 34p.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio – Século XXI**. Editora Nova Fronteira, 1999. Versão 3.0.

FJP – FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Produtos FJP**. 2005. Disponível em: <<http://www.fjp.gov.br/html>>. Acesso em: 21 de junho de 2005.

GJORUP, G.B. **Planejamento participativo de uma unidade de conservação e do seu entorno: o caso do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais**. (Doutorado). Departamento de Solos e Nutrição de Plantas, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, 1998. 113p. : il.

GONÇALVES, W. **Padrões de assentamento de áreas verdes municipais – uma visão crítica**. (Doutorado). Faculdade de Arquitetura, Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, 1994. 116p. : il.

GOYA, P. L. Percepção do espaço urbano: análises da valorização de paisagens urbanas. In: **PAISAGEM E AMBIENTE - ENSAIOS IV**. São Paulo: FAUUSP, 1982. p.121-127.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. 2001. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/html>> Acesso em: 01 de maio de 2005.

LIMA, G.S. **Criação, implantação e manejo de unidades de conservação no Brasil: estudo de caso em Minas Gerais**. (Doutorado). Departamento de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, 2003. 76 p.: il.

LOBATO, O.N. **Ecoturismo: o exemplo do Amazonas**. Belém, PA: UFPA, NUMA, BASA, 1998. 58 p.: il.

LUCHIARI, M.T.D.P. Turismo e cultura caiçara no litoral norte paulista. In: ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO COM BASE LOCAL, 1, 1997, São Paulo. **Turismo. Modernidade. Globalização**. São Paulo: HUCITEC, 1997. p. 136-154.

MACEDO, R.K. de. A importância da avaliação ambiental. In: TAUK-TORNISIELO, S. M; GOBBI, N; FOWLER, H. G. **Análise ambiental: Uma visão multidisciplinar**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995. p. 13-31.

MACEDO, S.S. **O paisagismo moderno-Além de Burle Marx**. Revista eletrônica da área de Paisagem e Ambiente. FAU,USP. (São Paulo, 2003). Disponível em: <<http://www.usp.br/fau/deprojeto/gdpa/paisagens-artigos/burle1.html>>. Acesso em: 31 de abril de 2004.

MACHADO, J. A. S. **Turismo, consumo e impacto social: Algumas considerações**. CELACC – Centro de Estudos Latino-Americanos de Cultura e Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. ECA/USP (São Paulo, 1996). Disponível em: <<http://www.forum-global.de/bm/articles/im.html>> Acesso em: 1 de maio de 2004.

MANNIGEL, E. **Integrating parks and neighbors - Participation and protected areas in Minas Gerais, Brazil**. 1a. ed. Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit (GTZ) GmbH, Rossdorf. 2004. 108p. : il.

MELLO, C. C. **Educação ambiental no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro**. (Mestrado). Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, 2002. 127 p.: il.

MINISTERIO DA INDÚSTRIA, DO COMÉRCIO E DO TURISMO – EMBRATUR. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília, DF: EMBRATUR, 1994. 48p.

MINISTERIO DA INDÚSTRIA, DO COMÉRCIO E DO TURISMO – EMBRATUR.  
**Plano Nacional do Turismo.** 2004. Disponível em: <[http:// www.embratur.gov.br/html](http://www.embratur.gov.br/html)>. Acesso em 09 de maio de 2004.

MINISTERIO DA INDÚSTRIA, DO COMÉRCIO E DO TURISMO – EMBRATUR.  
**Portal brasileiro do turismo.** 2004. Disponível em: <[http:// www.embratur.gov.br/br/conteudo/ver.html](http://www.embratur.gov.br/br/conteudo/ver.html)>. Acesso em 09 de maio de 2004.

MORAES, W. V. **Ecoturismo: planejamento, implantação e administração do empreendimento.** V.2. Viçosa: UFV, 2000. 170p. : il (Série ecoturismo).

MYERS, N., R. A. MITTERMEIER, C.G. MITTERMEIER, G.A.B, FONSECA and J.KENT (2000). Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature*. 403:853-858 pp.

NEVES, E. S. Paisagem-Conceito. In: **PAISAGEM E AMBIENTE - ENSAIOS IV.** São Paulo: FAUUSP, 1982. p.107-112.

PÁDUA, J. A. **Um Sopro de Destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. p.318.

PAULA, C. C. **Florística da família Bromeliaceae no Parque da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais, Brasil.** (Doutorado). Departamento de Biologia Vegetal, Universidade Estadual Paulista, São Paulo-SP, 1998. 238 p.: il.

PELLEGRINI FILHO. A. **Ecologia, cultura e turismo.** Campinas, SP: Papyrus, 1993. 89 p. (Coleção Turismo).

PINTO, F. Q. B. **Avaliação do Potencial Turístico dos Municípios que Compõem o Parque Estadual da Serra do Brigadeiro.** (Monografia de Graduação). Departamento de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, 1999. 49 p.: il.

RIBON, M. J. **A importância do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro para o município de Fervedouro.** Fervedouro: Instituto Estadual de Florestas. 2005. 15p.

ROCHA, G. O. R. Ecoturismo na Amazônia: Uma análise das políticas públicas planejadas pela SUDAM. In: **Turismo e Ambiente. Reflexões e Propostas**. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 161-177.

ROCHA FILHO, G. N. O plano diretor da estância de Amparo, SP. In: **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 231-238.

RODRIGUES, A. B. Turismo rural no Brasil – ensaio de uma tipologia. In: **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru, SP: EDUSC, 2000a. p. 51-68.

RODRIGUES, I. S. A avaliação da paisagem para fins de desenvolvimento turístico. In: **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru, SP: EDUSC, 2000b. p. 223-244.

RUSCHMANN, D.V. M. Planejamento e ocupação do território através da expansão da atividade turística: condicionamentos básicos a partir da questão ambiental. In: **Turismo e Ambiente. Reflexões e Propostas**. São Paulo: Hucitec, 1997. p.49-54.

SALATI, E. Meio ambiente e tecnologia. In: **Ecologia. A qualidade de vida**. São Paulo: Publicação do Serviço Social do Comércio (SESC), 1993. p.87-96.

SANTOS FILHO, J. **O turismo brasileiro: equívocos, retrocessos e perspectivas - O balanço que nunca foi feito**. Revista Espaço Acadêmico. 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/025/25jsf.htm>>. Acesso em 21 de abril de 2004.

SERPA, A. A paisagem periférica. In: **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p.161-179.

SILVA, E. **Apostila de ENF 688 - Avaliação de impactos ambientais do florestamento e do reflorestamento**. Departamento de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG. 2002. 21p.

SILVA, E. **Avaliação qualitativa de impactos ambientais do reflorestamento no Brasil.** (Doutorado). Departamento de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, 1994. 309p. : il.

SOARES, M. P. **Verdes urbanos e rurais: Orientação para a arborização de cidades e sítios campestres.** Porto Alegre: Cinco Continentes, 1998. 242 p.: il..

SPIRN, A. W. **O Jardim de Granito: A Natureza no Desenho da Cidade.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. 345p.

SZAJMAN, A. Uma questão de consciência. In: **Ecologia. A qualidade de vida.** São Paulo: Publicação do Serviço Social do Comércio (SESC), 1993. p.9-10.

TURISMO ECOLÓGICO: MINAS GERAIS, BRASIL – São Paulo: Empresa das Artes, 2001.

# **ANEXOS**



**I-CARATERIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ENTORNO DO  
PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO BRIGADEIRO (PESB):**

MUNICÍPIO:		
ÁREA TOTAL DO MUNICÍPIO (Ha):		
ÁREA DO PARQUE NO MUNICÍPIO (Ha):	PORCENTAGEM DO TOTAL:	
POPULAÇÃO TOTAL:	POPULAÇÃO URBANA:	POPULAÇÃO RURAL:
RENDA PER CAPITA (em reais):		
ICMS ECOLÓGICO:		
PRINCIPAIS ATIVIDADES ECONÔMICAS:		
ACESSOS AO MUNICÍPIO:		
ACESSOS AO PESB:		
DISTÂNCIA DE BELO HORIZONTE (Km):		
CARACTERIZAÇÃO DA PAISAGEM:		
NÍVEL DE ARBORIZAÇÃO:		

<b>PORCENTAGEM DA POPULAÇÃO ATINGIDA</b>		
ABASTECIMENTO DE ÁGUA:	REDE DE ESGOTO:	ENERGIA ELÉTRICA:
EDUCAÇÃO:	TELEFONE:	LIMPEZA PÚBLICA:

ONG'S ATUANTES:
PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
ATRATIVOS NATURAIS:
ATRATIVOS CULTURAIS:

	POSSUI	NÃO POSSUI	É ATIVO
SECRETARIA DE TURISMO			
LEI DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO			
CONSELHO MUNICIPAL DE TURISMO			
LEI DE TOMBAMENTO MUNICIPAL			
PLANO MUNICIPAL DE TURISMO			
PROGRAMA NACIONAL DE REGIONALIZAÇÃO DE TURISMO			
POSTO DE INFORMAÇÕES TURÍSTICAS			
USINA DE RECICLAGEM DE LIXO			
PORTARIA DO PARQUE CODEMA			

Nº DE MEIOS DE HOSPEDAGEM:	TOTAL DE LEITOS:
Nº DE <i>CAMPING'S</i> :	Nº DE RESTAURANTES:
Nº DE AGÊNCIAS BANCÁRIAS:	Nº DE POSTOS DE GASOLINA:
Nº DE LOJAS DE ARTESANATO:	

MUNICÍPIOS PRÓXIMOS, RAIOS APROXIMADOS DE 100 Km, COM POTENCIAL DE DEMANDA (população/distância/serviços turísticos):

CARACTERIZAÇÃO TURÍSTICA CONCLUSIVA DO MUNICÍPIO:

## II-CARACTERIZAÇÃO DOS EMPREENDIMENTOS:

RAZÃO SOCIAL:	DATA DE INAUGURAÇÃO:
PROPRIETÁRIO(s):	
ORIGEM DO CAPITAL:	
ENDEREÇO:	
ACESSO:	
INFRA-ESTRUTURA DE TRANSPORTE:	
CARACTERIZAÇÃO DA PAISAGEM LOCAL:	
CONCEPÇÃO DO PROJETO:	
EQUIPAMENTOS INSTALADOS:	
CARACTERIZAÇÃO DAS INSTALAÇÕES:	
PRODUTOS TURÍSTICOS E CUSTO:	
IMPACTOS VISÍVEIS NO MEIO FÍSICO:	

POR QUE A DECISÃO DE INVESTIR EM TURISMO?

QUAIS OS PRINCIPAIS DESAFIOS ENFRENTADOS?

COMO É A CONCORRÊNCIA DO MERCADO?

COMO É A DEMANDA TURÍSTICA NA REGIÃO?

FALE UM POUCO SOBRE A OFERTA TURÍSTICA DA REGIÃO:

EXISTE UMA INFRA-ESTRUTURA BÁSICA DE APOIO AO TURISMO?

ORIGEM DOS INSUMOS E MATÉRIAS-PRIMAS:

EXIGÊNCIAS E COMPORTAMENTO DOS TURISTAS:

MANEJO DOS RESÍDUOS (lixo, esgoto):

RECURSOS HUMANOS (números, capacitação profissional, treinamento...):

SUGESTÕES PARA MELHORAR O NEGÓCIO NO TURISMO:

TURISMO COMO NEGÓCIO, QUAIS SUAS PERSPECTIVAS?

O PESB CONTRIBUI COMO ATRATIVO PARA SEU NEGÓCIO?

EM MÉDIA, QUAL A PORCENTAGEM DE HÓSPEDES QUE PROCURA O PESB?

### III-ENTREVISTA COM A COMUNIDADE LOCAL:

Entrevistado: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Sexo:  Feminino   
Masculino

Município:  Araponga  Fervedouro  Miradouro

Profissão: \_\_\_\_\_

Filiado a algum órgão/entidade de turismo:  Sim  Não

1) Você tem notado um aumento de visitantes/turistas nesta região/município nos últimos anos?

2) Caso afirmativo, em que época do ano você nota esse aumento?

2.1) Quais os motivos que você imagina que têm atraído pessoas para este município e região?

- festas
- belezas naturais (cachoeiras, paisagens...)
- o parque estadual (PESB)
- culinária
- artesanato
- esportes
- outros:

3) Você acha que esta cidade tem uma boa estrutura para receber os turistas?

- Sim  Não

Comentário: \_\_\_\_\_

4) Você acha que o turismo pode trazer benefícios para esta cidade e região?

- Sim  Não

Por quê? \_\_\_\_\_

5) Quais os aspectos negativos vindos da atividade turística que você gostaria de citar? \_\_\_\_\_

6) Você acha que a população deste município está informada e/ou envolvida com relação:

à implantação de projetos de turismo:

ao meio ambiente:

aos empresários do setor:

aos turistas:

às ONG's:

outros:

7) O que você acha que a atividade turística pode trazer para este município e região em relação a:

a) Impactos econômicos:

b) Impactos socioculturais:

c) Impactos no meio natural:

8) Quais as potencialidades que você pode apontar para o turismo neste município e região?

9) Quais as tendências, expectativas e ações para o turismo neste município e região que você poderia apontar?

10) Outros comentários e questões levantadas pelo entrevistado:

## IV-ENTREVISTA COM OS TURISTAS:

Entrevistado (opcional): Idade: Sexo:  Feminino  Masculino

Município de origem:

Escolaridade:

Meio de transporte utilizado:

Profissão:

Município que está visitando:

Araponga:

Fervedouro:

Miradouro:

- 1) Sempre visita a região?  Não, é a primeira vez.  
 Sim. Com que frequência?

2) Como soube dos atrativos da região?

publicidades

amigos que indicaram

agências de turismo

outros:

3) Você acha que esta cidade tem uma boa infra-estrutura para receber os turistas?

Sim  Não

Comentário:

4) Você acha que o turismo pode trazer benefícios para esta cidade e região?

Sim  Não

Por quê?

5) Em relação ao PESB: você já entrou no parque?

sim, fale um pouco como foi, como é a relação com o PESB:

não, fico na região do entorno: pousadas, camping, cidade



6) Veio em busca de:

- descanso
- contato com a natureza/ belezas naturais/paisagens
- culinária
- festas
- esporte
- artesanato
- outros:

7) O que diz do acesso aos locais visitados?

- ruim, difícil e isso é um empecilho
- difícil, mas isso não é um problema pra mim
- razoável, pode melhorar
- bom
- muito bom

8) Outros comentários e questões levantadas pelo entrevistado:

## **V-ENTREVISTA COM GERENTE DO PESB**

- 1) Quais os principais problemas/dificuldades no dia-a-dia da administração do PESB?
- 2) Como foi feita a escolha para o local onde foi construída a sede do PESB?
- 3) Como é feita a fiscalização dentro dos limites do PESB?
- 4) Fale um pouco sobre a relação com a comunidade do Entorno e dos projetos e programas que estão em andamento na região.
- 5) As prefeituras de Araçatuba e Fervedouro (onde estão as portarias) estão dando algum apoio para o PESB?
- 6) Como está o envolvimento com os demais municípios que fazem parte do PESB? Eles têm participado dos trabalhos e decisões?
- 7) Quanto aos funcionários do PESB, gostaria de saber o número, se são das comunidades próximas, e quem os contratou, todos do IEF ou prefeituras?
- 8) Como funciona o alojamento para pesquisadores? Deve-se solicitar uma autorização junto ao IEF? Como são as infra-estruturas? Podem alojar até quantos pesquisadores ao mesmo tempo?
- 9) O prédio com laboratórios e salas já estão equipados?
- 10) A Fazenda da Neblina (casa de hóspedes), como será utilizada?
- 11) Já estão tendo procura por parte de escolas e instituições? É cobrada uma taxa de entrada?

- 12) Quanto aos acessos, há algum plano de melhorias para as estradas até as portarias e para as estradas que passam pelo parque?
- 13) Como está sendo o funcionamento após a abertura?
- 14) Gostaria que me falasse um pouco sobre o Plano de Manejo, o PROMATA, o DIPUC, e o Conselho Consultivo do PESB, como estão sendo feitas estas atividades?